

bellesas, e leva o auctor a ter quasi horror do objecto, que ainda ha pouco o havia encantado.

Mas apos a tribulação segue-se o repouso, em que o espirito tranquillo olha para as suas concepções, ja livres do envolver, em que a sua phantasia as enleára: ve então as bellesas e os defeitos, os quaes (posto que quasi sempre decompostos pelo prisma do amor paterno) elle vai com tudo corrigindo, até que os entrega á luz da imprensa.

Que novas impresões lhe não vêm ferir então o coração!: umas vezes é um transporte de alegria, causado pelo elogio, que algum leitor lhe fez; outras uma dor, que lhe dilacera a alma, pelas censuras d'algum zoilo mordaz...

E não se julgue, que este affecto pelos filhos da nossa intelligencia, que estas sensações, que por elles experimentamos, actuam so sobre os espiritos vulgares. Os grandes genios, ou porque o sentimento seja proporcional ao talento, ou porque a sua grande penetração lhes mostre melhor o merecimento das suas obras, foram sempre os que mais apaixonadamente os estimaram. Assim, Camões, quando o genio das tempestades o lançou de encontro ao oceano, que ameaçava submergil-o, corta com um braço as ondas, emquanto que no outro levanta o filho querido do seu coração. *Os Lusíadas*, esse poema, que se não fóra o amor, que, seu progenitor lhe consagra, teria desaparecido, como desapareceram as nossas glorias.

Mas o cantor da Lysia encontra um digno emulo 'neste affecto: é Tasso: ¿Não o vedes, quasi delirante, lançado na desesperação, por julgar que amigos, a quem tinha confiado o seu poema ainda manuscripto, lh'o haviam roubado? ¡Não! não era so por ver malogradas as esperanças da sua futura independencia com a publicação de tam alto monumento litterario!: era mais que tudo, para a alma do poeta, o ver que lhe queriam arrancar o mais seguro trofeo da sua gloria.

¡Virgilio! ¿Acaso Virgilio não presaria a sua *Eneida* por haver recommendado em seu testamento, que a entregassem ás cham-

mas, porisso que lhe não havia dado o ultimo retoque? ¿Quem não ve 'nesta mesma recommendação o amor, que lhe tributava?! ¿Quem deixará de perceber, que ella não partia do coração, quando ao mesmo tempo pedia, que não cumprindo o seu desejo a não corrigissem?!

Ninguem, por certo. Este procedimento é a prova mais evidente, de que o coração de Virgilio estava repassado do mais vehemente amor pelo seu poemá. Elle queria ver na *Eneida* o symbolo da poesia e da perfeição; mas os seus desejos não poderam realizar-se. Ainda a não tinha acabado de corrigir, quando uma morte prematura o veiu lançar no leito da agonia. Foi então que ahi fez esta supplica, talvez so com o fim de evitar, que ousassem com adornos emprestados desfigurar a sua obra.

¡Bem seguro estava o vate de que ainda assim tinha construido um indestructivel padrão, onde para sempre ficaria gravado o seu nome!

Mas ¿que poderá encontrar-se aqui, que possa causar estranhesa? O pai ama o filho, porque ve 'nelle o fructo mimoso do seu amor: o escriptor ama a sua obra, porque ella é o presado fructo da sua intelligencia, a reprodução das suas ideas e sentimentos, o retrato da sua personalidade moral e intellectual.

(X.)

A DONZELLA E A ROSA

Dialogo

Donzella ¡Linda flor! como tu es bella! como es innocente!

Rosa Mais do que a minha bellesas, mais do que a minha innocencia vale a tua virtude. Não te illudas com o meu perfume, nem com as minhas cores.

Donzella ¿Porque titulos te appellidam pois — Rainha das flores? ¿porque es a querida dos poetas?

Rosa ¿Pois não o sabes?

Donzella Sei. É por causa dos teus encantos.

Rosa ¡Como te enganas, candida filha do ceu! A minha coroa de gloria devo-a eu aos espinhos, que me cercam. Se recebo

preito e homenagem de princesa, a elles devo eu tudo; porque são o meu unico thesouro.

Donzella ¡Linda flôr! explicai-me porque eu senti na face, ao ouvir-vos, a animação e o rubor, que sempre vos animam.

Rosa ¿Quereis sabel-o? Pois sim. A consciencia disse-te, Donzella, que assim como eu pelos espinhos grangeava para mim adoradores, assim os devias tu tambem captivar pela virtude.

Donzella ¡Es então, linda rosa, semelhante a uma donzella, cuja maior virtude são os seus espinhos!

Rosa Assim como tu igual a uma rosa, cujo espinho d'ouro deve ser a virtude.

PEDRO ROCHA

Maximas, pensamentos, etc.

O homem douto tem sempre em si mesmo as riquezas.

PEDRO

O orgulho sem soberba eleva o espirito, não o declina.

REBELLO DA SILVA

HYMNO

PARA UMA PHILARMONICA DE ARTISTAS

¡Artistas! — Pedistes-me as coplas para o vosso hymno...; e eu ahi vol-as envio. ¡Bem sei eu que a minha lyra não tem sons sufficientemente fortes e harmoniosos para expressar nos seus cantares o sublime pensamento de fraternidade, que presidiu á vossa associação! ¿Sabeis o que é um hymno? ¡É a bandeira commum, debaixo da qual vós todos vos alistais!.. ¡é o brado accorde e unanime, com que vós todos saudais a aurora, que vos chama ao trabalho, ou o grito de entusiasmo, com que todos escutais o som da oração da tarde, a dizer-vos que é findo o lidar do dia e que vai começar o doce repouso do serão!.. ¡Artistas!.. ¿Sabeis o que deve ser o vosso hymno?.. ¡a sympathica expressão de muitas almas, que não formam senão uma so alma, porque as

prendem dois indissoluveis laços — as lides do trabalho e o folguedo do repouso!..

¡Bem conheço que as coplas, que vos offerto, vos não poderão assim falar ao coração!.. ¡não vos saíram d'alma para que vos possam coar até la, nem a minha voz é assaz energica, para que possa despertar-vos as melodias mais intimas do sentimento!..

Amo a classe dos artistas, porque a ella se acha, em grande parte, ligado o 'porvir das sociedades...: amo-a, ¡porque ella arvora por credo no mundo o amor ao trabalho!.. ¡amo-a ainda, porque o seu folgar é innocente, as suas expansões entusiasticas e verdadeiras, e a mentira ou a hypocrisia nunca presidiram ás suas festas!..

Amo a classe dos artistas...; e esse amor foi que me inspirou as trovas, que vos offereço. Se as aceitardes — serei contente!

Trabalhar, meus irmãos, que o trabalho É virtude, é prazer, é vigor.

A. F. DE CASTILHO

Quando apos a fadiga do dia
Vem a noite o repouso trazer,
O artista, que a gloria enebria,
Inda encontra nas artes prazer:

Deixa as lides de insano trabalho,
Com que honrado grangea o seu pão;
¡E á orchestra da serra e do malho
Doces hymnos succedem então!..

CORO

¡Eia! irmãos! trabalhar des'que a aurora
Nossos tectos sorrindo dourou...
¡Que o descanço da noite enamora
Ao que o dia nas lides gastou!..

Vem um riso de maga alegria
Os seus rostos então animar;
Que aos encantos da doce harmonia,
Fogem magoas do immenso lidar:

E nos hymnos singelos, que entoam,
Ja deslembram do dia o labor;
Ja, contentes, suas almas povoam
So de imagens de riso e de amor.

CORO

¡Eia! irmãos! trabalhar des' que a aurora, etc.

E á fadiga de toda a semana
Segue um dia de grato prazer,
¡Que os seis dias de lide tyranna
Os faz sempre o domingo esquecer!..

¡Oh! bem hajas! que vens ao artista
A ventura, o prazer inspirar;
Que sua alma de novo conquista
A coragem p'ra novo lidar.

CORO

¡Eia! irmãos! trabalhar des' que a aurora, etc.

¡Oh! bem hajas, repouso, que pagas
Do trabalho o cruel amargor!
¡Oh! bem hajas, carinho, que affagas
Essa fronte, que banha o suor!..

¡Oh! bem hajas, suave harmonia,
Que o repouso do artista animais:
¡Oh! bem hajam trabalhos do dia!
¡Oh! bem hajam sublimes rivaes!..

CORO

¡Eia! irmãos! trabalhar des' que a aurora, etc.

A. M. DA CUNHA BELLEM

'NUM ALBUM

À EX.^{ma} SR.^a D. M. B. MORTE

¿Para que te vi no mundo,
Peregrina formosura?
¿Porque celeste candura
'Nesses olhos eu fui ler?
Tive amor sem ter espraça...
¡Ja um outro tu amavas!..
¿Mas p'ra que tanto obrigavas
A querer-te — sem querer?

Fugi-te ¡mulher! ¡Bem longe
Fui matar o sentimento;
¿Que sería o meu tormento
Se mais visse teu olhar?

Eu não sei se descobriste
Esse amor, que te votava...
Eu não sei quando t'olhava,
Se o podeste profundar...

Fugi, ¡mulher! Tanto tempo
Eu passei sem ver teu rosto;
Mas a saudade, o desgosto
¡Ai! tam amargos senti!..
Voltei, busquei evitar-te;
Porém de novo appar'ceste:
Se até 'li tu me prendeste,
¡Oh! ¡depois enlouqueci!

Mais vivo olhar me cravaste:
¡Ao teu sorrir d'este encanto!
Resistir não pôde tanto,
¡A teus pes me fui lançar!..
Agora rivais não temo,
A fugir não mais intento;
Serás minha — ¡ou 'num momento
Esta vida vou deixar!

Coimbra, 15 de Janeiro de 1859

A. S. R.

¡QUERO-TE MUITO!

Quer muito o passarinho á madrugada,
Que vem, d'entre cortina d'alvas nuvens,
Trazer-lhe, recendentes a po'sia,
As notas do seu canto:

Quer muito alva campina, pelo inverno
De frio congelada e quasi extincta,
Á sua primavera, que lhe volve
Verdura, amor, po'sia:

Quer muito á borboleta a flor do prado,
Quando esta d'outra flor, que longe dista,
Lhe repete, em segredo e 'num abraço,
De amor as confissões:

Quer muito o passarinho, que presago
Tem peito, que lhe diz p'riço eminente,
Á mouta espessa e forte onde elle encontra
Abrigo na tormenta.

E ¿ não te hei de eu querer, *estrella d'alma*,
Se tu p'ra mim resumes *Poesia*,
E *Amor*, e *Canto*, e *Abrigo* na tormenta?
¡Oh! sim! — ¡quero-te muito!

A. T. Q.

AOS SEUS OLHOS

Quando os teus olhos meigos contemplo,
Sinto a alma banhar-se-me em luz,
Como aquella, que espalha 'num templo
Uma lampada, ao pe d'uma cruz.

¡Sinto o que eu talvez nunca na infancia
Pude ao collo materno sentir!
¡Sinto Deus á mais curta distancia...
Sinto o que eu te não posso exprimir!

Vai-me a alma 'num como delirio
De innocente, que o somno enlevou...;
E assim, como a essencia d'um lyrio
Voa ao ceu, a minha alma voou.

¡Anjo meu tutelar! Mas... ¿não dizes,
Porque em mim fitas tu esse olhar?!
Se ha no mundo quem ame infelizes,
¿Não és tu, anjo meu tutelar?!..

JOÃO DE DEUS

LOGOGRIPHO

A primeira é so por si
Uma casa magestosa;
A segunda essa pertence
A familia harmoniosa:

A segunda co'a terceira
Póde-nos ricos tornar;
A terceira junto á quinta
Vel-a has no vasto mar:

A primeira co'a terceira
Vais encontrar no gamão;
A primeira, quarta e quinta
Não tem genio folgasão;

Se na quarta e quinta junctas
Me succede acaso andar,
Vou sempre mui receioso,
Porque posso la ficar;

E se agora do meu todo
Ver queres a traducção,
—Indica sempre uma coisa,
Que nos dá educação.

J. C. V. M.

N.º 9.º — *Natureza.*

EXPEDIENTE

Desejosos de não interromper a publicação do nosso jornal durante as ferias, como tem acontecido com outras publicações dirigidas por academicos, — resolvemos fazer sair no corrente mez os dois numeros, que nos cumpria apresentar no mez de Maio, e com os quaes terminará o 2.º trimestre.

D'este adiantamento da publicação dos PRELUDIOS-LITTERARIOS depende o adiantamento da cobrança do 3.º trimestre, sem o qual impossivel nos seria a realisação d'este nosso desejo, desejo tanto mais vehemente quanto julgámos, que a suspensão d'um jornal importa sempre, ou quasi sempre, a sua morte.

Pedimos portanto aos amaveis academicos, nossos assignantes, que, considerando as difficuldades, que, depois de posto o ponto, haveria na dita cobrança, — se dignem effectuar o pagamento do 3.º trimestre no principio do proximo mez de Maio, deixando, querendo, na loja da Imprensa da Universidade, os seus nomes e residencias durante as ferias grandes, afim de que regularmente lhes possam ser enviados os numeros, que por esse tempo forem saindo, e que, *para satisfazer saudades*, comprehenderão *uma revista mensal* de Coimbra.

A redacção fará publicar, e muito agradecerá os escriptos, que lhe forem remettidos, particularmente pelos lentes e estudantes da Universidade de Coimbra e das Escolas de Lisboa e Porto.

V. DA SILVEIRA

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.; Porto — Sr. Jacintho Antonio Pinto da Silva; Viseu — Sr. Francisco Gomes Pinto; Pezo da Regoa — Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora — Sr. V. J. da Gama; Bragança — Sr. Antonio Caetano d'Oliveira Furtado; Lamego — Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — Sr. José Pereira Curado; Aveiro — Sr. Ernesto Augusto Ferreira.

PREÇOS

SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA
Anno 1\$240	Anno 1\$460
Trimestre 360	Trimestre 450

Não assignantes: n.º 1.º a 6.º, contendo uma polka para piano e um grupo de estudantes: com estampilha — 660 réis, sem estampilha — 600 réis.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

PRELUDIOS-LITTERARIOS

(Continuado dos numeros 1, 2 e 3)

IV

¿Julgais, por ventura, que o estudante, saindo depois das suas aulas, se recolhe a casa para recommear, como devêra, o estudo de seus compendios, ou, pelo menos, para fazer algum novo programma de vida, em que entre o arrependimento e a promessa, o desejo e a vontade?

¡Não! O estudante, a não ser algum *moço-velho* ou urso gadelhudo, que consome a melhor parte da sua existencia traduzindo o *Digesto*, ou compondo um *quasi-discurso* de palavras mais ou menos sonoras e escolhidas aqui e acolá d'um auctor, que não entende, mas que tem o merecimento de haver recentemente chegado de Paris ou de Bruxellas, e de ser ainda pouco ou nada conhecido dos seus condiscipulos, o que muito favorece a sua ignorancia, o estudante, digo, so torna a entrar em casa para atirar com os compendios para um canto, para sentar-se á mesa, comer e beber como um desesperado, para jogar a bisca e o monte com o primeiro, que lhe apparece, para ralhar, para descompor a pobre servente, para fazer ¿eu sei?... trinta mil despropositos, ¡que nem vendo-os se acreditam!..

Acabado o jantar, perdido o dinheiro, quebrado o pe d'uma mesa ou costas d'uma velha cadeira—eil-o ahi vai, de capa trçada, todo petulante, de charuto hespanhol na bocca, porque o charuto portuguez, a não ser dos que a *quadrilha-contracto* reserva para seu uso, é o mais vilão de todos os charutos conhecidos, e continuará a sel-o,

1859—Maio

em quanto não houver um governo sufficientemente instruido e moralizado, que comprehenda, *que sinta*, que se não deve envenenar um povo inteiro a troco de *meia dusia* de contos de reis, que uma sabia e prudente contribuição podêra substituir, sem o sacrificio da propria vida; ou um povo, que conhecedor dos seus direitos, e convencido da impossibilidade d'um tal governo, fatigado de supplicar... procure evitar, por meio de recursos proprios, essa morte lenta, a que o tem condemnado a ignorancia, a immoralidade d'uns, e a ambição, a cega avaresa d'outros...; eil-o ahi vai, digo, todo penetra, e la entra no magro restaurantê do Sr. Bernardo, no classico cafe de Mr. Simon ou no espeluncal bilhar do Abilio Roque..., para recommear os seus despropositos, para empenhar-se até os olhos, sem consideração por si, pela familia, pelos lentes, pelo guarda-mor ou pelo archeiro, que o vigia de perto, que o cumpri-me...

¡Que importa!..

Esgotada apenas a taça de cafe d'envolta com alguns calices de licor, de genebra ou de cognac; depostos os tacos, cançados os pulmões de tanto gritar, porque o estudante não fala—grita: eil-o ainda caminhando a novas extravagancias, eil-o correndo todas as ruas da cidade, todos os logares favoritos, que rodeam Coimbra, sem o menor proposito, louco, escarnecedor, atirando com pedras ao ar, contendendo com todos, dizendo mil *parvoices*, fazendo mil trejeitos ás pobres e innocentes raparigas, que passam e coram de pejo e de vergonha...

¡Oh! vós não conheceis o que são estas creanças!.. Acreditai-me: ¡não ha gente mais immoral, mais *nociva* á sociedade do que

N.º 11

esta! Se tivésseis vivido em Coimbra, como eu tenho vivido, se tivésseis envelhecido no meio d'elles, como eu tenho envelhecido... então sim; então comprehenderieis a necessidade de acabar com tudo isto... ¡A universidade!: ¡a universidade é a ignorancia, é o vicio *canonizado*!: a sua morte, o seu anniquillamento seria, Senhores, eu vol-o affianço, o maior passo, que na actualidade, 'nesta epocha de pura libertinagem, se poderia dar para uma boa organização social. E como não aconteceria assim, se esta gente é a mesma, que continuamente está invadindo todas as espheras da acção governamental, todas as instituições civis e religiosas, o municipio, a familia,—todo poder?

Mas, escutai-me ainda por um pouco; deixai-me ligar o dia á noite e a noite ao dia na desregrada vida d'esses rapazes.

É sem duvida com as sombrás, que as verdadeiras scenas de horror começam para o estudante: as espeluncas, essas casas, em que se perde tudo, o doce socego da alma, a fortuna, o talento, a honra, a vida—¡essas casas enchem-se e vergam em poucas horas debaixo do peso de inauditos escandalos!..

¡Não ha crime ou immoralidade, que se não pratique então! O batoteiro, o hotelista, o botequineiro, a prostituta, avidos todos de ouro e prazeres, com diabolica astucia se apossam do estudante, e em seu louco redemoinho de sensações freneticas, de sacrilegos desejos, que lhes inflammam o sangue e lhes tresvariam a mente—o arrastam comsigo até o ultimo degrau da prostituição humana!..

O estudante assim arrebatado nos braços de Satanaz, esquece tudo; esquece os seus deveres mais sagrados...; ¡e nem a terna voz da mãe afflicta, nem os severos conselhos do pai ancião, nem ainda a suave harmonia das supplicas apaixonadas e ardentes da amante, que lhe fala de longe, lhe desperta um remorso n'alma, pouco e pouco adormecida, prostrada no leito de tantos gosos, de tantos prazeres sensuaes, que, durante todo o dia, o inferno inteiro lhe perfumára de jasmíns e de rosas, com que o espirito se embriaga, e a materia, o corpo se irrita e inflamma!..

.....
É alta noite: o estudante atordoado ainda, movendo-se a custo, procura ás apalpa-dellas a porta da sua mesquinha habitação. Entra: senta-se abatido na primeira cadeira, que encontra: o canção, a aridez e o silencio do seu quarto, aquella atmosphaera fria e humida, que o rodea,—tudo contribue para que o fogo de tantas paixões se lhe extingam no peito, e a mente se lhe esclareça... Forceja então por passar em revista quanto lhe acontecera durante aquelle dia...; lembra-se dos conselhos, das supplicas dos seus amigos; figura-se-lhe ver sua pobre mãe lavada em pranto, repassada de mágoa..., seu pai ancião, que tantas fadigas pela sua felicidade opprimem ainda, já prestes a fulminar sobre sua cabeça o terrivel anathema, que mais d'uma vez os seus desvarios lhe provocaram; em quantó que descobre nos labios da amante o sorriso d'amor, que por elle lhe animava o peito, trocado em mortifero gesto de desprezo, com que o coração geme e se despedaça...

O misero estremece então de horror e de susto...: sente o remorso, procura a mesa e os livros..., quer estudar a licção do dia, que já começa a esclarecer-lhe o quarto... Mas ¡debalde!

¡O estudante nada comprehende! A sua cabeça, ha pouco formosa, agora desgrednhada e mal pousada sobre a mão, pendelhe por vezes sobre o esfarrapado compendio...: as palpebras se lhe fecham, entreabrem-se-lhe os labios; e a luz do candieiro, que crepita e vacila em mysteriosa sombra, despede o seu ultimo clarão e se apaga de todo... O estudante deixou-se vencer pelo somno e pelo canção; e o desgraçado dorme, dorme o somno do condemnado na ultima hora, que precede a do seu triste passamento.....

.....
E este discurso, tantas vezes assim repetido em Coimbra e ainda la fóra, e sempre mais ou menos carregado, mais ou menos *poetico*, segundo a imaginação e o fim, que se procura conseguir..., termina *por habito* em um riso secco e estridente, que se prolonga até que uma larga e noventa pitada

de rapé, sorvida a custo, restitua ao rosto do velho commentador aquella gravidade hypocrita, aquelle ar de lastima, com que começára a sua narração.

(Continúa)

V. DA SILVEIRA

A FAMILIA E O PADRE

(Continuado do numero 7 e 10)

III

Immensa é a empreza, que cabe em sorte ao sacerdocio.

A seu cargo está extirpar a corrupção, que presentemente se propagou nas classes inferiores.

Inspirar o amor d'esta liberdade evangelica sempre ajustada com a ordem constituitiva, e com o poder que a rege.

ROSSELY DE LORGUES

Queremos que o padre seja só padre.

A. R. SAMPAIO

Sendo pois o sacerdocio tam necessario na sociedade, como a familia, alem d'outros motivos, porque é o interprete e o advogado nato d'este sentimento religioso, que nasce, vive e morre comnosco, importa muito que os poderes publicos não discurem da sua instituição, fazendo com que ella não seja antagonica com a familia e em geral com a sociedade.

Entendamo-nos: Se a religião para vós não é uma mentira, se a alojais no coração tam pura como os vossos labios a pronunciam, se reconheceis a sua influencia civilisadora na sociedade civil, confessai tambem a importancia e indispensabilidade do padre, cujo instrumento elle é.

Reconhecer a necessidade e importancia da religião, negando a do padre,—é uma contradicção miseravel, senão uma necessidade pueril.

Importa portanto eleva-lo á altura, que elle merece, e habilita-lo a tornar-se digno da posição elevadissima, que de direito lhe pertence, mas que de facto não occupa, nem é talvez digno de possuir.

O posso clero é, em geral, ignorante, e para que dissimula-o? Mas a culpa não lhe cabe a elle toda.

Os poderes publicos occupam-se não sei

em que, e as reformas mil vezes proclamadas e outras tantas promettidas, continuam no mesmo atrazo, no mesmo abandono.

A politica, estorcendo-se nas angustias d'um longo e doloroso parto, dá á luz um desengano apos outro desengano, uma mentira apos outra mentira!..

O dia d'hoje apparece risonho e seductor, e no firmamento politico la se divisam estrellas fulgurantes, nuncios d'esperança e prosperidade!

—Diriamos que tocámos o apogeu da suprema ventura ca na terra.

O dia d'amanhã antolha-se ennuveado, carrancudo, tenebroso... , é tudo descrença e desgraça!..

—Diriamos que não está longe o abysmo ou a voragem, que nos vai tragar!

¿Porque tam instantaneas mudanças?

¿Porque se cantam hoje hymnos de prazer, e ámanhã se soltam ais plangentes, nenias dolorosas?

¿Porque a nau do Estado foi hontem dirigida por — *Sancho*, e hoje por *Martinho*?
¿Irrisão!

¿E a politica é, assoalha-se por esse mundo d'escandalos, não de *peçoas*, mas d'*ideas*!..

Neste estado de coisas, tam emmaranhado e anarchico, não admira, mas é de lamentar, que os verdadeiros interesses se condemnem a um ostracismo indigno, e que cada dia demos um passo no caminho do desperdicio.

Quando porém as luctas d'um egoismo ferrenho e desenfreado tocarem o seu termo; quando os rancores politicos descerem á sepultura envoltos na mortalha do esquecimento — para nunca mais de la surgirem, é então e so então, que ha de começar a hora da redempção.

¿Deus queira que seja breve! Somos estranhos, como estranha é a indole d'este jornal, a essa politica militante, que ahi arrasta uma existencia alquebrada e ingloria, e cuja missão desoladora parece ser — ja d'extinguir os ultimos risiduos da esperança! — Mas ¿os que conservam a cidadella sagrada do espirito em toda a sua virgindade e robustez, os, a quem as lavas tisonadoras do scepticismo não mirraram o

coração, petrificando-o, poderão suffocar a voz da consciencia, e não levantar um brado de maldição sobre essas luctas, que so destroem e nada edificam?

Vêde como se encontra a instrucção do clero e em geral a sua posição, e tereis, d'entre mil, uma prova do que deixámos dito.

Temos visto annuciado um milhão de vezes, em programmas pomposos e promettedores, uma reforma sobre todos os ramos d'instrucção publica: ¿onde está ella?

Esses programmas la jazem no limbo das secretarias, se porventura o po os não consumiu, ou algum arganzaz os não corroeou...

Fallaremos (nem os nossos minguados recursos a mais se atrevem, se isto lhes não é mesmo superior) apenas da instrucção do clero, a qual reputámos uma das primeiras condições de sua existencia, como uma das primeiras necessidades da nossa sociedade.

Caminha o tempo, e com elle a sociedade nas suas successivas evoluções; e, para que o padre não seja um peregrino no meio do seculo, é preciso que o acompanhe em todas as suas transformações, falando-lhe uma linguagem, que elle comprehenda.

Não, que os dogmas do christianismo sejam mudaveis em sua divina essencia; mas o que varia, e o que tem d'acompanhar o espirito humano em seu successivo desenvolvimento e os seculos em suas continuas progressões, são as explicações d'esses dogmas — os methodos d'exposição. — É assim que dizemos — que o padre deve acompanhar o seculo e variar com elle.

«O sacerdote tendo sido instituido para espalhar a luz e o perdão entre os homens, terá o saber necessario para dar o sagrado ensino debaixo das formas progressivas, accomodando-se com as exigencias dos tempos, e até por vezes prevenindo-as.» (Rossely de Lorgues).

É por isso que a linguagem de Boussuet e Massillon deveria ser e foi muito differente da dos jesuitas prégando aos seus neophytos do Paraguay.

Em contradição viva com estes principios vemos nós ahi a instrucção do nosso clero.

Os mancebos, que se dedicam á vida ecclesiastica transpõem, d'ordinario, o limiar dos antros soturnos dos seminarios, desprovidos de todos os conhecimentos elementares, sendo o seu espirito um verdadeiro deserto d'ideas, ou a *tabo-rasa* de Condillac.

'Naquelles logares subministra-se-lhes uma instrucção tam acanhada e por forma tam anachronica, que o padre sai d'alli com o espirito recheado de maximas, em grande perte d'uma moral absurda e casuistica, levando também na memoria *meia dúzia* de textos sagrados, que elle applica a esmo e com o discernimento do papagaio.

Provido assim o seu espirito, apresenta-se o padre 'numa sociedade, que não comprehende e nem é d'ella comprehendido, vindo a ser um verdadeiro pleonasm na sociedade.

O padre d'hoje assemelha-se a esses charlatães e ambiocos vulgares, que tomam sobre si a responsabilidade d'uma causa, que compromettem, porque não podem, nem sabem advogal-a.

A culpa não é toda do clero, disse eu ja, e creio ter dito a verdade.

O tirocinio scientifico, por que tem de passar o nosso clero é irregularissimo, sendo os professores, na maxima parte, ignorantissimos, pois que a exiguidade do ordenado affasta d'este honroso ministerio qualquer mediocre capacidade.

A primeira medida, portanto, que o Estado deveria levar a effeito, — é fazer da instrucção do clero um systema regular e uniforme, elevando a recompensa dos professores, de modo que ella seja um estimulo e atractivo para a concurrencia dos homens de profundo saber e illustração.

Ha coisas, que se não podem exigir por pura abnegação; e querer que um homem consuma todo o tempo em longas e penosas vigalias, debruçado sobre os livros, encurtando, não raro, os dias da sua existencia, para depois aspirar ás honras d'um professorado, onde tem de viver d'esmolos, alem de ser uma injustiça social, — é um desejo que nunca, ou pouquissimas vezes se realisará.

Se se accusasse menos o clero, e se po-

zesse mais empenho em erguel-o do abatimento, em que ora jaz, ja ha muito que estas verdades teriam recebido o ultimo sacramento — o da realidade.

Parece que, entre as regiões do poder e os brados da opinião pública, existe um muro de ferro; pois so assim póde explicar-se a indiferença e surdez dos governantes aos gemidos d'um povo, que soffre...

No entretanto, va o clero fazendo desajudado o que um dia melhor poderá conseguir protegido e soccorrido pelos poderes publicos. Ninguem melhor, do que J. Balmès, mostra ao padre a necessidade de munir-se d'uma sciencia solida e illustrada.

«... D'estas considerações, diz elle, resulta a indispensavel necessidade para o clero catholico de possuir conhecimentos, que estejam ao nivel do seu tempo, a fim de que o erro não possua auxilios, que faltariam á causa da verdade.

«É necessario que os ministros da religião se penetrem da importancia e gravidade d'este dever; é necessario que, vivendo em tudo separados do seculo pela pureza de sua vida e austeridade de seus côstumes, não permaneçam comtudo immoveis no meio do movimento, que se executa em torno d'elles; que gravem profundamente no seu espirito esta verdade: — que não existe opposição alguma entre a luz da intelligencia e rectidão do coração, e que a sciencia não é inimiga da virtude, e que os ecclesiasticos podem ter os olhos fixos sobre o movimento da epocha, sem que se deixem affectar da corrupção, que muitas vezes acompanha o progresso.»

Não basta porém que o padre seja so instruido; é preciso que tenha uma abstenção completa das coisas temporaes, que não estejam estreitamente ligadas com a natureza do seu ministerio.

Não queremos, que o padre saia do templo, e que se emmaranhe no vortice das coisas mundanas, aspirando a um lugar na hierarchia social ou politica. Queremos que essa abstenção seja até decretada pelo Estado, porque — *queremos, que o padre seja so padre.*

EDUARDO J. COELHO

(Continúa)

LAGRIMAS E FLORES

POR

J. PINTO RIBEIRO

(Continuado dos numeros 7, 8 e 10)

IV

Desenhar, não este ou aquelle personagem, mas um typo distincto, tal é o proposito que o olho menos penetrante descobrirá na ode — *Veterano e Mendigo*. — O poeta, circumscripto á limitada área d'uma poesia, tentou apresentar-nos o vulto respeitavel do soldado, que, depois de ter encanecido entre o fragor das refregas, depois de ter arriscado a sua vida e vertido o seu sangue mil vezes pela patria, a final apenas recebe d'esta por premio os andrjos de mendigo, e por apanagio uma encherca no hospital. A tentativa saiu coroada do melhor exito, a imagem saiu novissima; é um quadro que se depara a cada passo nas paginas da nossa historia; é Albuquerque morrendo atropiado pelos disabores; é Castro não tendo á beira do tumulto com que comprar uma gallinha; é Pacheco expirando pobrissimo no hospital de Lisboa; é Camões vivendo dos obulos mendigados pelo Jáo.

A antithese do sonho do veterano e o despertar do mendigo é um toque magistral. Aquelle que se julgava transportado ao meio de cruento combate; aquelle que 'num excesso de exaltação febril julgava atravessar um campo juncado de cadaveres, achava-se 'num canto da estrada no mais lastimoso estado de isolamento e nudez; aquelle a quem se affigurava ouvir o rebombo da artilheria e o *retintim* dos gladios, como onomatopaicamente diz o poeta, não podia ouvir senão os passos e as vozes dos viandantes, que successivamente se iam sumindo nas sinuosidades do caminho; aquelle que julgava apalpar o sangue ainda fumegante, que lhe brotava das feridas, não podia apalpar se não os gelos, que lhe repassavam as carnes e extenuavam as forças. | Tanto póde a imaginação na alma enthusiasmada do veterano!

Pinto Ribeiro conclue assim a ode:

.....
 Deixa, deixa piedoso
 Que os rapaces, fataes conquistadores
 Em abrazado vôo,
 Quaes soltos raios circulando a terra,
 Vão d'ella aos fins com sangue
 Fixar seu nome em colossaes pyramides;
 Tu — soffre, « morre... e vinga-te.»

! Que remate este tam habilmente aproveitado!, que brilho!, que emphase no ultimo verso!, que rasgo de sublime tam semelhante aos tam conhecidos de Corneille!, que lacnismo tam incisivo e eloquente! É que 'naquellas breves palavras está exarada uma nodoa indelevel sobre a honra do conquistador, que tendo-se aproveitado dos serviços do pobre soldado como d'um degrau para subir ao apogeu da gloria, deixa-o succumbir no maior abandono; é que com a sua morte angustiada, ao mesmo tempo que tirava a mais terrivel das vinganças contra o paiz, que lhe pagava com a ingratição, adquiria mais um titulo á estima da posteridade.

Logo abaixo d'esta, collocâmos nós a poesia intitlada — *O Sino do Mosteiro*, supposto que 'nesta o poeta por vezes guinde um pouco o pensamento, e a phrase lhe sáia aqui e alli gongozica e extravagante; defeito que, ainda mesmo não fazendo caso do dito de Horacio sobre o somno de Homero, devemos relevar, attendendo ás excellencias que em compensação ahi se encontram, e que dão occasião a apreciar mais outra vez os quilates do engenho do poeta.

A hora escolhida para compor *O Sino do Mosteiro* foi a do crepusculo matutino; era a hora mais propria para inspirar uma pagina rica de philosophia e enthusiasmo como aquella; a meditação, esta irmã gemea da poesia, não ama so a melancholia da noite de luar, ou o romanticismo do sol no occaso; simpatiza tambem e muito com a magestade solemne da aurora, e se poucos a ella se entregam então por incommoda, não perde por isso o seu esplendor.

O poeta deve ter nascido tal, ja o dissemos, porém muito concorre a occasião para o acabar de formar; este principio, que

ainda ha pouco liamos em sentido mais lato n'um livro de Zimerman, ve-se realisado todos os dias. ! Como se seria poeta, se nos tivessem incarnado nos ossos a burguezia dos *barões* de C. Castello Branco? ! Como se modularia em estrophes um pensamento elevado, se nos encarcerassem perpetuamente dentro d'um balcão?

Mas se pelo contrario o poeta vai observar a natureza, quando ella se nos apresenta com toda a pompa, sente acerado o engenho e poetisa; a alma é-lhe enlevada por esse numen, que o poeta invoca na epopeia, que inspira o heroe na tragedia, que se transforma em simples burguez na comedia e em pastor na ecloga; 'numa palavra, pelo fogo do enthusiasmo. ! É 'nestes transportes, que Virgilio ve tam perfeitamente a ruina de Troia; que Camões ve apparecer de sobre as rochas do cabo das Tormentas o vulto gigantesco e esqualido do Adamastor; que Milton ve reunidos no Pandemonio o conciliabulo das potestades infernaes, forjando a queda do homem; que Almeida Garrett descreve com traços tam delicados a entrevista, em que o conde de Castanheira, generoso rival, aperta a mão do cantor dos *Lusiadas*; e que Pinto Ribeiro (não haja reparo em por este nome ao pé dos epicos immortaes) ouve o tanger do *Sino do Mosteiro*!

A musa religiosa, que sempre teve um cultor tam crente no author das *Lgrimas e Flores*, revela-se aqui admiravel; a contricção, que transpira 'naquelles versos, é a contricção de Lamartine e Manzoni, verdadeira e sublime; e se os sons vibrados na sua harpa não egualam os dos dois grandes lyricos, a crença não era inferior 'naquella occasião. Os versos:

... oscillando entre a luz e as trevas
 Minh'alma erguida ás regiões lustrosas
 Por tam mago poder, qual anjo reprobado,
 Em breve tomba nas mansões da noite.
 Que tu não possas derramar-lhe, ó campá,
 'Nesses sons pios o anciado allivio,
 E annunciar-lhe em vez d'este crepusc'lo
 Ou noite perennal ou dia eterno!...

exprimem uma idea luminosa, que lhe occorreu ao lembrar-se do balsamo, que podia ter na vida monastica para cicatrizar

as feridas do coração. Era uma reminiscencia da ventura, que Nuno Alvares, Luiz de Sousa, Luiz de Leão, e tantos outros, acharam nos penetraes do claustro.

Do que temos escripto, se ve, que não foi apaixonados que viemos tecer o panegirico de Pinto Ribeiro, e que não foi menos sincera a dor, que sentimos ao deixar de o ver cultivar a poesia, como lhe convinha. Este exemplo porém não é a excepção, é a regra; o facto é infelizmente a reproducção de mil outros identicos.

Fraca é a nossa voz para achar echo nos corações d'aquelles, que nos ultimos annos tantos louros têm colhido nas lides poeticas; mas fraca como é, aqui a exalçamos pedindo-lhes, que rejuvenesçam quanto antes a eschola que crearam, e iniciem novos neophytos nos mysterios de que são senhores.

A. L. S. DE CARVALHO

A CREAÇÃO DA MULHER

Anecdota contemporanea

No dia vinte-oito de Junho do anno passado, 1858, achavam-se reunidas, ás onze horas da manhã, umas seis ou sete pessoas dentro das mesmas paredes e debaixo do mesmo tecto.

É o facto mais simples e trivial do mundo todo.

Não importa, vejamos sempre.

Quatro d'essas pessoas eram do sexo amavel, e as demais do sexo amante.

Isto já dá interesse; mas não é tudo.

Tres das primeiras eram novas e solteiras.

Cresce o interesse na proporção que diminue a idade das amáveis.

A quarta, se não era nova nem solteira, primava em excellentes dotes de decidida respeitabilidade.

Já vedes que era muito interessante a reunião pelo que respeita á parte essencial: a outra parte também não era nada de rejeitar. Avultava nella, principalmente, um mancebo de luneta e bigodes, que em frente das tres bellas era bastante para dar

relevo a um romance, quanto mais a uma anecdota.

Já sabeis agora, que além de novas e solteiras eram bellas; e se ainda isto vos não desperta, ide com Deus, que não sois ca d'este mundo.

Eu, se fosse poeta, chamava-lhes anjos, ou ao menos sylphides; se fora oriental, chamava-lhes fadas; se mahometano, houris. Assim, sendo prosador, occidental e christão, reuno as tres ideas e chamo-lhes simplesmente — *mulheres*.

Aquellas almas descuidosas e louças perdiam-se em conversações fugitivas e prazenteiras, respondendo-se ao desafio em ditinhos chistosos, em galanerias espirituosas, mais ou menos adubadas com seu epigrammasinho á mistura, mas sempre de boa feição, em allusões provocantes, que mais d'uma vez fizeram de carmim aquellos rostinhos feiticeiros, quando o mancebo, a quem chamarei Gonsalves, disse, erguendo a voz:

— A proposito, minhas Senhoras, vou, se V. Ex.^{as} dão licença, contar uma historieta, que acho galante e engraçada.

E nós agradecemos, — responderam á uma ás senhoras.

Proponho, porém, uma condição.

— Está accete.

— Olhem lá, minhas senhoras; não haja arrependimentos tardios...

— Nada, — vamos á historia.

— Primeiro á condição.

— Pois sim, mas depressa.

— Não hão de ficar mal commigo.

— Pois a coisa é para isso?

— Talvez. Mas advirto, que nem a historia é minha, nem subscrevo á opinião do auctor.

As tres mais novas olharam-se um instante, trocaram um sorriso, e depois voltando-se para o mancebo:

— O dito, dito. Conte a historia, que não ficamos mal comsigo, — disse uma, abrindo o leque.

E os olhos diziam bem mais...; e tanto, que o pobre moço ia ficando quasi parvo com um pensamento, que lhe sorriu la dentro.

— E olhe que já se nos vai esgotando

a paciência e a curiosidade; — continuou com o sorriso mais maganão e seductor, que em labios de mulher tem adejado.

— Em quanto á primeira concordo, minhas senhoras; em quanto á segunda... não direi que é impossivel...

— ¿ Mas pensa-o?

O mancebo sorriu e calou-se.

— ¿ Sabe que nos está atacando?

— É o mau fadario da verdade.

— Mas ¿ não sabe que nem todas as verdades são para se dizer assim na cara da gente?

— Que quer V. Ex.^a, minha senhora, se tenho o mau sestro de dizer sempre o que sinto.

— Está bom, deixemos isso, accudiu outra: — vamos á historia.

— Sou um creado de V. Ex.^a. La vai:

«Haverá quinze ou vinte dias, que 'numa reunião estava grande numero de pessoas de todos os sexos, de todas as edades, de todos os typos e de todos os estados. A conversação corria variada e caiu insensivelmente no merecimento relativo dos dois sexos.

— Por mais que andem e desandem, dizia uma bella pretenciosa, não podem os homens negar a origem vil donde procedem. E para prova basta que, por mais que se lavem e relavem, sempre deixam a agua suja. Bem se ve que são de barro.

— Perdão, minha rica senhora, disse um dos da reunião: peço licença para recordar a V. Ex.^a, que a nossa natureza é a mesmissima á face da Biblia.

— Não é tal, redarguiu ella com fatuidade; creadas d'uma costella, ja somos de materia aperfeiçoada.

— Não foram tal creadas de costella nossa, exclamou outra voz de homem.

Todos ficaram pasmados do tom decisivo, com que assim se negava uma verdade das letras sagradas. A novidade suscitou o interesse, e todos se calaram a ver o que d'alli saía. A mesma voz soou então:

— É um erro dizer-se, que a mulher haja sido formada d'uma costella do homem. Não foi tal, repito. A Biblia não mente, mas não diz tudo. Eis o caso como foi.

Comprimiram-se as respirações, e cada qual concentrou toda a sua attenção no que se ia dizer.

O narrador em prespectiva, dignissimo proprietario de tam luminosa idea, surgiu então do vão d'uma janella, lançou um volver d'olhos por aquella gente toda e principiou com ar de riso:

— Deus, que la lhe doía deixar o homem so no mundo, lembrou-se de dar-lhe companhia. «Faça-se a mulher» — pensou elle. E ¡ foi mesmo um pensamento divino! Chamou para isso um anjo, deu-lhe as suas ordens e o anjo immediatamente baixou á terra.

Espreitou quando o pai Adam estava dormindo, e foi-se chegando mol e mol para o pe d'elle. Deixou-o pegar bem no somno, e depois ¡ zas! dá-lhe um revés de durindana e corta-lhe um taçalho de carne com uma costella agarrada. ¡ Ficou uma ferida immensa e sangrenta, que aquillo so visto!

E vão notando, minhas boas senhoras, que ainda a mulher não existia, e ja nos feria d'aquelle modo. Isto á parte.

«O anjo de nosso Senhor, querendo curar o pai Adam antes d'elle acordar, poisou a carne sobre uma pedra, e la tratou de o sarar conforme pôde. Vai depois para tomar a carne, e ¡ visperé! achou-lhe o poiso. Ora elle, se não fosse anjo, chorava... ¡ E por um tris, que não ficamos sem mulher!..

Foi Deus que lhe tocou no coração. Estendeu a vista ao largo e ve ir fugindo, entre-sumido pelas arvores, um cão com a carne na bocca. Agora o veras. Dá sobre elle sem mais detença com a espada alçada, e eil-o la vai todo açodado, chamando, asobiando, ameaçando; mas com tudo isto mais o bruto se movia.

As arvores não o deixavam servir-se das asas, e a pe é muito difficil apanhar um cão em bom caminho, quanto mais 'numa mata virgem.

A final, para encurtar, conseguiu agarral-o pelo rabo. Mas ¿ como tirar-lhe a carne? Se largava a espada, o cão mordia-lhe; se largava o rabo, o cão fugia. Era uma posição difficilima. Occorreu-lhe felizmente um

bom pensamento: cortou o rabo do cão e deixou-o fugir.

E aqui está, pois, de que veio a formar a mulher.

A gargalhada rebentou espontanea: so a antagonista mordeu os beiços, ergueu o leque á altura dos olhos, e não disse nem uma palavra mais em toda a noite.

—Ora realmente, senhor Gonsalves, jisso não são coisas, que se contem a senhoras! exclamou a mais nova das quatro, agitando com frenezi o ligeiro pésinho, que o indiscreto balão deixava ver-se a espreitar por debaixo das rendas entufadas d'uma calcinha de neve; — escolheu pessimo assumpto de conversação... Se eu soubesse...

— Oh! minhas senhoras, eu adverti e fui instado! E demais d'isso, torno a dizer, que não sou da opinião do narrador. De certo, quem se lembrou de dizer, que as senhoras são de carne de cão, não tinha tido a honra de conhecer V. Ex.^{as}.

— E jentão que tinha! — disse immediatamente a mais velha sorrindo: o cão é o symbolo da fidelidade.

— Pois é por isso mesmo, minha senhora, que eu não acho analogia nenhuma nos dois entes.

J. SIMÕES FERREIRA

CONTRASTES ENTRE O ORIENTE E O OCCIDENTE

Os europeus, diz Mr. Ugrnhart, collocam com solemnidade a primeira pedra d'um edificio; mas os turcos festejam o termo da construcção do telhado.

Entre os turcos a barba crescida é signal de dignidade; entre nós de negligencia e desalinho.

Rapar a cabeça é para elles um costume, e para nós um remedio.

Na Europa tiram-se as luvas em presença do soberano; na Turquia cobrem as mãos com as mangas da veste.

Nós entrámos 'numa casa com a cabeça nua; elles entram descobrindo os pes.

La trazem os homens o pescoço nu, e ás vezes os braços; ca são as senhoras, que imitam esse costume.

Na Europa as senhoras usam nos vestidos de cores brilhantes, e os homens de cores escuras.

Os ottomanos praticam exactamente o contrario.

Ca são os homens, que namoram e procuram as senhoras; la são ellas as que tentam seduzir o outro sexo.

Na Europa uma senhora não costuma visitar um homem; na Turquia um homem não póde visitar uma senhora.

Na Turquia as senhoras sempre trazem calças, e os homens ás vezes usam saias.

O tecto das nossas casas é branco e as paredes pintadas; entre elles, o tecto é pintado e as paredes são brancas.

Na Turquia ha distincções de jerarchia social sem privilegios; na Inglaterra ha privilegios sem distincções sociaes.

Entre nós as conveniencias sociaes e da etiqueta superam os vinculos domesticos; entre elles a etiqueta da familia vence a da sociedade.

Entre nós o mestre recorre á authoridade dos pais; na Turquia são os pais, que appellam para a superior authoridade do mestre.

Os rapazes turcos têm modos viris; os nossos homens (inglezes) têm modos de creanças.

Entre nós os patrões tomam informações sobre o character de seus criados; na Turquia os criados é que procuram informações ácerca dos patrões. O motivo é porque la não ha ordenado fixo, mas sim presentes a capricho dos amos.

Nós reputámos a dança como um passatempo elegante; elles a consideram uma occupação infame.

Na Turquia a religião oppõe-se aos tributos; — na Inglaterra o governo levanta impostos em prol da religião.

Na Europa a religião do estado recebe as oblações dos fieis; na Turquia a religião protege o sustento dos seus proselitos.

(Continúa)

Maximas, pensamentos, etc.

É indubitavel, que os homens valeriam

mais, se se exercitassem a miudo em escrever quanto pensam. A palavra fugitiva e indecisa permite um certo vago, que a penna não consente.

QUIROGA

A virtude e o saber são os dois dotes, em que unicamente deviam consistir as distincções humanas.

M. J. L.

O SOMNO DA INFANCIA

DEDICADO AO FILHO DO EX.^{mo} SR. BERNARDO FRANCISCO D'ABRANCHES

..... Teu somno placido
Dá-te ao rosto infantil feições d'archanjo,
Assomos divinaes, magia, encanto.

A. X. R. CORDEIRO

I.

¡Innocente! que dormes descuidoso
Nos braços da mãe q'rida!
Sonhando so venturas, e não vendo
Que espinhos ha na vida!

¡Que idade tam feliz! ¡oh! quem pudéra
Sempre assim existir!
Ter so por ambição infantis brincos,
Viver sempre a sorrir!

Ser da mãe e do pai idolatrado,
So gosos conhecer!
Julgar que o mundo encerra so prazeres,
Que é mentira o soffrer!

¡Que ditoso tu és! — Se te adormeces,
¡Aos anjos vais falar!
Se acordas, ¡vem a mãe com ternos beijos
Fazer-te despertar!..

¡Innocente!, que dormes descuidoso
Nos braços da mãe q'rida!
¡Deus te prolongue o somno, p'ra que ignores,
Que espinhos ha na vida!

II.

¡Como és lindo, meu anjo! ¡que feições
Tam meigas e formosas!
São de rosa purpurea e assetinada
Tuas faces mimosas:

O candido jasmim não é mais alvo
Que a tua branca tez,
Onde cahem de teus lindos cabellos
Os doirados anneis:

Os teus escuros olhos não conhecem
O pranto d'amargura,

Nem o teu coração traja indá as vestes
D'acerba desventura;

Nem inda a cor funerea da tristesa
Tua fronte toldou:
Ainda de desgosto um so suspiro
Teu peito não soltou.

Quando a noite desdobra sobre o mundo
O seu escuro manto,
No teu fofu bercinho um somno dormes,
Ao som d'alegre canto,

E julgas que se encerra o Universo
Na tua habitação;
E que o espaço de ceu, que a custo alcanças,
Não tem mais amplidão.

III.

¡Edade de chrystal, em que reflecte
O sol da candidez!
¡Infancia feiticeira! ¡p'ra que foges
Com tanta rapidez?!..

¿Porque mudas do infante os ternos risos,
De pura flecidade,
Em vida amargurada, em ais penosos,
Em prantos de saudade?!..

IV.

¡Meu Deus! ¡p'ra que estarei louca, exaltada,
Da vida a blasfemar?!
Sabendo que da infancia as doces horas
Em fel se hão de tornar?

¡Senhor! eu ja conheço que no mundo
Custa caro o prazer,
E que em troca de instantes de ventura
Nos dá longo soffrer;

Porém, Deus de bondade, attende agora
Preces do coração,
Que te faço em favor d'um anjo vindo
Do mundo ao turbilhão:

¡Não deixes, ó meu Deus, crestar seus labios
Pelo bafo da dor!
A quem deste belleza, ¡dá ventura —
Ampara a tenra flor!

Coimbra 20 d'Agosto de 1858 AMELIA JANNY

A NOVIÇA

Diz-me, donzella, o que sentes,
Diz-me teu doce pensar:
¿Entre os muros da clausura
Acaso podes amar?

Entre grades, entre ferros
Sentes o peito ansiar?
Entre grades, entre ferros
Sentes no leito deserto
Teu coração palpitar?
Diz-me, donzella, o que sentes,
Diz-me teu doce pensar.

Onde não ha liberdade
Murcha logo toda a flor;
Não tem vida, nem tem força
P'ra crescer e ter vigor;
A mesma seiva que a alenta,
Enfraquece e perde o ardor.
Mas so tu, donzella, sabes
Se assim é tambem o amor;
Se, onde não ha liberdade,
Murcha logo toda a flor.

Embora seja o ser livre
D'amor eterno condão;
Zomba de grades e ferros
Um constante coração.
Onde não vivem as flores
Vive d'amor o volcão;
Que o amor cresce com força
Onde outros não crescerão;
Embora mesmo o ser livre
Seja d'amor o condão.

As estrellas, que no espaço
Ves formosas a luzir,
Te ensinam d'um bem amado
O doce, mago sorrir;
Que as estrellas tambem amam,
Namoram com seu fulgir;
E tu de noitê, sosinha,
Sonhas so no teu dormir
Co'as estrellas, que no espaço
Ves formosas a luzir.

Quando a lua tinge os muros
D'alvacenta pallidez,
E o convento a horas mortas
Jaz em lobrega mudez,
Em pensamentos de fogo
Gira-te o sangue talvez;
Sentes desejos ardentes
Que te chammejam a tez,
Quando a lua tinge os muros
D'alvacenta pallidez.

Pela estreita gelosia
Teus olhos olhando estão:
Ves os rios, campos, montes
Em calada solidão;
Pedes á noite um amigo,
Um amante... ¡mas em vão!
No silencio da natureza
Bate so teu coração...
E na estreita gelosia
Teus olhos luzindo estão.

Passas a vida penando
Entre a cruz e o mausoleu;
Sob a estamena grosseira
Arfa inquieto o seio teu;
Chama-te o mundo..., e ¡debalde!
¡Que para ti ja morreu!
E no teu pungir ardente
Talvez maldigas o ceu;
Porque vives so—penando
Entre a cruz e o mausoleu.

¡Pobre virgem!, que bem cedo
Te fadaram para a dor!
Viste as espr'anças perdidas
Dos teus annos no verdor;
Desfeitas formosas crenças,
Que cifraste em teu amor;
Murchar-se no frio claustro
Do teu rosto a rubra cor;
¡Pobre virgem, que tam cedo
Te fadaram para a dor!

1853

A. A.

A ESPERA

Tudo, tudo galas veste,
Tudo festa aqui revela;
Aves, rio, brisas, flores,
Tambem esp'raveis por ella?

A. LIMA

Vem, minha amada. — A noite ja vai alta,
O bosque é solitario: — ¡dorme tudo!..
A fofa relva, que este chão esmalta,
Val tanto como um leito de velludo.

Esta arcada d'arbustos sempre inquietos,
D'onde pendem festões de gentis flores,
Abafará transportes indiscretos
Do nosso amor. ¡Aqui templo é d'amores!..

Aqui fragrantas auras, que embriagam,
Deleitam com perfumes voluptuosos:

As lembranças do mundo aqui se apagam
Em mil sonhos d'amor os mais formosos.

Este suave arroio murmurando
Terna melancolia nos infunde:
Aqui o sol sem força penetrando
O solo em relva, a relva em rosas funde.

Em quanto a aurora não esvai a sombra,
Que ora reina cercada de mysterio,
Vem; — e terás por leito flôrea alfombra,
Por docel todo o vasto espaço aereo.

Mal envolto em finissima cambraia,
Quero ver o teu seio cor de neve,
E tam fina, que sem esforço tráia
Suas formas do arfar na pressão leve.

Os teus negros cabellos quero soltos,
No collo nu caídos com desleixo,
Negros quaes, os desejos, que revoltos
Sinto, se com os meus teus labios fecho...

Vem, minha amada, ¡vem! — Se tu souberas,
Que esperar a ventura é tam custoso,
¡Tremendo nos meus braços tu ja eras
Contra meu seio unido, anjo formoso!..

Vem, minha amada, ¡vem!.. ¡Ah! de seus passos
Ao longe escuto ja subtil ruido...
Vem, vem, ¡querida! — aperta-me em teus braços,
¡Dá-me o ceu, que no inferno eu hei vivido!..

Fevereiro de 57

A. S.

.....
Ne pèse point sur elle, ó terre! Elle
n'a point pesé sur toi!

E. SOUVESTE.

Ao longe, nos campanarios,
Os sinos tristes dobravam,
E de vez em quando mudos,
Silenciosos ficavam...

E do bronze os tristes dobres,
Plangentes e resonantes,
Iam despertar os echos
Pelas collinas distantes.

No cedro do cemiterio
O vento, que sibilava,
Os goivos por sobre as campas —
¡Tudo de morte falava!

Em todos sentido pranto
As faces humedecia...
Em vez de riso, nos labios
Morava a melancolia.

Sinos, pranto, natureza,
Accordes harmonisavam,
E aos ceus de mais um anjo
A ascenção annunciavam.

Entre o prestito, no templo,
No meio do pavimento,
Se elevava luctuoso,
Funerario monumento...

No meio de ondas de incenso,
Ao redor ardiam cirios,
E rescendiam as jarras
Com as fragancias dos lirios.

Como o susurro das folhas,
Ao romper da manhã, quando
Tenue suspiro das auras
Vai os bosques acordando,

— Todos baixo murmuravam
Prece profunda e sincera
Por quem aos anjos voára,
¡Por quem do mundo não era!

E dos labios da donzella,
Sobre o funebre athaude,
Um sorriso lhe fugia
De innocencia e de virtude...

.....
¿Quem morrêra assim, sorrindo,
Com virtude heroica e tanta?
— Entre os homens — ¡era Emilia!
— Entre os anjos — ¡uma sancta!

Santo Antonio dos Olivaeas — Março, 1859

H.

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coim-
bra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa —
livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.^ª; Porto
— Sr. Jacintho Antonio Pinto da Silva; Viseu — Sr.
Francisco Gomes Pinto; Pezo da Regoa — Sr. Manuel
Mendes Osorio; Evora — Sr. V. J. da Gama; Bra-
gança — Sr. Antonio Caetano d'Oliveira Furtado; La-
mego — Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão — Sr.
Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — Sr. José Pe-
reira Curado; Aveiro — Sr. Ernesto Augusto Ferreira.

PREÇOS

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno	1\$240	Anno	1\$460
Trimestre	360	Trimestre	450

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACITOR PRINCIPAL—V. da Silveira

PRELUDIOS-LITTERARIOS

(Continuado dos n.º 1, 2, 3 e 11)

V

Se estivessemos escrevendo um romance, abrir-vos-hiamos este capitulo dizendo-vos sacramentalmente, como qualquer novelista francez ao apresentar-vos a primeira pagina do seu livro, que — foi na tarde d'um priguizoso domingo d'abril, que nos dirigimos ao *Jardim botanico*, para distrair-nos das desagradaveis impressões, que tanto nos haviam entristecido a alma ao ver-nos obrigados a reproduzir, para justificar-nos depois, o medonho quadro de accusações, que acabais de ver, e com que tam injustamente se tem procurado manchar a nossa boa reputação academica, hoje tanto mais para reear pelos inimigos d'uma mocidade intelligente e energica — quanto ella nos vai promettendo, de dia para dia, um lugar distinctissimo 'nessas pleiadas civilisadoras, que ja por toda parte proclamam com nobre altivez a regeneração d'uma sociedade minada até os seus alicerces pelos abusos, pela corrupção, escravizada pelo despotismo, pela tyrannia dos velhos principios...

Corria então alguma aragem, e o sol, cansado de tanto caminhar, procurava ja uma montanha, em que recostar sua enorme cabeça, um mar inteiro, em que estender seus membros enfraquecidos.

Mas, notem, meus Senhores, que, quando dizemos *cabeça e membros*, falamos em sentido *figurado*...

Vinha talvez aqui muito a proposito o dar-vos uma idea do nosso Jardim botanico,

não uma idea de pesado *architectonismo*, mas uma idea simples e singella, como são d'ordinario quasi todas as que podem assaltar a mente do passeante 'num lugar, 'num sitio, que so procura para distrair-se.

Todavia, como reservámos as especialidades de Coimbra para uma outra ordem de escriptos, basta que vos digamos de passagem, que o nosso Jardim botanico tem as suas ruas muito areadinhas, e os seus canteiros muito enfeitados de *rotolos* e pouco guarnecidos de flores, mas muito pouco... Em duas palavras: é uma especie de *cemiterio-florifugo*, com o seu horto de sacristão, em que as raizes, as cebollas e as sementes de toda a hierarchia se convertem, ao que parece, em po, cinza e nada, como fatalmente succede aos pobres restos mortaes da nossa fragil humanidade, quando plantados no alto de S. João, nos Prazeres, ou em outro qualquer cemiterio, cujos muros, menos accessiveis, por certo, aos assaltos do cão esfaimado, do que os do *Pio*, lhes não consentem mais complicadas transformações.

Mas, como iamós dizendo, alem de ser na tarde d'um domingo, que nos dirigimos ao Jardim botanico, foi tambem na tarde d'um dia de *bazar* em favor dos asylos de Coimbra, que M.^{me} Economia, d'uma pureza de consciencia a toda prova, e de mãos dadas com M.^{llo} Caridade, protege, por via de regra, á custa da rachytica mezada do pobre estudante.

Podeis dizer-nos, que estamos a contar-vos coisas ja muito sabidas e, infelizmente, muito apreciadas por todos vós, caros Collegas; mas ¿la fóra?... Vamos: é tempo que todos saibam o que é Coimbra; uns golpesinhos mais no mysterio, e a Lusa Athenas

deixará de ser um palacio de fadas nos contos da Carochinha...

A concorrência era numerosa, como costuma ser sempre nos logares, em que se póde ouvir sem notavel constrangimento uma polca, uma masurca, uma opereta qualquer, com que uma supportavel banda de música alegremente faz vibrar os ares, que em suaves e perfumadas ondulações nos vêm refrescar a fronte, no campo, 'num bello dia de primavera.

Não nos lembra agora em que escripto nosso pediamos á camara municipal o engajamento d'uma d'essas Philarmonicas, que ha em Coimbra, como um excellente meio, o unico, talvez, em taes circumstancias, de fazer sair os habitantes indigenas á luz do dia, depois, quiças, d'um encarceramento d'annos em fetidas e escuras habitações, que alteram, que corrompem o principio vital a ponto de o annullar demasiado prematuramente.

Mas as camaras municipaes, como as camaras dos deputados e as dos pares, como quasi todos os *empresarios* de poderes politicos — so curam das coisas, que se podem logo *apalpar, cheirar e gostar*, considerando uma ninharia para o povo os gosos do espirito, que, materialmente falando, são impossiveis d'uma tal apreciação.

Na verdade: ¿seria um grande desapontamento para um d'estes zeladores ou administradores das nossas coisas, se, ao tomar-se-lhe contas da applicação do nosso dinheiro, não tivesse para metter-nos pelos olhos um bom par de kilometros de caminho de ferro, para ir-mos em tres annos á Ponte d'Asseca, um navio de mais, armado em guerra, para nos comboiar o cacao de Caracas, ou um soldado bonitamente fardado, para nos fazer de D. Quixote juncto ás *praias* do Guadiana!... ¿Como mostrar, que o dinheiro applicado á civilização dos costumes, á educação do espirito é tam bem applicado como a um caminho de ferro, a uma fragata a vapor ou a um soldado bonitamente fardado, etc., etc.?

Assim a camara municipal não podia, nem devia attender ás nossas supplicas; e os dias de musica em Coimbra são tam raros no jardim ou nos passeios publicos,

como um bello sol na agreste e tempestuosa quadra do inverno.

Debaixo das arvores viam-se algumas mesas cobertas de usado damasco, com não sabemos quantas bugigangues, que mais desafiavam a cubiça das creanças, passeando pela mão de pachorrento pa-pá, do que a caridade dos homens de coração, que onde ha arteirice não podem ver senão immoralidade, não podem sentir senão repugnancia... Era tempo ja de que todos comprehendessem esta verdade: que conuem mais á moral e á religião o pedir *aberta e francamente* uma esmola para socorrer os pobres, do que extorquil-a por meio d'esses ardis, que subministra a astucia, e que não ha caridade, nem sanctidade possivel, por mais que se esforcem, que os possa subtrair hoje á sua devida apreciação.

Em roda d'essas mesas varias Senhoras, bem amaveis na verdade, serviam de *caixeiros*, ja vendendo bilhetes de rifa, ja entregando áquelles, a quem a sorte mais favorecêra, um rolosinho de mortalhas, um bonecrinho de barro, uma caixinha de foforos, um tinteirinho de louça ou de vidro, um raminho de flores fingidas, uma coisinha emfim, que na loja custaria dez reis ou um vintem, um pataco ou um tostão, mas que alli lhes fica quasi sempre por 3, 4, 6, 8 pintos, mas *por caridade*, ja se ve...

Pelas espaçosas ruas era um mundo de *philanthropicos*, que ás ondas se movia de um para outro lado, do principio ao fim do Jardim, ¿tam tumultuoso como as ondas de um mar encapellado pelos ventos, tam variado em fórmulas e trajés, em edades e sexos, em fealdades e formosuras, em sensações e pensamentos, como de côres é o mais precioso mosaico, que mãos romanas tenham incrustado e polido!..

Incommodados, assustados mesmo de tanto barulho (porque, com franquesa, apesar de sociaveis ou de socialistas, como nos queiram chamar, gostámos, e gostámos muito do isolamento, em quanto os outros se divertem em maxima tumultuosidade), dirigiamo-nos ja para um banco de pedra, la no fundo do grande terraplano, quando uma voz femenina, doce e insinuante, como

o trinar de melancólico rouxinol, no crepusculo, ao nascer da lua, nos recordou, que alli havia *mulheres*...

Olhámos: era B. R., que passava, esse anjo delicioso, perdido na terra, que ninguem comprehendeu ainda, porque ninguem ainda lhe soube falar *com a alma* essa linguagem dos espiritos, que, como uma emanção celeste, se infiltra pouco a pouco no coração dos seres privilegiados, lhes perfuma o peito e lhes enleva o pensamento, desembaraçando-o sem custo d'essas cadêas materiaes, que o opprimem, é que jamais se despedaçam nos seres vulgares.

Assim B. R., devendo ser em Coimbra a rainha das mais felizes inspirações, — não passa, aos olhos d'uma grande parte, dos que ahi a contemplam todos os dias, de *simples* mulher, joven ainda, formosa, amavel, *rica* e feliz!..

Ao passar bem perto de nós um subito estremecimento agitou nosso corpo: nosso coração, que nos não falava havia tanto..., pulsou com mais frequencia, e o ar que alli respiravamos apenas podia encher nossos pulmões, que se alargavam com o ancioso arfar do peito, a que a nossa vida toda parecia affluir!..

Este phenomeno, que em nós se repete tantas vezes, quantas são as em que a sorte nos tem aproximado d'aquella existencia *divina*, e que nunca sentimos com a aproximação de nenhum outro ser d'amor ou de odio, este phenomeno, dizemos, é sem duvida dos mais singulares, dos mais incomprehensíveis no mundo physiologico; e embora recorramos ás fabulosas theorias do magnetismo animal para o explicar, embora admittamos entre nós e um ser estranho os prodigiosos effeitos, que se attribuem ás correntes electricas — elle continuará a ser um mysterio insondavel, um abysmo, cujas trevas não é dado ao homem o dissipar...

Por outro lado, dizer que a nossa alma, dirigida por um *principio sympathico*, parece querer escapar-se-nos, para voar ao encontro d'outra alma, que muitas vezes não a *solicita*, que se conserva *estranha*, muda, silenciosa, em quanto aquella se agita e ferve no peito, embora distancias consideraveis se estabeleçam entre um e

outro ser, que animam differentemente, — é ainda confessar a existencia do mesmo phenomeno, cujas leis continuam a estar em completa opposição com todas as leis da natureza, — com as mais ousadas combinações da nossa intelligencia.

Seja porém como for, — o poder, que B. R. exerce sobre o nosso espirito, sem que o seu o presinta ao menos, não póde ser senão um poder *fatidicamente* benefico; pois que, fazendo-nos esquecer um presente amargo, — com um so olhar seu, vago, que elle seja, deliciosamente nos mystifica, revelando-nos um mundo de bemaventuranças, a que ella pertence, e cujo gososo nos parece prometter.

A *visão* tinha desaparecido...; e assim impressionados deixámos aquelles sitios tam cheios ainda de animação para os outros, como vasios de interesse para nós, que por alguns instantes nos esquecêramos da terra por um sonho feliz.

(Continúa)

V. DA SILVEIRA

INSTRUÇÃO

(Continuado do numero 4 e 6)

Importancia do estudo da lingua latina

II

.... ita litterarum antiquarum studium, hodieque maxime merito esse censetur doctrinae et eruditionis initium et fundamentum.

Den Tex — *Encyclopedia Jurisprudentiae*, §. 463.

No esboço mui geral e subtil, que traçámos, da litteratura *grega e latina*, transluz a necessidade do conhecimento d'estas duas linguas, tam ricas de harmonia e precisão, que, a que possuem as que hoje existem, d'ellas a houveram.

Procuraremos agora escudar nosso parecer com a auctoridade d'alguns escriptores e pensadores distinctos, que, apostolos da evolução progressiva das sociedades modernas, não lançam mortuario veu d'esquecimento sobre o passado, nem engeitam, como o fazem muitos, os haveres, que os tempos remotos nos legaram.

Den Tex, na sua *Encyclopedia Juridica*,

com profusa abastança d'argumentos nos convence da summa utilidade e prestimo do estudo das antiguidades, maxime do estudo da lingua *grega e latina*, e sirva para comproval-o as poucas linhas, de que fizemos escolha para dar passa-porte a este nosso capitulo.

É este um livro de reconhecido merecimento, de escolhida erudicção, de maximas e pensamentos sublimes e succulentos, em que tanto se ostentava e caprichava a antiguidade, e que este sabio auctor soube colligir, reunindo em bello quadro os bellos pensamentos de Plutão, Aristoteles e Cicero.

Nem seja suspeito de parcialidade este escriptor, que, levado do amor d'antiguidades, parece haver seguido em tudo, e em tudo professado as ideas da *escola historica*, sem que enriquecesse as suas paginas com ideas exaltadas, com palavras de moderno invento, que constituem a base da philosophia actual, desviando-se um pouco da via trilhada pelos pensadores, que lhe são irmãos na patria—a Allemanha, onde o pensamento tem subido em tam elevado voo, onde a linguagem se tem tornado tam ousada e mysteriosa, essa linguagem *nova e ficta*, em que a expressão do racionalismo allemão tanto se esmera.

Den Tex, no seu bello latim, que talvez parallelise com o dos melhores classicos de Roma, não so entorna a mais clara luz philosophica, mas, em varias partes, ostenta esse brilho, esse verniz poetico, com que os escriptores latinos soíam dourar os seus escriptos.

As suas douctrinas não são estacionarias e tibias, como o crêm falsos interpretes dos principios da *escola historica*. A opinião de Den Tax respeitamol-a: não sabemos o que dirão nossos leitores; appellamos para a sua convicção.

Tocqueville (1), esse escriptor imminetemente progressista, esse apologista esforçado da democracia, e cujas obras são um hymno perpetuo á liberdade e á emancipação da sociedade, escravizada ha tantos seculos pela tyrannia e pelo fanatismo,

(1) Tocqueville, Democracia na America.

proclama como proficua e necessaria a instrucção grega e latina no meio d'um povo democratico e livre.

Os Estados-Unidos, essa nova terra da promessa, onde tem principiado a realisar-se as prophcias da liberdade e perfectibilidade indefinida, feitas ha tantos seculos pelo coração do homem; onde as cruzadas de milhares de annos, começam a produzir seus fructos bonançosos; onde a intelligencia, solta das prisões, em que por tanto tempo a encerraram a aristocracia d'Athenas, o patriciado de Roma, o fanatismo da meia idade; onde o trabalho, levantando-se da abjecta condição, a que o haviam degradado o ilotismo da Grecia, a escravatura Romana e a servidão do feudalismo, principia a germinar e a estender sua acção magnetica sobre a civilisação e a remissão do genio humano,—os Estados-Unidos reclamam, como affirma este grande escriptor, o estudo da litteratura *grega e latina*.

Não existe litteratura, que mais convenha estudar, que mais convide o esforço dos seculos democraticos. Ora, se a democracia é o ultimo termo do progresso, como tudo nos leva a crer, é claro que as sociedades modernas, que avançam para esse horizonte, devem empenhar-se no seu estudo. É verdade, como diz o mesmo escriptor, que o *latim* e o *grego* não devem ser ensinados em todas as escolas; mas muito importa o seu conhecimento áquelles, a quem o seu natural ou a sua fortuna aponta o caminho das letras. Todos aquelles, que têm a ambição de se elevar no mundo scientifico, nas nações democraticas, devem alimentar seu espirito nas obras da antiguidade. É uma hygiene salutar.

Dois escriptores (2), que representam a antithese do seculo 19, cujas ideas marcham em rumo opposto, estão d'accordo neste ponto:—o estudo da lingua latina é proveitoso á litteratura moderna.

A lingua grega, suave, harmoniosa, poetica e facil na composição, é um thesouro precioso, aonde os sabios recorrem para formar a nomenclatura e a technologia

(2) P elletan e Huzar.

científica, adorno e riqueza das sciencias; é um jogo de palavras, a que se liga uma idea precisa, que se não confunde com outra qualquer, obviando assim aos inconvenientes e embaraços, que gera o emprego de palavras da lingua vernacula no tracto scientifico, erro, abuso mesmo, que tem esterilizado as paginas da sciencia, com questões inuteis, frivolas, meramente de palavras; porque o sentido vulgar, passando atraves de milhares de modificações, vem entremetter-se e confundir-se com o sentido scientifico, e introduzir o cahos, onde so deve reinar a claresa, a precisão e a harmonia.

Sirva d'exemplo, e exemplo mui frisante, a Economia Politica, onde, até hoje, so reina a incertesa; a sua nomenclatura oscilante, viciosa e desvirtuada nada offerece de preciso e estavel. Cada palavra dá logar a longas controversias, a questões aridas e interminaveis, que roubam o tempo e as paginas ás questões profundas e verdadeiramente scientificas.

Valor, capital, trabalho, concorrência, imposto, etc.—são termos, que revelam a cada economista uma idea differente. Ja assim não acontece com a *chimica*, e com quasi todas as sciencias naturaes, que têm adoptado a terminalogia *grega*.

A lingua latina, essencialmente filosofica e concisa, presta-se ao commercio scientifico, sem perigo de exagerar; podemos appellidala a a justo titulo — a lingua dos sabios; tudo, tudo parece convidal-a a viver na atmosphaera da sciencia.

Os reformadores pretenciosos do nosso tempo, têm visto nas obras dos profundos genios da Grecia um cimento, um como esboço das suas douctrinas desmanteladoras e subversivas; todo o homem, que quizer conhecer a verdade, não se deve deixar arrastar pela sua argumentação sophistica; a leitura prudente e madura dos escriptos de Platão, Aristoteles e Cicero lhes fará ver, quanto distam os principios d'estes sabios dos dos nossos pretendidos sabios. É so o conhecimento da lingua *grega*, que lhe facilitará a leitura dos originaes e lhe poderá dar o desengano.

O conhecimento do Direito Romano, de

que o jurisconsulto não póde prescindir, depende igualmente do conhecimento da lingua *latina*. ¡A jurisprudencia Romana! ¡esse legado do Imperio, esse despojo magnifico de tam magestoso colosso! ¡A jurisprudencia Romana, diffundida por toda a Europa pelos tropheus dos povos do norte, que elles tanto honraram, e que attesta o espirito imminantemente philosophico, sensivelmente utilitario d'aquelle povo, que, pelo estudo das necessidades e relações sociaes, constituiu o mais bello monumento de legislação civil!

E. GARCIA

(Continúa)

VICIO E VIRTUDE

(Continuado dos numeros 3 e 9)

Novas tenções

Por cousa tam pouca
Andas namorado?

CAM RIM.

III

No dia immediato ao do passeio lugubre e triste, de que falámos no antecedente capitulo, dava-se em casa de Paulo larga conversa entre este e Luiz.

— Como hei de conciliar, caro Paulo, os meus desejos com os meus deveres? A realisação d'aquelles importa a quebra d'estes. ¡Hontem perjurei, menti, faltei aos segundos! Melhor fóra não termos ido áquelle sarau, áquelle maldito sarau, que apagou, que matou as minhas justas tenções.

— Ja vejo que hontem te lancei n'alma o remorso, chamando-te perjuro. Realmente és ainda muito creança...

— Talvez, e porventura é essa a rasão por que agora te não comprehendo.

— Até ha pouco existia uma crença 'neste espirito, uma tenção 'nesta alma e uma esperanza 'neste coração. Os meus pensamentos resumiam-se 'num so: — fazer a felicidade da mulher, que eu amava, e da filha, que Deus nos dera. Mas ¡esta crença, esta tenção, esta esperanza não existem ja! Ouço duas vozes: uma, meiga e affavel, aconselha-me, que ceda ás minhas novas inclinações; outra, terrivel e imperiosa, não me aconselha, ordena-me, que cumpra com

o meu dever, que desempenhe a palavra, que dei a Maria, que não quebre os juramentos, que lhe fiz, embora tudo isso me custe alto sacrificio.

— Na verdade, respondeu Paulo, que estivera muito attento aos gestos e palavras de Luiz, cuidei por momentos que estava a ouvir um philosopho; mas concluo, que te queres esquecer da tua bella Maria, bella segundo me dizias nas tuas cartas, e da tua innocente filhinha. Julia Armandt fascinou-te hontem: ¡ateam-se os antigos amores!..

— Sabes que a amei outr'ora, e que ella me dedicava especial affeição. Quando volvi da guerra, de novo se accendeu o nosso amor. Pouco tempo me demorei em Lisboa; e antes de partir prometti-lhe, que um dia o altar nos havia de unir. Fui para a aldêa com as tenções, de que então te dei conta.

Tencionava estabelecer alli casa de negocio. Tal era o destino, que eu pretendia dar ao legado, que a caridade de teu pai me deixára.

Cuidava em fazer render este legado, e julguei que aquelle sitio era muito proprio para em pouco tempo eu obter uma certa fortuna e engrossar os meus capitaes. Tudo isto te não é estranho. Mas, apesar dos lucros que sonhei, vi logo no primeiro mez de negocio, que este não rendia e que a miseria seria, em pouco tempo, a minha sorte, se o não abandonasse. Deixei-o. Da aldêa escrevi duas cartas a Julia: na segunda mentia-lhe ja. Então andava louco por Maria, e ella amava-me tambem. Fui vivendo do meu peculio, até que resolvi vir implorar justiça, obter um emprego, para poder desposar aquella, que havia dado á luz uma filha minha. Mas hontem aquelle encontro com Julia, mulher que eu não queria ver; as suas queixas, mas queixas de quem ainda tem esperanza; o seu olhar, as suas palavras, de quem ainda me ama intensamente, não sei que me fizeram. Mudei repentina e completamente; ja não estimo Maria como a estimava... Não a quizera ver agora. ¡Oh! se não fosse aquelle anjinho, se não fosse Mathilde! ¡Estou doido!

— Es realmente muito singular, atalhou

Paulo. ¿ Não era melhor teres ficado em Lisboa, como tantas vezes te aconselhei? Estavas hoje casado com Julia, que é bella e, sobre tudo, mui rica.

— Justamente esta ultima rasão me levou ao contrario. Quando fui procurar fortuna, era para desposal-a; mas não queria ser marido d'uma mulher, que um dia me podesse dizer. «¡ Miseravel! fui eu quem á tua pequena fortuna accrescentou grosso cabedal, quem te arrancou quasi da miseria!..»

E ha momentos em que a mulher em taes circumstancias é capaz de dizel-o...

— Pois sim, meu Luiz: continúa com as tuas philosophias: viverás vida de miserias, morrerás miseravel. Não entendes o mundo, ahí tens o resultado. Foste para a aldêa, gastaste parte do que tinhas, comprometteste a tua palavra ja compromettida, fizeste-te pai de familias, e tudo por não tomar os meus conselhos.

— Pois bem; mas, apesar de tudo, ainda entendo, que o fim que me levou a sair de Lisboa era justo e bom.

— Isso é incontestavel, respondeu Paulo, ¡O tal fim produziu bellissimas consequencias!..

— Deixa-te de zombar: vejamos se é possivel remediar este mal com algum meio.

— Conheço apenas um, meu caro Luiz.

— ¿ Qual é?

— Escreve a Maria, dize-lhe que te é impossivel obter o que queres com a brevidade que julgavas; que por isso tens de demorar-te em Lisboa. Depois mandarás vir a tua filhinha sob pretexto de que tens aqui uma parenta muito rica, que quer tomar a seu cargo educal-a e fazel-a feliz. A pouco e pouco dissuadirás Maria, e não terás que receiar de ninguem.

— Acho apenas um inconveniente no teu conselho, Paulo: é traduzir-se 'num crime...

— ¡ Qual crime! Faze o que te digo; dar-tes-has bem. Ora suppõe que obtens o emprego, que vais para a aldêa e que casas.

¿ Que resultado tiras d'ahi?

Não farás a felicidade de Maria; a poesia do matrimonio acaba cedo. És pobre; os rendimentos do teu trabalho não darão

logar a economias; ganharás apenas para ir vivendo e mal.

Terás mil cuidados, mil desgostos, e morrerás deixando aos teus a *miseria*.

Seguindo o que te aconselho, não fazes a infelicidade de tua filha; concilias de certo modo os teus desejos com os teus deveres. E alem d'isso a palavra, que primeiro deste, é a que debes cumprir.

Os serviços que fizeste na campanha elevam o teu nome. Es nobre por elles e mais nobre do que se tivesses por titulo da tua nobresa carcomidos pergaminhos.

Casas com Julia. Se ella é rica, tu és um homem respeitavel; d'esta sorte não te lançará impunemente em rosto a sua riqueza.

Luiz, que estava recostado 'num sofá muito commodo, e que prestava toda a attenção ás sentenças de Paulo, levantou-se de repente.

— Não ouves, Paulo!..

— O que?

— Bateram!: duas pancadas... alguém nos procura!..

— Que tens homem?!

— Não sei o que se me affigura! não a quero ver; tenho medo! tenho medo de mim mesmo! temo atirar-me a seus pes!.. pedir-lhe perdão!.. sair d'aqui! de Lisboa!..

— Porque artes havia Maria de apparecer aqui, dize-me?

— Não sei... receio, receio: vou para o meu quarto... Não estou em casa para pessoa alguma... ¡Sancto Deus! não sei o que sinto!

E Luiz saiu da sala para o seu quarto.

Á porta da sala appareceu o creado de Paulo.

— Aqui está uma carta: trouxe-a o creio: é para o sr. Luiz Carlos da Costa. E retirou-se.

Paulo dirigiu-se ao quarto de Luiz.

— Aqui tens esta carta.

— Para mim!..

— Para ti, sim.

Apenas a havia recebido, Luiz atirou-a para sobre a mesa.— ¡É d'ella! Temo abril-a.

— Aposto, atalhou Paulo, receias que Maria ahí venha dentro, e que se te apresente em corpo e alma, logo que abrires o sobrescripto?

Luiz sorriu-se. — Não é por isso: tenho escrupulos, tenho uma consciencia...

— Era melhor que tivesses duas.

— Tenho uma consciencia, repito. Tenho remorsos, ¡porque a enganei, porque lhe menti, porque a não quero ver mais, porque a não verei nunca!..

— Finalmente estás decidido a tomar o meu conselho... É o que debes fazer.

— ¡Paulo, Paulo! se eu tivesse outra consciencia! Ha homens que fazem certas coisas e não se lhes doe a alma d'isso. ¡O remorso não os atormenta!

— Isso explica-se. Deitaram fóra a consciencia, que tinham, e arranjarão outra. Toma os meus conselhos, e verás como obtens bom resultado. D'aqui a uns dias, o que te parece hoje um crime, será até coisa muito natural; mas le a carta. Deve estar muito bem escripta.

Luiz, um pouco tremulo, começou:

«Meu muito querido e estimado Luiz.

— Já me parece tolice.

«Depois que te foste, não tenho tido um so momento de alegria; cuido ver-te em tudo, mas a illusão é ingrata.

— Não percebes? ¡*cuida ver-te em tudo!* passa-lhe uma alimaria pela porta, ¡*cuida ver-te!*..

¡É muito tola! Julia não era capaz de escrever semelhante semsaboria. E depois ¡diz que a illusão é ingrata!

— Continúa, Luiz.

«Tu estás longe, bem longe de mim...

— Agradece-lhe a novidade.

... ¡e quem sabe se te tornarei a ver!

— Aqui anda ella bem; conhece-se: ao menos tem essa qualidade— ¡ves! É dizer que te não merece. . .

«Emfim, é mister que me resigne.

— ¡Sim Senhora!.. ha de resignar-se, se quizer; se não quizer, que se não resigne. Tem pretensões a virtuosa... ¡É uma alma muito christã!..

«A tua Mathildinha manda-te muitos beijinhos e abraços e.

— ¡Basta! não leias mais... ¡Não está mal a pequena a mandar-te beijinhos e abraços!..

— Tenho concluido, meu querido Luiz: achei o X.

— Que X?

— Ora ¿ que X? Tola no começo da carta, tola no meio, e naturalmente tola em tudo o mais que escreveu, e que te debes poupar a ler; logo tola tres vezes. ¡ Com quem tu havias de estar com contemplações!..

— ¿ Mas que resposta lhe hei de dar?

— ¡ Isso tem la resposta!

— Mas sempre lhe devo escrever alguma cousa...

— Pois escreve-lhe: que recebeste com inexplicavel prazer a sua preciosissima carta; que lhe agradeces muito ver-te ella em tudo; *que sentes muito, que a illusão seja ingrata.*

Faze-lhe alguma das promessas do costume, e por ora basta.

— ¡ Está dito, caro Paulo! D'esta estou eu quasi livre. É preciso ter coragem para arrostar com todos os preconceitos. Pensas bem. Mudei de consciencia. ¡ Ora adeus!.. ¡ Historias da vida!..

— ¡ Parabens!.. Começas a ser o que debes. Estas mudanças são rapidas. Entre despir um casaco e vestir uma casaca não medeia muito tempo. ¡ Mãos á obra! Vai escrever-lhe, manda a carta para o correio, e depois dirige-te a casa de Julia, que, como sabes, deseja ardentemente ser tua. ¿ Aposto que te espera hoje?

— É o que vou fazer. Até logo.

Paulo saiu depois para a sua repartição.

¿ Que effeito produziriam todas estas medidas?

JAYME C. MONIZ

EPISTOLOGRAPHIA

Um conselho

'Stou livre de achar acaso
No anjo por quem me abraço
Em vez do anjo — a mulher?!.

A. B.

Meu amigo:— Estamos em plena primavera. É noite, mas noite placida e socegada. Ainda não nasceu a lua, mas o firmamento azul, cravejado de estrellas, despede para a terra golfadas de luz baça, e amortecida. As flores soltam seus perfumes, as mariposas repousam nos calices dos lyrios, e os zephiros brincões adejam pelos campos. A natureza desperdiça nos seus

adornos as mais donosas galas, sorri-se graciosa ¿ e a quantos desgraçados não amargurará porventura essa risonha poesia, que a noite exhala do seu seio?!

Vou dedicar-te estes doces instantes, escrevendo-te como amigo. Necessitas d'uma rude franquesa; não vacillarei em ser franco. Se a amisade tem deveres sagrados, o sacratissimo, entre elles, é de certo o conselho nas crises espinhosas da vida.

Entranhados muitas vezes no caminho das paixões erramos sempre. O espirito preoccupado affasta-se da reflexão, ve os objectos por um prisma de falsas côres, arasta-se pelas primeiras impressões, e cae muitas vezes, quando o remedio é ja tardio e inefficaz. Olha então para o passado com a anciedade do deseşpero; deseja rasgar uma pagina da vida onde soletra a desventura, mas ja debalde, que o calice de amarguras, que, elle mesmo enchera 'num instante de delirio, ha de esgotal-o. Apenas lhe resta o arrependimento e a expiação.

Ora, quando a alma oscilla indecisa, a amisade deve empunhar o facho da rasão e da verdade, esclarecel-a, e, com uma doce violencia, affastal-a do precipicio.

Encontraste na carreira da vida uma mulher, que te ama extremosamente, mas a quem não podes corresponder, porque concentraste 'noutra o teu affecto. Deixame dizer-te duas palavras ácerca d'aquella mulher.

A minha opinião a respeito do amor nas mulheres, bem sabes, que lhes não é muito favoravel. A mulher é a inconstancia personificada. Hoje liberalisa comnosco sorrisos e carinhos, que hontem concedeu a outro, e que amanhã não duvidará despende com um terceiro. Sabem repartir muito bem o coração. Muitas até fazem do amor uma loteria, em que o primeiro premeado nem sempre é o mais feliz. Isto não é injuriar o bello sexo, é escrever em curtos traços a sua historia. Nem têm culpa ellas de que a natureza as formasse assim. Compete ao homem proceder com cautela no estreitar as suas relações. Em ligações amorosas a regra geral ácerca das mulheres deve ser:—desconfiar sempre do seu passado, aproveitar-lhes so o presente e nunca

contar com o futuro. — Esta regra é severa, mas infelizmente exacta.

A mulher é a flor das nossas esperanças, a virgem dos nossos sonhos, o mimo dos nossos cuidados. Deslisa-se a nossa vida 'num encanto suavissimo de ternuras, que nos ella tece. Ora mãi, ora irmã, esposa, filha, amante, esmaga com os carinhos do seu amor os espinhos, que nos ferem no redomoinho das paixões. Mas falta-lhe a firmeza. É este o *senão*, que desfeia o quadro.

Não por despeito, mas por homenagem á verdade é que falo. Se queres a experiencia, lembra-te do A. ¡ Bem cedo comeu a terra aquella juventude de vinte e tres annos! Nos nossos corações de amigos ainda existe gravada a imagem do pobre moço; mas a sua amante... ¿ não a viste quinta feira de Ascensão? Dos olhos formosos ¡lampejavam vistas amorosas para outro! ¡O primeiro amor morreu-lhe com o ultimo alento do desgraçado; a frialdade do sepulchro repassou-lhe o coração e apagou-lhe a antiga chamma! O finado ja nada tem que lhe dar, ¡e os poucos ossos, que lhe restam, descansam esquecidos em terra extranha por aquella, que devia ser a ultima em esquecel-o! Mas talvez tenha razão; linda e moça não devia agrilhoar a vida ao cadaver do passado, ¡e vai-se aproveitando do presente, olhando sempre com esperanza para o futuro!

Concerta o mais pelo exemplo d'esta.

No entanto não pretendo ser injusto. Admitto, que hajam excepções, e que uma d'ellas seja essa, que te pede o teu amor. Mas ¡ não te illudas!: ella ama-te, porque te achou ingrato. A contrariedade despertou-lhe a sensibilidade. Se te achasse facil, cego e firmemente constante, ja ha muito que esfriára; mas a conquista, uma vez entablada, achou difficil ultimal-a. Houve quem concorresse com ella e a supplantasse. Estimulou-se e porfiou, porque lhe feriram o amor proprio. Os fins, quanto mais difficeis de conseguir, maior gloria dão em alcançal-os. As peripecias, que offerece um amor contrariado, a diversidade dos ardis, que é mister empregar, entretêm a imaginação e alimentam a chamma dos desejos. É esta a verdadeira origem da constancia no amor.

Por isso deves acreditar na paixão d'essa mulher. Tem sido fiel, e, se lhe concederes o que pede, continuará a sel-o, porque ha de timbrar em manter a gloria de amansar desdens e superar difficuldades. Agora pede-te e contenta-se com a tua amisade, porque confia em a ir convertendo mansamente 'num amor intenso, com que ainda lhe pagues a dedicação dos seus extremos; tem fe na força dos seus carinhos, no prestigio dos seus sacrificios. Mas a um tal amor deves responder com franquesa, ainda que seja rude e desanimadora.

Aqui não ha nem deve haver meio termo. Ou podes e queres corresponder-lhe, ou não.

No primeiro caso condescende com os seus desejos, e terás uma doce recompensa. Se miras em percorrer a estrada da vida, partilhando-lhe as alegrias e dissabores com um ente, que te anime as primeiras e suavise os segundos, podes ter 'nessa mulher a companheira que desejas; o seu amor te afiança a sua ternura, a tua virtude te assegura a perpetuidade dos seus sentimentos.

No caso contrario é um crime entreter desejos, que se não querem realisar, alimentar fogos, que nem se deviam accender. É quasi um insulto á sinceridade da sua paixão, pagar-lh'a apenas com uma amisade compassiva. Nem ella te devêra aceitar o dó, porque o amor verdadeiro deve ser mais orgulhoso. Cada prova—pequenina que seja—de interesse, que lhe des, irá logo traduzil-a em inclinação e sympathia; é mais um incentivo á sua esperanza, que terá de ver depois desvanecida em triste desillusão.

Mas ainda mais: d'esse modo quasi que lhe anniquilas o futuro. Desenganada, póde ainda esquecer-te e encontrar 'noutro homem mais docil a ventura, que sonha contigo; mas illudida constantemente por uma miragem enganadora, vai-se-lhe murchando a mocidade na solidão e desconforto, e preparas a essa mulher uma viuvez precoce e inconsolavel do coração. Entendo, que não deves brincar com isto.

Desengana-a, pois, embora arrostes com o seu odio; vale mais soffrer-lhe agora o

despeito e vel-a depois feliz, do que fazer
corrêr-lhe as lagrimas sem lh'as enxugar,
e coar-lhe no fundo d'alma a desesperação.

Embora ella proteste a eternidade do seu
affecto e a necessidade do teu amor para
ser feliz,— não a creias, porque a si mesma
se illude. Desanimada, ella se consolará:
ainda que lhe custe, ha de o tempo cural-a,
porque nada ha 'nesta vida de alegrias ou
tristesas, que elle não dissipe: os mais do-
ces sentimentos, as paixões mais profundas
esmigalha-as triumphante nas rodas do seu
carro.

1856

A. A.

O EXPATRIADO

Sobre um monte sentado um mancebo,
A quem mágoas fizeram cantor,
Solitario cantava; e seus hymnos
Eram tristes, ¡bem tristes de amor!

Era joven ¡mas velho par'cia!
Que a existencia elle ja odiava—
O dizia um amargo sorriso,
Que expressivo nos labios pairava...

Ao clarão do sol ja no occidente,
Pelas faces se via correr
Quente pranto, que mudo dizia
Quantas penas lhe dava o viver;

E de tempos a tempos nos labios
Doces nomes se ouviam soar...
— ¡Minha esposa!.. ¡meus filhos!..; mas logo
Se tornavam de novo a calar.

Lacrimosos seus olhos fitando
Pela infinda asulada amplidão,
Parecia que estava embebido
Em ardente e profunda oração.

E não via que a lua ja tinha
Nos espaços dos ceus apar'cido,
¡Tam ardente e profunda era aquella
Oração, em que estava embebido!..

As saudades da esposa e dos filhos,
As saudades da patria distante,
—Lhe cortavam la dentro as entranhas,
¡Qual agudo punhal penetrante!

E ¡não via que o tempo passava!
E que a lua ja tinha fugido!..
Não cessava de ouvir-se seu canto
Cada vez, cada vez mais sentido...

As saudades, etc.

Ja o sol rutilava, ¡inda o pranto
Pelas faces se via correr!
Quente pranto, que mudo dizia
Quantas penas lhe dava o viver!..

As saudades, etc.

Rio de Janeiro, Junho de 1855.

J. I. X.

¿LEMBRAS-TE?

¡Ai! ¿lembra-te, anjo, do formoso dia,
Que viu nascer o nosso ardente amor?
¿Inda te lembras de sentir, ao ver-me,
Subir-te ás faces repentino ardor?

¿Recordas como balbuciaste, quando
Contigo a sos de meu amor falei?
¿Como sorrindo me acceitaste a medo
O coração, que para sempre dei?

¿Como embalados pelo mar sereno,
Entregue a mente a seductor scismar,
Nos roseos labios me deixavas, anjo,
A longos tragos o prazer libar?

Maria, ¿lembra-te?—¡A ventura apenas
Co'a ponta da asa nos roçou, veloz!
Fugi... mas nunca riscarei do seio
O amor tam puro, que brotou em nós.

Não temas, anjo, que olvidar-te eu possa,
Que esfrie nunca esta paixão vivaz;
Que eu roube ao peito tua doce imagem,
Que em bellos sonhos delirar me faz.

¡Oh! não... não temas! Esquecer-te, virgem,
Não ter p'ra ti um pensamento so,
—Fôra arrancar o coração do peito,
¡Da vida as flores desfolhar no po!

Coimbra, Março de 1857

A ORPHÃSINHA MORIBUNDA

Anginho, ¿que mais aguardas
'Neste mundo insano e duro?
¿Que bens te restam na terra,
Que esp'ranças para o futuro?!

¡Orphãsinha!.. ¡abandonada!..
¡Sem os maternos carinhos!..
¿Que esperas, linda innocente,
Senão a c'roa de espinhos?!

¿Que esperas d'homens ingratos,
Que mofam do teu penar?
¿Que esperas da patria avara,
Que o pão te chega a negar?!

¿Que esperas, dize, que esperas
De tam dura sociedade?!
¿Que te denega um asylo,
Um leito por caridade?!..

¿São poucos os desenganos
Acerbos que tens colhido?
¿São poucas, inda são poucas
As penas, que tens soffrido?!..

¿Não sentes o frio!.. a fome!..
Que firmes em ti se escoram?!
¿Não sentes a sede!.. a febre!..
Que as entranhas te devoram?!..

Sentes, sentes..., bem m'ó dizem
Teus olhos amortecidos,
O roxo d'esses teus labios,
Teus membros quasi transidos.

Tua prece muda e triste,
Revela os teus soffrimentos;
No deslizar d'um sorriso
Traduzo os teus pensamentos...

¡Coitada!.. ja nada almejas
'Nesta mansão desditosa,
Senão a paz d'um cadaver
'Numa campa luctuosa!..

¡Socega!.. não longe adeja
Linda etherea creatura:
Ja perto destende as asas
Mais alvas, que a neve pura.

¡É elle! ¡da paz o anjo!
¡É elle! — ¡O teu protector! —
— Que desce dos ceus á terra
P'ra aliviar tua dor!

Abre-lhe o seio mimoso,
Recebe-o no coração;
'Num suspiro dá-lhe a vida,
Tua alma 'numa oração.

¡Com elle transcende os astros!
¡Deixa este mundo de horror!..
¡Com elle voa, innocente,
Aos pes do teu Creador!..

Janeiro de 1859

SEVERINO D'AZEVEDO

LOGOGRIPHO

Preparem-se, meus Senhores;
Vou-lhes dar em que pensar:
Um pequeno logogrifho
E facil de decifrar.

A primeira co'a segunda
Não passou jamais de meio;
A segunda co'a terceira
Está da terra no seio.

A primeira co'a terceira
'Num baralho quatro ha;
A primeira, quarta, e quinta
Juizo denotará.

'Neste todo so se encontra
Muita gente reunida,
A qual entrando ignorante
Sairá mais instruida

Ora ahi têm, meus Senhores:
Façam pelo decifrar;
E se não gostarem d'elle, —
Não têm mais que perdoar.

J. F. DA FONSECA

N.º 10.º — *Seminario.*

EXPEDIENTE

Sabemos que tem sido interpretado desfavoravel e injustamente para nós o artigo, que escrevemos no ultimo numero do nosso jornal. Pedimos por tanto aos nossos collegas, que suspendam a sua boa critica sobre este assumpto até á leitura do artigo, que precedeu aquelle, e que se acha transcripto a paginas 25, 26 e 27 do n.º 3.º, recommendando-lhes *principalmente* o periodo, que começa: «Doe-nos o coração, etc.,» e seguintes.

Por esta occasião observaremos tambem, que os nossos ataques *às velhas coisas* — não abrangem *tanto*, como se tem pretendido ver por ahi. O talento e o genio, o saber e a virtude têm sempre sido, e continuarão a ser os objectos da nossa maior veneração e respeito, em qualquer parte, onde possamos encontrar tam preciosos e tam raros dotes do espirito.

Com os n.ºs 13 e 14 faremos sair, se se nos conservar o mesmo numero de assignantes, que ja tinhamos, a *Saudade*, valsa, composição do Ex.º Sr. Brandão, e um *grupo de doctores* da universidade de Coimbra, desenho do Ex.º Sr. Bastos.

Novamente pedimos aos Srs. assignantes dos PRELUDIOS, residentes em Coimbra, que não paguem o preço das suas assignaturas senão á vista de recibo nosso. Escusado é mostrar-lhes o perigo d'um tal pagamento.

D'hoje em diante qualquer reclamação de numeros do nosso jornal, que, por descuido dos distribuidores ou dos empregados do correio, deixarem de ser entregues aos Srs. assignantes, serão dirigidas á loja de livros da Imprensa da Universidade, em

Coimbra—dentro dos cinco dias depois da sua respectiva distribuição; nas provincias — dentro de 15 dias a contar da partida do correio. D'outra sorte não serão attendidas.

«Custa a crer (diz-se por ahi) que entre os assignantes d'um jornal, com quem se não *luctou* para alcançar a sua assignatura, a quem se tem proporcionado todos os meios de satisfazer a sua importancia, sem o menor sacrificio, e que, finalmente, se presumem pertencer a uma classe, onde deve predominar a intelligencia e os bons sentimentos — hajam alguns, que não so se recusem a este pagamento, mas á entrega dos numeros, que indevidamente têm recebido!

«Todavia é este um facto de que todas ou quasi todas as redacções se lamentam, vindo a ser sempre, mais tarde ou mais cedo, o grande escolho, em que estas publicações vão naufragar.»

— Não podemos ainda, felizmente, dizer o mesmo a respeito do nosso jornal, que apenas acaba de largar do porto...; mas nem por isso confiaremos tanto na nossa boa estrella, que, avisados do perigo, o não prevenimos a tempo.

O que se segue não é portanto mais do que *uma medida preventiva*.

V. DA SILVEIRA

<p> Suspendemos a remessa do nosso jornal, se, 20 dias depois d'esta data, se não achar ainda em nosso poder a importancia d'esta conta, quer em estampilhas de 25 reis, quer por via de valores do correio, quer ainda por intervenção dos nossos Commissarios estabelecidos nos diferentes pontos ja indicados.</p> <p>O recibo d'esta quantia será passado em seguida á sua entrega, ou pela redacção ou pelos Srs. Commissarios.</p>	<p>1.º ANNO Dezembro de 1858 a Novembro de 1859 24 NUMEROS</p>									
	<p>Deve o Ex.º Sr. _____</p>									
	<p>_____ a quantia de _____</p>									
	<p>importancia da sua assignatura nos seguintes trimestres d'esta publicação:</p>									
	<table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 60%;">1.º.....</td> <td style="width: 10%;">\$ _____</td> <td rowspan="4" style="font-size: 3em; vertical-align: middle; padding: 0 10px;">}</td> <td rowspan="4" style="width: 30%; vertical-align: middle;">\$ _____</td> </tr> <tr> <td>2.º.....</td> <td>\$ _____</td> </tr> <tr> <td>3.º.....</td> <td>\$ _____</td> </tr> <tr> <td>4.º.....</td> <td>\$ _____</td> </tr> </table>	1.º.....	\$ _____	}	\$ _____	2.º.....	\$ _____	3.º.....	\$ _____	4.º.....
1.º.....	\$ _____	}	\$ _____							
2.º.....	\$ _____									
3.º.....	\$ _____									
4.º.....	\$ _____									
<p>Coimbra, 24 d'Abril de 1859.</p>	<p>V. da Silveira.</p>									

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

Aos nossos Collegas, da Universidade de Coimbra

¡Senhores!

O mais bello, o mais grandioso pensamento, que nos occupára a mente e nos engrandecêra o coração ao instituirmos o nosso jornal em Coimbra — fôra, por certo, o demonstrar pela analyse, a que 'nelle vamos procedendo, que em todas as sociedades, onde a luz do progresso havia ja projectado seus raios eloquentes, existe um *elemento civilizador*, que importa exaltar; pois que, não obstante o ter sido sempre pouco ou mal apreciado, talvez mesmo esquecido, pela sua natural modestia e franca abnegação, na partilha das grandes glorias adquiridas successivamente pelos povos, na sua constante lucha contra os velhos principios e costumes viciosos, — ¡é todavia importantissimo, preponderante, — *decisivo*, quando circumstancias favoraveis, quando um sabio e reflectido conselho o tenha collocado á frente do grande movimento das nações, nos seus impulsos regeneradores, na sua marcha, atrevida e ousada, atravez das ruinas da ignorancia e immoralidade, para o Eden da perfeição, que uma crença viva nos vem apontando no futuro!

Esse elemento, Senhores, é, e não podia ser outro — a mocidade escolhida, cheia de vigor e energia, animada pela fé, inspirada pelas grandes ideas, movida pelos impulsos d'um coração nobre e apaixonado — *ja mocidade academica!*

Pouco haviamos ainda conseguido 'neste proposito, tendo apenas alguns escriptos nossos, em que apoiar-nos, escriptos pela maior parte defeituosos, privados mesmo

d'aquella força de convicção, que lhes podêra dar a unidade e a harmonia do pensamento, se as contínuas interrupções, a que somos forçados, se a multiplicidade dos negocios, que nos occupam, se lhes não oppozesse.

E talvez, por ultimo, ainda não conseguissemos tudo em favor da nossa *emancipação* (¡taes são os preconceitos, com que temos de lutar!..), se essas circumstancias favoraveis, de que acabamos de falar, não viessem hoje em nosso auxilio, pondo em nossas mãos uma victoria decisiva, ou uma derrota, que bem longe de nos humilhar, como um desmentido formal, — ¡ficará eternamente apontando ás gerações futuras mais uma injustiça a reparar, mais uma calumnia a destruir!: um novo combate se empenhará então; e a gloria, que se nos não podêra attribuir 'nessa derrota mesma, — ¡fulgirá com todo o esplendor da luz, que nos illumina hoje, na defesa da nossa dignidade ultrajada, da nossa importancia nos feitos das grandes cruzadas civilisadoras, cuja vanguarda nos pertence por todos os titulos!

¡Senhores! Na questão da transferencia do Conselho Superior d'Instrucção Publica não está so compromettido o interesse dos habitantes de Coimbra, que as leis economicas, mais tarde ou mais cedo, compensariam, talvez com generosa affeição, em todo o seu prejuizo; ou o da Universidade, na sua preponderancia na decisão dos graves negocios da instrucção publica, que a sua maior esphera de conhecimentos, que os seus titulos de dignidade, que as suas nobres tradicções collocariam entre suas mãos robustas e experimentadas: está tambem, e mais que tudo, o principio de

liberdade e independencia, que deve presidir ao movimento geral e uniforme do mecanismo das sociedades, na sua marcha para o estado de perfeição, a que todas aspiram,—| principio que a nós mais principalmente nos cumpre defender contra as exageradas pretensões do poder, em quaesquer mãos, em que elle se encontrar, no seu plano de *centralisação excessiva*, que ameaça absorver todas as garantias, e até a propria vontade dos povos, cujas desgraças nós lamentamos, e nos temos sempre esforçado por aliviar em quanto o coração se nos não endurece, em quanto os nossos costumes se não corrompem 'nessa atmospheria de ambições e de vis intrigas, que infelizmente muito em breve teremos de atravessar!..

Não ha ninguem, Senhores, que reflectindo sobre as varias attribuições, conferidas pelas leis ao Conselho Superior d'Instrucção Publica, não ressonhe desde logo as immensas vantagens da sua actual collocação: longe do tumulto da cõrte, de nenhuma sorte influenciado pelas aspirações d'uma politica varia, protectora, ambiciosa por extremo, juncto do principal centro scientifico do nosso paiz — as suas decisões não podem ser senão muito reflectidas e sobre maneira favoraveis ás necessidades geraes da nossa instrucção; em quanto que completamente contrarias ás exigencias d'uma ou outra parcialidade, a que as intrigas governamentaes, ou sobrado egoismo podessem dar algum *direito* ou bem fundadas esperanças.

¿Para que arrancar pois este respeitavel tribunal da sua esphera de independencia, do centro das luzes, que o esclarecem, — para o ir collocar alli, onde tudo se acha subordinado ás mesquinhas vistas d'uma politica militante, e obscurecido pelo nevoeiro das paixões? ¿Para que, *quando se tracta de melhorar* a nossa instrucção, se procura confiar das mãos d'um ministro as melindrosas attribuições, que, exclusivamente e a bem da nação, deveram pertencer a esse mesmo tribunal, quando ja as d'esse ministro são tam complicadas, que mal lhes restará alguns segundos para pensar 'naquellas?..

¿Quem não percebe em tudo isto esse pensamento escravizador e tyranico da centralisação, na sua permanente lucta contra os sãos principios d'uma politica elevada?

¿Quem não ve ahí mais uma triste quebra das nossas garantias, mais um ataque á nossa liberdade, mais um abuso introduzido 'nesse importantissimo ramo de administração publica, de cujo aperfeiçoamento depende immediatamente a sorte, a felicidade d'um povo inteiro?

Estas reflexões, Senhores, que nos acaba de sugerir a proposta apresentada no Parlamento pelo actual ministro do Reino, devem igualmente ter-vos feito pensar, no meio da anciedade publica, nos modos de a combater e aniquillar.

Na representação do voto nacional — o nosso parecer não póde deixar de sobressair sobre o parecer de todos os outros; — | porque ninguem ousará alcunhar-nos de *retrogradados*, ninguem, com vantagens, se lembrará attribuir sentimentos menos dignos áquelles, sobre que so imperam as leis de civilisação e progresso, de fraternidade e amor!

Unamo-nos, pois, e vamos levar ao Parlamento, com todo o respeito das leis, e sem os menores visos de ataque ao governo, ou á politica, que o dirige, uma prova bem frisante, de que os votos dos estudantes da Universidade de Coimbra, exprimindo o desejo do povo, na defesa dos seus direitos mais sagrados, será sempre, como dissemos, da maior importancia na balança dos seus destinos, embora ainda o esquecimento e a ingratição d'uns, ou a abnegação e a generosidade dos outros não deixem, que se nos conserve, na historia dos seus grandes feitos, uma pagina distincta.

O seguinte *projecto de representação*, que me honro de submitter ao vosso elevado criterio — exprimirá aos illustres membros das duas Camaras o nosso pesar e os nossos desejos 'numa questão, em que se acham offendidos tantos interesses, e a nossa liberdade principalmente.

Senhores Deputados da Nação Portugueza!

Os estudantes da Universidade de Coimbra, não podendo ser indifferentes ás desgraças ou venturas, que devam tornar os dias do povo amargos ou felizes, porque aquelles exprimem o luto, estes o jubilo d'uma nação, a cuja prosperidade têm ja sacrificado, e continuarão a sacrificar ainda, pelo estudo, os mais viçosos annos da sua existencia,— leram com desgosto a proposta de lei, que vos foi appresentada pelo sr. Ministro do Reino, para que seja supprimido em Coimbra o Conselho Superior d'Instrucção Publica; na qual, em vez dos melhoramentos, que as circumstancias reclamam, lhes parece ver não só os embaraços, que geralmente esterilizam a acção dos governos alli, aonde os negocios de toda natureza affluem em massa; mas ainda um pensamento reservado de *excessiva centralisação*, attentando contra a liberdade e independencia, a que tem incontestaveis direitos não esta ou aquella localidade, mas o paiz inteiro, que tanto se esforçara por conquistal-as, sellando-as mesmo com o seu proprio sangue!

Os estudantes da Universidade de Coimbra, expressando assim francamente os seus receios, e convencidos de que todas as reformas aconselhadas pelas necessidades da nossa instrucção *podem* effectuar-se com a actividade e a prudencia, que ellas exigem, sem supprimir, nem alterar consideravelmente a organização do actual Conselho d'Instrucção Publica,— têm grande fundamento para esperar das muitas luzes e decidido patriotismo dos membros d'essa illustre Assemblea, que tam infeliz proposta, como a que acaba de vos ser apresentada pelo sr. ministro do Reino, não conseguirá nunca o vosso apoio; e que esta respeitosa exposição seja acolhida entre vós com as sympathias, que merecem todos os actos elevados e generosos d'uma corporação, em que não impera ainda nenhum sentimento de odio ou de inveja, mas sim o decidido amor pelo paiz, que da sua moralidade, energia e variados conhecimentos tem de confiar os melhores dias da sua prosperidade.

Coimbra, 26 d'Abril de 1859.

ESTUDO SOBRE AS POESIAS DE SCHILLER

(Continuado do numero 4, 6 e 9)

IV

Quem lê as poesias de Schiller não póde deixar de sentir uma profunda admiração, ao contemplar os thesouros, que nos legou uma elevada intelligencia e uma secundissima imaginação: grande e sublime na satyra; ardente e apaixonado nos seus cantos d'amor; veraz e colorido nas balladas, o seu espirito adaptava-se a todos os generos de poesia, e não perdia nunca a inspiração, a originalidade e o vigor. Entre as poesias de Schiller merecem não ser esquecidos os hymnos, que elle dedicou a Laura. A pureza do sentimento, a altura das ideas rivalisam alli com a nobresa das imagens e a magestade d'expressão: extaticos e phantasticos apenas n'elles se divisa um ligeiro assomo de sensualidade. Ha um singular e inexplicavel contraste entre a ardencia e o entusiasmo d'esses versos, e o objecto, que, tocando o coração de Schiller, exerceu uma tam poderosa influencia sobre a sua imaginação. Laura era uma vulgaridade em toda a força da expressão: não possuia nem a belleza, que fascina, nem a illustração, que cria os respeitos, nem talvez as virtudes austeras e illibadas, que produzem a admiração. Estava longe de ser sequer a sombra de Stuart, de Savigné ou de Stael: Laura era até viuva. Parece incrivel, que uma mulher tam pouco favorecida pela natureza e pelas circumstancias, inspirasse a um poeta como Schiller um amor tam intimo, tam sentido e tam exaltado, como comprovam os versos, que em sua honra o poeta compoz.

Damos a traducção d'um d'elles: 'Tua alma pura e bella como a agua crystallina, troca por um dia de primavera meu pallido outomno. O deserto silencioso e triste anima-se vendo-te; tens tanto poder, que douras as sombrias nuvens do futuro; tu sorrís ás harmonias d'este mundo, e eu choro. O imperio da noite não sepultou ja os monumentos da terra? Os nossos soberbos palacios, as nossas cidades famosas elevam-se sobre ossadas modernas; os cravos tiram

da corrupção o seu doce perfume, e a fonte d'agua limpida nasce 'numa sepultura humana.' — Engrandecer o que é pequeno, embellesar o que é vulgar, fal-o so o homem, que Deus faz poeta. Schiller parece que teve comprazimento em divinisar a mulher, que teve a felicidade de conquistar o seu coração.

Schiller levantou um padrão immorre-douro á mulher, que nunca se lembrou, de que o seu nome tivesse o brilhante e inve-javel destino de passar á posteridade.

Os reis tiram da obscuridade, erguem ás vezes da lama as mulheres, que elles julgam mais aptas para excitarem e estimularem uma sensualidade ja gasta e cançada.

Compram á custa d'ouro a honra de mulheres, que deixam morrer a virtude á vista do brilho d'uma corôa.

O luxo faustoso, o esplendor das festas, o prestigio do nome de rei, tornará talvez o vicio menos asqueroso e feio; mas não o encobre, nem o justifica.

A La Vallière, apesar das virtudes, que a ennobreciam, apesar do arrependimento, que a regenerou, apesar de ser honrada com a grande voz de Bossuet no acto de sua profissão, apesar de tudo, a historia, que so respeita a verdade, ha de gravar-lhe nas suas paginas imparciaes o epitheto de prostituta de Luiz 14. Os reis podem tornar o vicio brilhante; mas so darão ás suas amantes uma celebridade ephemera e vã, que para ellas é um perpetuo poste de ignominia, a que as amarra a historia.

O poeta não póde muitas vezes dar se-não a sua lyra ás mulheres, que ama; mas essa lyra tem sons tam puros, elles tiram das mesmas notas tam harmoniosas, tam sentidas e bellas, que, atravessando os se-culos, levam ás gerações por vir os nomes d'aquellas, por quem o seu coração batêra. O sceptro do poeta não é enriquecido pelo ouro, nem aformoseado pelos brilhantes; mas tem mais valia, que isso; se não dá a riqueza, dá a immortalidade e a gloria áquillo que toca. Laura, Beatriz e Leonor viverão florescentes no espirito da huma-nidade, em quanto esta guardar os monu-mentos em que Petrarcha, Dante e o Tasso

escreveram os seus nomes. Schiller tinha uma grande predilecção pelas balladas: era um dos generos, que elle cultivava com mais amor e prazer: o seu espirito incarnava-se com a maior facilidade nos costumes, nas ideas, e nas instituições d'outras eras. Quan-do elle desenha uma scena, descreve um caracter, ou narra um acontecimento, não lhe escapa uma circumstancia, não lhe esquece um incidente, não deixa de reprodu-zir uma côr, uma imagem. Schiller pinta as personagens taes como ellas foram; apresenta-as, dizendo o que elles sentiam e pensa-vam; conta os factos como elles se passaram; embellesa a verdade severa da historia com as galas da poesia; aponta tambem taes como ellas são as lendas tradicionaes, não lhe tirando nada do que ellas encerram de simples, e por vezes de sublime e tocante.

Os allemães possuem em subido grão essa rica e maravilhosa faculdade, em vir-tude da qual se transportam com o pensa-mento a seculos afastados, a paizes dis-tantes, a costumes e characteres differentes. Schiller comprehendia bem, que a poesia fiel deve fazer sobresaír a verdade como um raio de sol faz ver as cores, e dar aos factos, como diz M.^{me} de Stael, o brilho, que lhes roubaram as trevas do tempo.

(Continúa)

J. ALVES MATHEUS

SATISFAÇÃO DEVIDA

Dinheiro e mulheres são os dois polos, sobre que actualmente gira toda a machina social,—a força galvanica que ainda sustem ao lume da vida um resto de energia, que a indiferença de todos e por tudo não tem podido aniquillar. Alternadamente fim ou meios, em ambas as coisas se concentra a hodierna actividade.

Buscam-se mulheres para haver dinhei-ro: busca-se dinheiro para ter mulheres: busca-se dinheiro e mulheres para conse-guir tudo.

E o mais notavel ainda é, que elementos tam heterogeneos dêem em resultado o mes-mo fim. *Dinheiro* quer dizer — ambição, avaresa, materialismo: *mulheres* é synonymo de desinteresse, abnegação, idealidade...

Pois não é de dizer, qual dos dois é mais melhorado para desviar estorvos, cortar dificuldades, realizar impossíveis.

Por isso são para ti os respeitos do mundo, jó dualidade famosa! Desde os altos dignatarios da alta politica até o humilissimo distribuidor dos *Preludios*; desde o enfatuado palerma, que aspira a deputado até o barbeiro d'aldêa, que aspira a mestre-escola, todos e cada um a ti recorre como a Deus tutelar!

Eu não sou excepção. Sempre fiz ao dinheiro boa arrecadação, ás mulheres mil cumprimentos. Mais de uma me tem visto de rôjo regar com lagrimas o po que ella pisa, embora a paga seja um sorrir de desdem...

Se, em hora de enfadamento da penna, escapa algum epigramma indiscreto, são isso leviandades de cabeça, que o coração não partilha, antes reprehende. É a minha justificação: que, para mulheres de nada vale o que o coração não dita. Cumpre-me porém fazer mais, que não so justificar-me: vou dar solemne satisfação á — *Creação da mulher*.

Poucos hão sido os grandes acontecimentos do universo, que por mulheres não tenham sido promovidos.

Creára Deus o homem em graça e sanctidade; dera-lhe em dote a innocencia, em promessa a felicidade para si e para seus filhos. Ser-lhes-hia a vida semeada de rosas, de que o mesmo Deus cortára os espinhos.

Era obra de Deus, parecia eterna.

Uma mulher destruiu tudo, e uma raça inteira foi votada á perdição.

Foi a primeira e a mais celebre de todas. Depois d'ella pouco fez *Rebecca*, invertendo, por uma fraude, uma linha de geração; a mulher de *Putiphar*, preparando a servidão aos Israelitas; a *Lucrecia*, derribando um throno de quasi tres seculos; *Cleopatra*, desembargando o caminho da tyrannia aos Tiberios, Caligulas e Neros; *Florinda*, trazendo morte á patria debaixo do alfange musulmano; Anna Bolena accendendo a discordia religiosa, que afogou em sangue a crença catholica; Catharina de Médicis, urdindo o trama, que rebentou sangrento em dia de S. Bartholomeu; Maria Antoi-

nette, finalmente, minando uma monarchia de quatorze seculos, que viu desabar diante do seu capricho inflexivel, deixando sobre o seu tumulo um algarismo de horror — ¡ 93!

Ahi têm os titulos de veneração, que a historia dá ao sexo amavel. São valiosos, e apraz-me registral-os em ligeiro quadro, para eterno desaggravo do ridiculo, que lhe procurei. São elles que me desmentem, porque acções famosas desmentem origens vis.

J. SIMÕES FERREIRA

EDUCAÇÃO DAS MULHERES

É mistér que os povos se embruteçam em seus braços, ou se civilisem a seus pés.

É em vossa alma, jovens esposas, que repousam os destinos do genero humano. AIMÉ MARTIN

Sem a mulher, a aurora e o occaso da vida seriam sem soccorro, e o meio-dia sem prazer.

S. BARRETO

Em tempo em que a força imperava, arbitro irrecusavel em todas as contendas, defendiam nobres paladinos e intrepidos cavalleiros, de viseira calada e lança em riste, a honra da dama de seus pensares; e o vencedor ufano ia receber modestamente a coroa e o beijo pudico, paga de seu brio e galhardia.

Era o tempo em que a voz lacrimosa d'uma dona offendida em sua honra, ou de donzella acabrunhada por desleal tyranno, topava echo certo em todo o coração nobre e generoso, que batia sob um arnez de cavalleiro, e, em seu desaggravo, reunia em volta a si todos quantos braços valentes empunhavam lança ou espada.

Era o tempo em que o insulto feito ás damas por orgulhosos Bretões custava caro, custava a vida áquelles que, de imprudentes, ousavam proferil-o; porque sempre á testa d'uns — *doze d'Inglaterra* se encontrava um — *Magriço-aventureiro* a desaggraval-as. Tempos foram, que jamais voltarão.

Nem curemos de os chorar, que não morreram ainda os crentes da virtude

feminil, que á face do seculo ousem defendel-a. Se ja se não defende a virtude ou formosura de tal dona ou donzella, quebrando lanças na estacada, ha ainda corações crentes, pennas eloquentes a pugnar, não exclusivos por esta ou est'outra virtude, mas pela elevação e supremacia de todo sexo e de toda classe.

Ja se não peleja pela formosura da mulher, mas sim pela innocencia da sua natureza pura e sem macula; mas sim por seus direitos; mas sim pelo logar d'honra, que de jus lhe compete no banquete social.

Aos atrevimentos scepticos de Byron, ás impuresas insultantes de Voltaire, ao cynismo nauseabundo do seculo de Luiz xv, responde a nossa era com a philosophia reverente d'Aimé Martin, com a poesia consoladora de Lamartine, com todas as almas elevadas, que sabem sentir e crer virtude, dedicação e amor.

A era é melhor: o meio de discutir e vencer — mais racional e proprio de homens.

A victoria d'outr'ora estribava-se no terror ou na admiração; a de hoje cala no coração e na intelligencia, estribada na rasão e na verdade.

Assim tambem a mulher é hoje mais reverenciada, mais comprehendida e mais amada; hoje a mulher, por assim dizer, fala todas as lingoas, cala em todos os corações, affecta todas as formas da litteratura e da sciencia: a philosophia, a medicina, a poesia, o romance, tudo hoje trabalha com affan em remir a mulher da escravidão da meia-edade, da prostituição e embrutecimento do Oriente; e em eleva-la ao thalamo conjugal, a todos os direitos e prerogativas, que o seu triplice character de amante, esposa e mãe lhe dá jus a reclamar.

A mulher é um ente fraco, desvalido, apaixonado e nobre, mais que tudo: todavia sem ella, como disse um poeta, o mundo seria um ermo melancholico, os deleites apenas o preludio do tedio.

Por este character merece de todos differença e gasalhado.

A sua fraquesa e desvalimento a recom-

mendam ao arrimo e protecção das almas fortes e generosas; ao amor das almas nobres e apaixonadas — a nobreza de seus sentimentos: a todos — a consciencia da sua superioridade e da nossa dependencia; dependencia suave e imperceptivel, mas real e poderosa, dependencia de filhos, d'amantes, d'irmãos, d'esposos; dependencia moral apenas, mas por isso mesmo mais forte, porque convençamo-nos uma vez, taes quaes somos, é a mulher que assim nos faz; e o seu imperio é tanto mais poderoso, quanto é mais sobre o coração, isto é, sobre o sentimento, que elle se estende, e, muito principalmente, no dizer d'Aimé Martin, sobre as nossas mais ardentes paixões.

Por qualquer face, que encareis a mulher, no estado relativo do homem em frente d'ella, sempre encontrareis uma paixão, de que, mesmo insensivel e voluntariamente, lança mão para nos dominar, guiar ja no bem ja no mal, para nos enobrecer ou para nos aviltar. É por essa paixão, que nos insufla n'alma os principios, em que a sua está imbuida, consubstanciando-as assim, ou, dizendo melhor, consubstanciando a nossa com a sua, porque, 'nesta assimilação moral, a alma da mulher nunca perde nada da sua individualidade, sendo que é so a do homem, que se homogenêa com a d'ella.

A paixão da amante, a amizade da irmã, a solidariedade da esposa, o amor da mãe são outras tantas cadeias invisiveis, com que a providencia se aprouve ligar estreitamente a vida da mulher á do homem, e tornar assim a sua dependencia moral penhor de protecção para a fraquesa d'ella.

Disse, não sei qual philosopho, que quem faz os homens são as mulheres.

Bebemos, com effeito, nos seios da mãe, nos olhos da amante, nos braços da esposa todas as virtudes ou todos os vicios, com que depois surgimos no mundo: sendo a mulher o misterioso guia, e mestra da nossa educação moral, em todas as phases da nossa vida, claro é que, o que formos no bem ou no mal, a ella o devemos.

Esta é a verdade, bem que nos pese: mas não nos deve pesar, pois que em nossa mão está o transformar esta dependencia em doce reconhecimento e fazermo-nos bons,

fazendo boas nossas mãis, nossas amantes e nossas esposas.

A educação, no sentir d'um grande homem (a), não deve começar nem pelo clero, nem pelo povo, nem pelas escolas, nem pelos mestres, mas pelos mestres e educadores naturaes,— pelas mulheres, com as mulheres, e so pelas mulheres; pelas mãis, pelas filhas, pelas amantes, pelas esposas: e esse bẽm que lhes fizemos— ficai certos— que todo sobre nós, e com usura, reverterá.

A Philosophia, depois de correr largo tempo desvairada pelos campos da abstracção e do frio raciocinio, parou, de cançada por tantos erros; e olhando para o coração da mulher pasmou de não ter dado mais cedo com a solução do problema; pasmou de ver como um pouco de sentimento dava melhores fructos, do que todos os seus raciocinios frios e calculados.

É que a philosophia até ahi não era christã; é que a philosophia até ahi não tinha ainda olhado para um coração de mulher; não tinha ainda medido a vehemencia de suas dores, a expansão de suas alegrias, o fundo de suas affeições; não tinha ainda considerado a influencia d'este magnetismo sobre a alma do homem.

Quando a philosophia deu solução ao problema do aperfeiçoamento moral do homem todos pasmaram de como a ninguem lembrara ainda coisa tam clara: ja Colombo o dizia: é que as coisas mais claras são as que mais escapam; e o olhar que vaga perdido no espaço sem limites, raro attende ao que a seu lado se passa sobre a terra, grão de areia perdido na immensidade.

Eis porque hoje vemos o phenomeno da concordancia entre todas as sciencias e todas as litteraturas sobre a necessidade da educação intellectual e, maximamente, moral da mulher. É que todos viram, reconheceram e reconhecerão, que é so por meio d'ellas, que poderemos attingir o verdadeiro bem, porque so ellas nos podem pôr na verdadeira estrada, que conduz a elle.

ANTERO TARQUINIO QUENTAL

(a) Aimé Martin.

MATHILDE, OU A JOVEN CITHARÉDA

I O assalto ao Castello

'Numa d'estas tardes sombrias do outono, em que as folhas, começando ja a desbotar, principiam a ser agitadas por um vento mais forte, a nobre Theodora, tendo a sua unica filha Adelina assentada no seu collo, estava, 'num dos innumerados quartos do seu castello isolado e quasi deserto de Haute-Roche. Adelina contava, então, apenas dois annos de idade; e seu pai, o cavalleiro Alberto, achava-se muito distante do seu castello, 'num paiz, para onde a guerra o tinha chamado. Partindo pois para a guerra, levou consigo todos os seus es-cudeiros e a maior parte dos seus homens d'armas.

Os unicos defensores, que faziam a guarda do castello, construido sobre um enorme montão de gravito, que coroava uma montanha elevadissima, d'onde este castello tinha tirado o seu nome, eram Jacques e alguns poucos pagens. Jacques tinha ido primeiramente com Alberto; mas como a posição dos dois exercitos por muito tempo tinha impedido o cavalleiro de receber noticias de sua cara consorte e de sua adorada filha, e como não podia abandonar o seu posto, tomou o partido de mandar Jacques, disfarçado em peregrino, ao castello de Haute-Roche, para saber o que ahi se passava.

Comtudo a guerra foi de mal para peor, os inimigos evadiram o solo da patria, roubando, incendiando e despojando as cidades e os campos, e uma columna d'estes barbãros approximou-se do castello de Haute-Roche. Nestas circumstancias, Theodora, temendo um ataque, julgou prudente reter ao pe de si Jacques, para d'este modo augmentar o numero dos seus defensores. Comtudo as fortificações arruinadas apresentavam pouca segurança, e então Haute-Roche parecia-se mais com uma casa de campo, do que com uma fortaleza destinada a impôr ao inimigo, e capaz de sustentar um cerco. A sua architectura, as velhas torres em ruinas, os carvalhos seculares,

e as tilias gigantescas, que povoavam o ambito e o pateo immenso, mostravam ainda o que este castello havia de ter sido primitivamente.

Nesta tarde pois o frio norte abalava, sibilando, o cimo dos carvalhos e das tilias, o as folhas obrigadas pelo vento a separar-se dos seus ramos, tapetavam o terreiro do vasto pateo. Ja o sol se tinha mergulhado no vasto horisonte, ja o crepusculo tinha passado, ja a noite tinha começado a ennegrecer as paredes exteriores d'este velho castello, quando de repente se julgou ouvir no valle proximo vozes surdas e tumultuosas.

— Que é isto? perguntou Theodora, assustada, a um pagem que trazia luzes; são inimigos?

Comtudo o tumulto e os sons dos clarins augmentavam e pareciam approximar-se. Pouco depois o guarda da torre deu o signal de se approximar gente, e o velho Jacques, pallido como a morte, entrou precipitadamente no quarto.

— Nobre dama, disse elle, não vos assusteis com a triste noticia, que vos venho dar, e nesta hora critica confiemos plenamente em Deus e em sua divina misericordia. Parece-me que uma multidão de gente armada se approxima do nosso castello. Ainda não foi possivel distinguir se são amigos ou inimigos. Mas, para falar com franquesa, parece-me que são inimigos; porque hontem recebi a triste noticia, que eu desejava calar, de os nossos terem sido vencidos e postos em debandada.

— Oh! meu Deus! exclamou Theodora; se isso assim é, que será de mim e de minha querida filha?!

— Socegai, nobre dama, disse Jacques: sempre vos tendes mostrado boa e verdadeira, e por certo que ainda vos não esquestes d'este antigo e bello adagio:

Quem em Deus tem plena confiança,
Entrevê o futuro com segurança.

— Tens razão, meu bom amigo, disse Theodora: fazei levantar a ponte-levadiça. Eu não sei bem, mas parece-me que o nosso castello não está em estado de fazer grande

resistencia. Mas ao menos tractemos de ganhar o tempo necessario para pôr em segurança as minhas joias e os meus trastes mais preciosos.

— As vossas ordens serão executadas, nobre dama, respondeu Jacques, e saiu.

(Continúa)

J. DE CASTRO JUNIOR

(Carta dirigida por uma Senhora á redacção dos PRELUDIOS, para ser publicada)

A harmonia, que se observa no formoso rosto de V. Ex.^a fez-me tal impressão, que, como mathematico, immediatamente tratei de descobrir a causa d'este phenomeno. Discutindo, em relação aos tres planos coordenados, a curva de dupla curvatura, que forma o gentil rosto de V. Ex.^a, achei o resultado mais extraordinario possivel, a symetria mais completa; os pontos de inflexão e reversão estão tam artisticamente dispostos, que longe de transtornarem a uniformidade d'um tam bello solido, tornam ainda mais regular esse polyedro de lados infinitesimos.

Analysando da mesma maneira as outras partes visiveis d'um tam elegante todo, cheguei a resultados identicos, e introduzindo-os na formula da interpolação, descobri os pontos intermedios e a lei de continuidade, que presidiu á formação d'essa obra prima da natureza.

Encantado, como ja estava, ainda mais fiquei com tam bellos resultados fornecidos pela analyse infinitesimal; e assim como a força de gravitação conserva todo o systema planetario nas suas orbitas á roda do sol, assim eu me conservo em torno de V. Ex.^a, mantido pela atracção, que V. Ex.^a exerce sobre tudo, que a cerca. V. Ex.^a é o zenith das perfeições, e o nadir da innocencia.

Finalmente, minha Senhora, por meio de successivas differenciações e integrações cheguei ao conhecimento de que meu coração transbordava do mais puro e casto amor para com V. Ex.^a; e como não entra no dominio das sciencias mathematicas e phisicas o indagar os sentimentos, que despertamos nas almas dos seres organisados, que

nos cercam, por isso me atrevo a dirigir esta carta a V. Ex.^a, confessando-lhe o meu amor; e espero que V. Ex.^a me desculpará o meu atrevimento, attendendo á força electrica e magnetica que attrahe o meu coração para V. Ex.^a, assim como o aço é atrahido pelo iman.

De V. Ex.^a

Satellite constante

F.

Não é por certo a vaidade, que me leva a cunhar o meu nome nas columnas d'um jornal, em que tive á distinctissima hora de ser admitido com a minha *Profissão de scepticismo*; é sim o grito do sentimento, que não posso abafar mais um instante, d'esse sentimento a que sou arrastado pela recordação do passado, consciencia do presente e prognostico d'um futuro envenenado por uma idea, que hoje gravada 'neste coração em letras de fogo póde apenas corroel-o e aniquilal-o, mas nunca abandonal-o.

Planisei descrever um anjo, que Deus me fadava, e em que esperava completar a minha ventura, se a parca impia não me ferisse mortalmente; não vi phrases humanas, que aproximassem a sua pintura d'um ideal de virtudes e bellas, realisadas nas formulas d'aquella doncella; retrocedi no meu intento, e julgar-me-hia mais que contente apontando o seu nome, que leves conveniencias me obrigam a omitir: desesperei da minha sorte, bebi nas lagrimas o unico lenitivo d'esta intensa dor; hoje porém que as sinto estancadas busco na imprensa um desabafo, ou antes um alimento para esta dor, que me estala a mais intima fibra do coração.

PROFISSÃO DE SCEPTICISMO

Como a vejo debruçada sobre o tumulto quero salvá-a. Sinto-a escorregar mais e mais; invoco o poder, que alli a atirou. Sinto 'num instante aglomerarem-se-me no coração todos os sentimentos do virtuoso christão, ainda o mais credulo; banho em lagrimas as preces mais saturadas d'uma fe pura; abraço mil promessas, em que testemunho ao Eterno o meu desejo mais vivo; recebo em troca a consciencia do meu nada. Não desesperei ainda; venero a significação do meu ardente desejo; dou asas á imaginação na invenção das mais duras promessas; chego mesmo a pedir, que as nossas sortes sejam trocadas e o tumulto se abra para mim: sorri-me a sorte, e 'nesse sorriso deixa-me traduzir o cynismo mais puro, que me pede um eterno abraço: vacillo, estremeço, sondo o abysmo, que vejo cavar-se a meus pes, afasto um momento as suas garras,

torno a invocar o Eterno; despede-me a punhalada mais valente, que ousei pedir-lhe me suspendesse. Cambaleio então, despenho-me no abysmo, que me sustinha ás bordas; e eis-me ja sorrindo á sorte, sem crenças, sem fe, sem vida, sem nada. Resta-me apenas um tumulto, que separa o passado do futuro, o passado, esse viver sonhado traduzido na palavra Ceu; o futuro, essa cadeia de realidades engastada 'num tumulto, que me acordou do sonho, e atirou á triste realidade, que em pouco pontualizará 'noutro tumulto, se a cadeia não voltar a prender-se no mesmo.

C. R.

¡SANTAREM!

AO MEU AMIGO A. C. D'ALMEIDA

Vous que l'honneur est pour abri!
Arceaux tombés, vodtes brisées,
Vestiges des races passées!

V. Hugo

¡Santarem! teu nome honroso,
'Num passado grandioso,
Se desenrola ante mim;
De ti vejo nos annaes
Escriptas façanhas taes,
Como nunca as vi assim.

Foi Abydis, grão troyano,
Que fugindo ao fado insano
D'entre montanhas t'ergueu;
Foi esse que ao mundo inteiro
Quiz a prova dar primeiro,
Do poder, que Deus te deu.

Levantou-te assim altiva,
P'ra não poderes ser captiva,
Mas sob'rana dictar leis;
Levantou-te p'ra morada,
Ja de longe destinada
De sob'ranos, nossos reis.

E, com effeito, vaidosa,
Muita vez viste ufanosa
Monarchas em teu recinto,
Que pressurosos buscaram
Refugio, que sempre acharam
'Neste lugar tam distincto.

Nos teus muros, que caidos
Encontram-se hoje despídos
D'antiga gala e poder

! Vejo a prova, que mais certa
'Num peito grato desperta,
Orgulho d'aqui nascer!

Esse Tejo, que saudoso
A teus pes corre queixoso,
De se ver abandonado,
Tambem s'encontra na historia,
Fazendo parte da gloria,
Do teu brilhante passado.

Ja outr'ora o fero mouro
Dizia: — seres thesouro
Do propheta nas Hespanhas;
E p'ra livrar-te fizeram
Feitos d'armas, que excederam
As mais famosas façanhas.

Foi assim que te julgou
Julio, que te nomeou
Seu — Presidio — o mais valente;
Esse dictador sob'rano,
Qu'impoz ao povo romano
Jugo d'um braço potente.

Vejo 'nessa antiga Roma
Feitos d'armas, cuja somma,
Jamais póde ser-te igual;
Vejo da Grecia os valentes
Guerreiros, que são diff'rentes
Dos teus, que não tem rival.

Foi Affonso, grão guerreiro,
Nosso monarcha primeiro,
Que dos ferros te livrou:
Foi um rei, heroe forte,
Qu'encarou, altivo, a morte
Quando d'elles t'arrancou.

Foi por ti que mais d'um bravo
'Nestes muros se viu escravo,
De Pêrros sem compaixão;
Foi por ti que o portuguez,
Expoz montante e arnez
Contra os filhos do — ! Al-korão!

Ja foste côrte valida
De monarchas, cuja vida,
Passou triste e amargurada;
Que taes coisas se passaram,
No seu tempo, que atterraram
Toda a nação consternada.

P'ra theatro t'escolheu
Da vingança, qu'exerceu
Nos d'Ignez crus matadores,
Esse rei, Pedro primeiro,
Vingativo, justiceiro,
Que zombou d'acerbas dores.

Fernando, com sua amante,
Esse rei tam inconstante,
Em teus muros s'acolheu;
Quando um povo amotinado,
So pedia ao desgraçado
Essa mulher, que o perdeu.

D'aqui viu ser invadido
O seu reino, e perseguido
Por estrangeira nação;
Ouviu ! mas calaram gritos
De mil vassallos afflictos
'Num cobarde coração!

Mas, paremos...; e saudosos
Recordemos orgulhosos
D'outros monarchas a vida;
D'esses homens, cuja fama,
Jamais por impura chamma
Poderá ser consumida.

¿ Que vezes tem Deus mostrado
Este solo abençoado,
Ser da sua protecção?
¿ Quantas provas milagrosas
'Stão patentes, que famosas
São d'um povo alto brasão?!

! Santarem! com gôsto vejo
Teu poder, que ja prevejo
Ir levantar-se do po:
Levanta altiva a cerviz,
Ja que Deus assim o quiz
! Cessem lagrimas de dó!

Seminario Patriarchal de Santarem, 14 de Dezem-
bro de 1858 JOAQUIM AUGUSTO RODRIGUES

AO MEU PATRICIO E AMIGO

L. O. F. DE MELLO

Quão feliz que eu fôra, donzella,
Se me deras um riso dos teus,
O encanto, que 'nelles se mostra,
Emanado dos risos de Deus.

! Oh! se deras ao vate proscripto
Meigo olhar, que o soffrer mitigára,
Que a idea do exilio penoso
De sua alma abatida riscára; —

Logo em paga um amor mais sincero
Pelo vate te fóra jurado,
E verias teu nome na lyra,
Ao perfume das flores, cantado;

E verias, que o amor lhe viria
D'harmonia mil sons acordar,
Solfejando teus dotes divinos
Às estrellas, às brisas e ao mar.

E folgára até mesmo na campa
De te haver o seu peito rendido,
De adorar no silencio da morte
Tua imagem, teu nome querido.

Não te off'rece riquezas nem pompas,
Porque o vate riquezas não tem;
So te off'rece uma c'roa singella,
Que valor infinito contém.

Esta c'roa dos vates, tam nobre,
So das mãos do Senhor é que vem;
As que têm os monarchas são dadas
Pelos homens, que as quebram também!

! Quanta vez um monarcha abatido
Dos cuidados no horrivel lutar,
Aborrece suas galas, seu sceptro,
Porque soffre, não póde chorar!

E não chora, que o povo não quer
Do sob'rano nos olhos o pranto;
Mas o vate se soffre, na lyra
Acha alivio, acha mesmo o encanto.

Logo encontra o consólo, se a corda
Consagrada á sua patria vibrou;
Se 'naquelle, que a Deus é votada
O auxilio do ceu implorou.

Eil-o alegre, se aos pais agradece
'Noutra corda mil benções, ternuras;
Mais altivo, que um rei, se da bella
Dos seus sonhos modula as doçuras.

¿ Queres, pois, linda virgem, fruir
D'esta vida a ventura completa?
Sanctifica-a, acolhendo em teu peito
O amor, que te vota um poeta.

Coimbra, 3 d'Abril de 1859 . . . A.

UMA SAUDADE

À MEMORIA DE MINHA IRMÃ MARIA MAXIMINA TEIXEIRA,
FALLECIDA A 27 DE FEVEREIRO DE 1856

¿ Onde occultas, lindo anjo,
Teu sorriso encantador?!
Teus olhos meigos, formosos,
Teus labios dizendo amor?!..

¿ Onde, as faces purpurinas,
Mimosa e candida flor?!..
¿ Onde, as madeixas formosas,
Onde, o virgineo rubor?!..

Foste estrella passageira
Ca na vida a fulgurar;
Amanheceste formosa,
E á tarde vi-te murchar.

Pergunto por ti aos echos
Da longinqua soledade;
! Mas os echos so respondem
Uma queixosa saudade!..

Lamego, 6 de Março de 1859

JOSÉ AUGUSTO TEIXEIRA BOTELHO

SONETO

AO MEU AMIGO J. P. F.

. femme inconstante
Las! je vous quitte pour jamais!

...

É mais facil nascer la do poente,
Na mais opaca noite, o sol doirado;
É mais facil mostrar-se o ceu fechado
E chuveiros negar ao continente:

Poderá não morrer o que é vivente,
Sopposto fosse á morte destinado:
Retroceder o rio despenhado,
A lua negar póde sua enchente:

Póde solfa cantar o peixe mudo,
Em um macaco achar-se gentileza;
Rir-se póde o defunto mais sisudo:

Póde mudar-se em tudo a natureza:
Tudo póde encontrar-se, tudo, tudo;
So na mulher não póde haver firmesa.

J. T. PINTO DOS SANTOS

LOGOGRIPO

No remo serve a primeira
Para o barco navegar;
A segunda co'a terceira
No commercio a ves usar:

A terceira mais a quarta
Primeira e segunda tem:
A terceira co'a segunda
Primeira e quarta tambem:

A primeira, se a dobrares,
As crianças ouvirás;
Toma ás vexas a terceira;
Sem ella não viverás:

Na segunda repetida
A segunda e quarta ves;
Juncta segunda e terceira,
A quarta e terceira les:

A primeira co'a terceira
No Brasil encontrarás:
A primeira co'a segunda
Nos animaes acharás.

A primeira co'a segunda
A primeira e quarta val:
É a terceira co'a segunda
Á terceira e quarta egual.

A terceira co'a primeira
Usam gaiatos jogar:
A terceira co'a segunda
Tomaram gatos pilhar:

A segunda mais a quarta
A quarta e segunda são;
A segunda co'a primeira
Quarta e primeira farão.

Juncta segunda e primeira
Qualquer tampa assim fará:
A segunda mais a quarta
Não tem fe no tafetá.

O todo sem uma letra
É exquisito e singular;
Ás direitas ou ás vexas
No mesmo sempre vai dar.

Das quatro que o todo formam
São distinctas so as tres;
Outra letra 'nessas quatro
É commum por sua vez.

¿ Quem ha 'hi que não gostasse
D'este brinco juvenil?
¿ Qual de vós que não pagasse
Este tributo infantil? (K.)

N.º 12.º — *Seminario.*

EXPEDIENTE

Continuando a ser-nos enviados escriptos sem assignatura, declarámos de novo, que os não publicaremos, posto que isto nos pese bastante, visto que entre elles têm apparecido alguns de muito merecimento.

A redacção fará publicar, e muito agradecerá os escriptos, que lhe forem remettidos, particularmente pelos lentes e estudantes da Universidade de Coimbra e das Escolas de Lisboa e Porto.

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em *Coimbra* — loja da imprensa da Universidade; *Lisboa* — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.ª; *Porto* — Sr. Jacintho Antonio Pinto da Silva; *Viseu* — Sr. Francisco Gomes Pinto; *Pezo da Regoa* — Sr. Manuel Mendes Osorio; *Evora* — Sr. V. J. da Gama; *Bragança* — Sr. Antonio Caetano d'Oliveira Furtado; *Lamego* — Sr. José Cardoso; *Santa-Comba-Dão* — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; *Leiria* — Sr. José Pereira Curado; *Aveiro* — Sr. Ernesto Augusto Ferreira.

PREÇOS

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno	1\$240	Anno	1\$460
Trimestre	360	Trimestre	450

Não assignantes: n.º 1.º a 12.º, contendo uma polka para piano e um grupo de estudantes: com estampilha — 1\$120 réis, sem estampilha — 1\$000 réis.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

AS PRIMEIRAS PAGINAS D'UM ROMANCE

(Continuado do numero 9)

A mulhier.

E porque não seria ella na escala da criação um anel da cadéa dos entes, presa d'um lado á humanidade, pela fraquesa e pela morte, e do outro, dos espiritos puros pelo amor e pelo mysterio?

HERCULANO—*Eurico o Presbytero*

XI

Não sabemos qual fôra a confissão de Castro; falára muito em segredo, contraíra muitas vezes as faces, franzíra as sobrançellas, as lagrimas lhe rebentaram dos olhos amortecidos, e um sorriso semelhante ao escarneo insultuoso de procella stridente, um sorriso de desesperança, lhe viera aos lábios, como denunciador das amarguras, que lhe ferviam la dentro no coração despedaçado...

O velho padre, que o escutava attentamente, parecia agitado e commovido: expressões de Castro traduzira-as elle em dor cruciante, em mágoa immarcevel, em sofrer amargo e dilacerante, que funesto acaso, fatalidade imprevista viera continuar e recrudescer.

Adelaide, a joven e interessante Adelaide, entretida na contemplação da noite, parecia abysmada 'num pensamento, 'numa visão, que lhe fascinava os sentidos, que lhe dominava o coração e a intelligencia; pensamento, visão, que ella sonhava transparecer no mysterioso clarão da lua, no fatidico scintillar de cada estrella, no surdo preludiar de ignaro insecto, no mago ciciar da ramagem do arvoredado da selva...

Dirieis ser a estatua levantada pelas mãos

1859—Junho

da propria natureza: dirieis ser a mulher creada e divinizada pela phantasia, pelo coração, pela poesia; um ideal da mulher, traçado pelo sentimento do bello e do bom, mas um sentimento infinito, como se a imaginação e o coração, que o nutríra, fôra infinito, como o pensamento de Deus.

Similhava a rosa gentil e donairoza, isolada no meio do deserto, cujo aroma se perdêra no espaço, cuja purpurea e bella cor se reflectíra apenas pelas arêas torradas d'um solo requeimado e abrasador...

¡Adelaide desprendêra-se de quanto a rodeava!..

A sua imaginação e pensamento reflectia-se no espaço. O que mais lhe era em torno mudo se tornára, não lhe falava ao coração.

É que em alguns instantes, no coração da mulher, ha uma so corda que vibra — a da poesia e do amor; na intelligencia uma so idea — a esperança no porvir.

¡É que em algumas horas a mulher cede á concentração intuitiva, que lhe consome o espirito 'numa so idea; para 'noutras se deixar apossar da expansão reflectiva, que lhe atufa a imaginação 'num mar tumultuoso e phosphorescente de mil e mil illusões, que sonhal-as fôra ja muito!..

XII

¡Não sei que ha de mysterioso, de seductor, de magnetico na mulher!

¡A sua intelligencia, o seu coração é um paradoxo incomprehensivel e inexplicavel!

Pensamentos grandiosos e arrojados,— ideas mesquinhas e saturadas de frivolidade,— sentimentos e paixões tenues e frouxas,— affectos exaltados e ardentes,— altiva e timida ao mesmo tempo,— temeraria e

N.º 14

cobarde.— ¡A mulher é um mixto, um ente, que não se comprehende, nem se define!

Umaz vezes innocente como os anjos do Senhor, singella e perfumada como a rosa do prado, docil e flexivel como a vergon-tea do jasmineiro, toda candura e poesia — ella seduz ¡e um sorriso, um olhar seu basta, para roubar-nos o coração e a alma!

Outras altiva e orgulhosa, astuta e enganadora, severa e cruel, com um so entre-abrir de seus labios, uma palavra indistin-cta, um gesto indeciso arrasta-nos a um amor louco e desvairado, lança-nos as ca-deas d'uma servidão moral, conduz-nos, ¿quem sabe? ¡á estrada do crime!

A voz da mulher, um seu volver d'olhos, uma ameaça, um leve aceno produz effei-tos contradictorios: — ¡mata-nos o prazer, ou dá-nos a alegria, — conquista-nos a li-berdade ou escravisa-nos, — ganha-nos as bençoas do ceu, ou a maldição de Deus e do mundo! —

Ella póde vasar-nos 'nalma o amor da virtude; dourar-nos a existencia de viren-tes e immorredouras esperanças; enfeitar-nos a vida de mil e mil variegadas flores; perfumar-nos o coração com os celestes e embriagantes aromas do thuribulo sagrado do amor...

¡Oh! então é o anjo do Senhor, que, bai-xando sobre a nossa cabeça, nos abre as portas d'um eden de felicidade ineffavel!..

Ja, como o formoso pomo da mancenilheira, ¡offusca com o seu brilho, envenena e mata com o seu provar!

Derrama em todas as nossas faculdades e sentimentos a abrasadora pessoa da perdição; ¡como a embaidora serpente, en-roscosa-se em nossa existencia e a criva de mordeduras mortiferas; como o genio do mal, atraiçoa-nos o destino; como vampiro devorado pela sede, sorve-nos até a ultima gota a seiva, que nos alimenta 'nalma as crenças e a virtude!

¡A sua voz, disfarçada em apparente me-lodia, sturge a nossos ouvidos como o grito de exterminio e de maldição, e cõa na consciencia e no coração do precito no dia do acordar do remorso, na hora derradeira da expiação impossivel!

Então, a mulher accende o facho edaz

e enganador do orgulho e da vaidade, apa-ga a luz da rasão, embota a intelligencia, corrompe a consciencia, deprava o coração... ¡Oh! então é satanaz, que nos arrasta ao redemoinho voraz das paixões tumultuosas e do soffrer contínuo e abso-luto!..

A mulher tem o sceptro da sociedade; a ella se prende o vicio e a virtude, o prazer e a dor, a vida e a morte.

A mulher tem o imperio da familia, da nação, da humanidade inteira.

¡A mulher póde determinar ou retardar o progresso da moralidade e do espirito re-ligioso pela sua influencia!

É preciso preparar a educação da mulher, para preparar a educação da sociedade.

¡Eis a verdade sublime, proclamada por um livro o mais grandioso e magneficente no estylo e no pensamento, o livro produ-zido pela vasta intelligencia, pelo bondoso coração, pelo genio inspirado e immortal d'Aimé Martin!

Mas em quanto a sua educação e o seu estado for objecto secundario para a socie-dade, a mulher será sempre uma contradic-ção, uma perola perdida na arida soidão da vida.

Se Proudhon tivesse voltado o seu espirito para o estudo da *gunaichologia* (1), se hou-vesse estudado a mulher actual, descobri-ria um systema de contradicções mais rico do que na Economia Politica, ¡em cujas su-perficiaes frivolidades perdeu o seu grande genio!

A mulher actual é um systema de con-tradicções, mas a mulher póde e deve ainda vir a ser aquillo para que foi creada: a sua reforma pertence á sociedade.

Garrett distingue a mulher, que se admi-ra,— que se ama,— que se deseja: nós dis-tinguiremos — a mulher que vivifica,— que mata,— que conserva,— que destroe...! a mulher, na oscilação contínuo do ser e não ser; o que deve ser!

Com o amor e com a fidelidade a mu-lher derrama em nossa alma, prestes a

(1) Assim como a *antropologia* foi creada para designar a sciencia, que estuda o homem, nós não receámos empregar esta para designar o estudo da mulher.

exalar-se á mingoa d'um sentimento, arroios de felicidade, um caudal de ternuras, de incantos, de esperanças, que apenas se gosam, que apenas se sonham no seu seio. Dá-nos a vida, a tranquillidade, o ceu dos espiritos celestes e puros...

Com a perfidia, com a ingratidão, a mulher cava-nos profundo no peito o espinho agudo do ciume, crucia-nos, atormenta-nos a alma, que má estrella de desditoso destino prendêra ao seu destino; faz-nos tragar até ás feses os amargores da taça, onde havíamos libado os primeiros sorvos da seducção; faz-nos revolver por noites d'eterna agonia, de tormentoso soffrer 'num leito de espinhos, que nem a saudade pôde sequer embotar; porque ás vezes nem saudade a desdita nos consente.

A lembrança de douradas esperanças, de fagueiras illusões sentimol-a rebramir no cerebro, fatigado por um pensamento máu, como um raio precursor da morte; sentimol-a no coração, abrasado por um sentimento desolador...: ¡na rasão, em toda a nossa alma ecoa um grito de maldição e desespero!.....

Então o passado, o presente e o futuro traduzem-se em tres idéas, que nos despedaçam a alma, ¡illusão, perfidia, vingança!.....

E. GARCIA

RECORDAÇÃO E ARREPENDIMENTO

A V. DA SILVEIRA

(Continuado do numero 8)

II

Este vasto campo, de que acabo de falar, e onde vai ter logar a caçada, não é tam plano como o pavimento d'uma casa, ou como o piso d'uma rua, mesmo das do nosso Portugal: pelo contrario, aqui e alem succedem-se pequenas elevações, cuja altura, em relação á grandesa do valle e das montanhas, que o terminam, é tam diminuta, que ao longe se torna quasi insensível, formando, por assim dizer, uma vasta planice.

Os caçadores, transpondo a cumiada e descendo a encosta da montanha, que se

eleva ao nordeste da aldêa, sem ordem nem alinhamento, haviam apenas morto dois ou tres coelhos, e igual numero de perdizes.

Agora estavam chegados ao logar da caçada. Tinham em frente o campo: era preciso delinear o ataque. Por conselho do mais velho e experiente caçador as coisas dispozeram-se assim:

O respeitavel ancião, de que ja vos falei, e a que n'aldêa chamavam o Dr. Thomazio, occupa o centro do campo: juncto d'elle Gustavo, o mancebo de genio triste e melancólico, que o leitor ja conhece, monta um soberbo corcel: cada um leva atrellada uma parelha de galgos. Outros caçadores os seguem, dispostos a correr as lebres 'nesta parte do campo, que, mais cultivada e limpa de matos, é propria para este exercicio.

Uma multidão immensa, destinada á caça dos coelhos, compõe a grande ala, que se estende sobre toda a direita do campo, onde os matos quasi se succedem, onde a selva é mais densa: á sua frente um numero extraordinario de podengos atravessa o campo em mil direcções.

Eugenio, esse joven estudante, folgasão e activo, que tambem ja nos não é desconhecido, forma a ala esquerda junctamente com uma grande comitiva de caçadores, determinados a seguir as perdizes. Sagazes e doceis perdigueiros giram e volem á sua frente 'num pequeno ambito. O zunido agudo do assobio fende os ares por toda a parte, põe em agitação os caçadores, enthusiasma os cães e dá o signal do começo da caçada.

Na direita rompem logo as estrepitosas vozerias dos batedores. Na esquerda e centro mal se sentem os passos, pouco agitados, o volver ainda manso e socegado dos cães, e o tropear vagoroso dos cavallos.

Mas d'ahi a alguns minutos ja essas estrepitosas vozerias da ala direita não retumbam so no campo; pelo contrario, mais reforçadas pelo latir incessante dos cães, que em suas carreiras afadigadas acossam os coelhos, e por um sem numero de tiros aqui e acolá, vão crusar-se nos ares com o som abafado do rapido e forte tropear dos cavallos, que, no meio do campo, esporeados pelos cavalleiros, correm a toda a brida, voam, seguindo aqui e alem os galgos, que

em seu correr rapido perseguem as ligeiras lebres.

Este ruido estrondoso vem ainda recrusar-se com o reboar dos tiros da ala esquerda, e com o som do bater dos pes não compassado dos caçadores.

Em todo o campo se colhem palmas; os velhos ensinam aos moços o que é a arte da caça: em todo o campo se aporfia.

Aqui gaba-se, laurea-se o mancebo, que agil e destro executou um tiro difficil.

Alem admira-se o velho, que, ja versado 'neste exercicio, tem a pontaria tam certa, que não erra um so tiro.

'Noutra parte ve-se, com uma agitação agradável, o podengo destro correr o coelho, furtar-lhe as voltas, filal-o e, depois, vir depol-o aos pes do dono; o galgo extender-se em sua carreira, rastejar com a barriga pelo chão, seguindo, qual relampago, a ligeira lebre; e, em fim, o astuto perdigueiro parar e *dizer* a seu dono:—a caça está aqui.

¡Era bello para o espectador, que d'um sitio elevado contemplasse as bellas d'este quadro, em que a actividade e o prazer da caça por toda a parte se revelavam! . . .

O sol ia descendo: ja as sombras projectadas pelos montes se desdobravam fortemente sobre os valles, tornando-se cada vez maiores: deviam ser tres da tarde; e a caçada continuava com grande enthusiasmo.

Então, os dois estudantes, Gustavo e Eugenio, casualmente se encontraram sos 'numa fonte humilde, pobre de ornatos artificiaes, porem rica de mil encantos, que a natureza abi soube depositar; simples, é verdade, mas de bem mais valor, do que esses enfeites de marmore, ainda os mais notaveis das nossas cidades, para quem os souber comprehender, para quem sentir elevar-se-lhe o pensamento, esvair-se-lhe o coração em affectos intimos, em expansões ingenuas, ao ver, no meio das harmonias da natureza, rebentar a agua limpida e pura, e depois escorregar mansamente por entre a relva d'um verde eterno e seductor.

Os dois jovens tinham chegado a esta fonte campezina, e depois de saciados de sua fresca agua haviam-se sentado juncto do tronco d'um carvalho secular, que agora estava despido, mas que durante a prima

vera e estio servia de palio aos que vinham gosar dos beneficios da fonte.

Cada um accendeu o seu charuto de puro e bello tabaco; depois um recostou-se ao carvalho e fitou a corrente, que serpejava por entre a relva; o outro poz o rosto sobre a mão, e por muito tempo immoveis conservaram profundo silencio.

É que os jovens, involtos no perfume delicioso e embriagador do charuto, impressionados pelos encantos e enlevos do logar, recordavam as scenas, que alli passaram, os segredos, que mutuamente alli tinham confiado, as affeições, as mais intimas, que d'este trato haviam nascido . . .

Esta recordação fazia-lhes prépassar pela mente os factos da historia de seus corações, uns cheios ainda de doces lembranças, outros recheados de amargores ou repassados pelo suave espinho da saudade.

Sabiam que era forçoso ausentarem-se da patria por um longo periodo; e 'nesta muda e silenciosa contemplação despediam-se com magoa d'este logar tam querido.

Depois Gustavo, ainda triste e meditativo, disse a seu amigo:

— Não es so tu, que sabes a minha vida, e eu a tua; tambem o genio d'estes logares sabe os nossos segredos, os nossos mais intimos sentimentos . . .

— É por isso, respondeu o Eugenio, que damos com saudade o ultimo adeus a este logar, que nunca esqueceremos . . .

— É tarde, continuou o joven: bebamos mais uma vez d'esta agua, e vamos ter com os caçadores.

Iam estes ja bastante longe; mas os jovens apressaram o passo; e ás cinco e meia estavam junto de seus companheiros.

A abundancia da caça fóra grande; os caçadores levados pelo enthusiasmo demoraram-se de mais, e chegaram ja tarde ao logar, onde deviam reunir-se para regressar á sua boa aldèa.

Estavam questionando se deviam ficar ou partir, quando um mancebo, ainda imberbe, correu gritando: ¡Tres viados! tres viados! Vi-os eu!: andavam pastando na relva: sentiram passos, e encaminharam-se mansamente acolá para aquella selva.

Todos olharam para o sitio, que o joven

apontava. Pouco depois tinham determinado ficar, para de manhã perseguirem os tres veados.

Um velhote tomou então a palavra, e, apontando com o dedo, disse:—Alem 'naquella elevação ve-se umã luz: mora alli um quinteiro, homem ca dos meus tempos, honrado e caritativo, que de certo não recusará dar-nos pousada por esta noite.

Em seguida dirigiu-se por uma estreita senda, na direcção da pequena luz, e todos o acompanharam.

F. F. C.-B.

VICIO E VIRTUDE

(Continuado do numero 12)

A visita, — e de como sem procurarmos saber as cousas as sabemos.

... torna, bella nympha a quem te adora,
A quem por ti perdeu o siso e o tento.

IV

O leitor, se leu o antecedente capitulo, devia pasmar ao conhecer o character de Paulo. Agora deve acompanhar-nos a casa de Julia Armandt. Imagine-se comnosco 'numa sala, onde a arte e a riqueza se ostentam a qual mais.

Do tecto, onde sobresaem esmerados ornatos, pende um lustre, de cujos vidros como que nascem diversas e lindas cores. Cortinas de finissimo damasco adornam as janellas. Sobre o pavimento desdobra-se o tapete de tam precioso estofo, que o pé, porventura o mais delicado, receia pisal-o. — A mobilia é do ultimo gosto e mostra-se, ao espirito ainda o menos observador, fructo da mão habil de consummado artista.

Deixemos porém a obra do homem, para observarmos por um pouco a da natureza, não menos bella.

'Num magnifico e commodo canape está, gravemente recostada, Julia Armandt, a dona da casa, primor de belleza. Conta 24 annos. É de rosto mui branco, olhos negros, cabellos egualmente negros. A sua physionomia é encantadora.

Quasi juncto a Julia occupa uma cadeira Luiz, que o leitor ja deve conhecer.

A dona da casa tem a palavra.

— Esperava-te hoje, mas não tinha certeza de ver-te por aqui.

— Perdão: eu disse-te, na feliz noite, em que nos encontrámos, que viria hoje procurar-te.

— Ora ... receiei que faltasses. Tambem prometteste, que me escreverias da aldeã, e não cumpriste a promessa.

— ¿Pois não recebeste carta alguma minha?

— Recebi apenas duas. E depois não obtive resposta a muitas, que te enviei. Provavelmente alguma formosa aldeã te roubava o tempo...

Estas palavras, pronunciadas com uma especie de despeito e desdem, fizeram hesitar Luiz por um pouco, mas respondeu:

— ¡Como te enganas! Na mór parte do tempo estive doente.

— Paulo nunca me disse tal coisa; quando lhe perguntava por ti, respondia-me, que ja havia bastante não recebêra cartas tuas. E sobre tudo não creio, permitte-me, não creio 'nessa rasão.

— Podes acreditar-a: comtudo haver-te-hia escripto, senão fosse a minha... credulidade...

— ¡Credulidade!

— Receio dizer-t'ó...; poupa-me explicações; e acredita que, apesar de te não haver escripto, apesar de tudo, apesar do meu silencio, te amo ainda, como te amei sempre.

— Não, não o posso crer; —dize-me ¿porque não escreveste?

— ¿Perdoas-me, Julia, se eu te disser o motivo?

— Perdóo.

— Escreveu-me alguém, dizendo que tu amavas outro homem, e que juráras pertencer-lhe. Acreditei-o, porque a carta era d'um amigo meu.

— ¿Como se chama?

— Não t'ó digo, Julia. Não posso dizel-o; dei a minha palavra de honra, que nunca o revelaria.

— ¡E acreditaste tudo! Creste firmemente, que eu era falsa!

— Acreditei-o, sim; — ¡mas tu prometteste perdoar-me!

— ¡Não esperava ter de perdoar-te por tal motivo!.. E ¡quem sabe o que de mim

pensas ainda!.. O teu amigo enganou-te, Luiz. Para ti não tenho segredos; vou contar-te tudo.

Luiz parecia admirado.

— Pouco tempo depois da tua partida, Manuel de Sousa frequentava, como d'antes, a titulo de antigo conhecido, a nossa casa. Notava-lhe certo embaraço, quando se falava de ti. Um dia, estava eu so' nesta sala; havia justamente acabado de escrever-te uma carta, fiel expressão do meu desgosto, por não haver recebido letras tuas: meu irmão tinha saído para fóra de Lisboa. Tinha fechado a carta, mas não tinha ainda posto o sobrescripto, quando Manuel de Sousa me appareceu á porta da sala, pedindo licença para entrar. Disse-lhe que entrasse. Depois dos cumprimentos do costume e d'uma conversa de pouco tempo, durante a qual Manuel de Sousa se mostrara embaraçado de mais, disse-me com voz atada e de quem receiava: Peço-lho, minha Senhora, licença para ajunctar áquella carta outra, que trago aqui; e lançou a sua juncto da que eu havia escripto, retirando-se logo mui apressadamente.

Abri a carta, que ainda conservo, e deparei no alto d'ella com o meu nome.— Era uma declaração, escripta em termos bonitos. Segundo Manuel de Sousa, apenas eu o podia fazer feliz. Não lhe respondi. O meu silencio provocou novas cartas, provavelmente repetição da primeira.

Como estas não produzissem melhor effeito, deixou de visitar-nos por algum tempo, até que appareceu aqui ainda outra vez. Lembro-me bem, vinha pallido e a physionomia denotava soffrimento.— Acabo Sr.^a D. Julia, de tomar uma resolução, forçado pelas circumstancias, em que V. Ex.^a me colloca. Não lhe é extranho o meu amor. Se leu as minhas cartas deve saber, que a ventura so me sorrirá, quando eu fôr seu esposo; porque, para mim, a ventura está vinculada á nossa união. Se a não quer contrair, Julia, diga-m'o por uma vez. Breve sairei de Lisboa. Viver juncto da mulher, que me recusou o fazer ditoso, por um acto de sua vontade, é um tormento, que cumpre evitar!

Ouvi-o como se costuma ouvir um filho

de amigos de nossos pais,— e de amigos que ja não existem. Com delicadesa esforcei-me por convencer-o, de que a fortuna d'um homem não está sempre 'num casamento, que se julga feliz. Succederam então supplicas e rogos, para as quaes era minha unica resposta: — Não posso pertencer-lhe, Sr. Manuel de Sousa. Instou por algum tempo; respondi-lhe do mesmo modo: quiz-lhe entregar as suas cartas fechadas, á excepção d'uma, unica que abri. Julguei que a occasião era opportuna para lh'as dar sem o offender; não as acceitou. Não instei; manifestei-lhe os meus sentimentos a respeito d'ellas.— Guardo-as, Sr. Manoel de Sousa, como penhor de amizade.— Como quizer minha Senhora; mas não as acceito.— Nem o obrigo a tal; so lhe assevero, que não posso pertencer-lhe, e lhe peço que não deixe Lisboa. Continue a apparecer por aqui; será sempre acceito como amigo: é impossivel amal-o.— Não, minha Senhora; sinto não caber em mim obedecer-lhe; mas vou para o Brasil.— Se isso convem aos seus interesses, realise a sua vontade; se o faz por minha causa, rogo-lhe que não proceda por tal modo. Sahuio triste e indeciso.

Cedo voltou supplicando, para que accedesse ao seu empenho, esforçando-se por que eu jurasse pertencer-lhe um dia. Persisti em dizer-lhe, que nunca lhe poderia dar a minha mão. Até hoje, nunca mais me procurou. Quando me encontra, cumprimenta-me e raro me fala. A meu irmão desculpa-se com o muito trabalho.

As cartas estão ahi, não as quiz acceitar.

Agora poderás perceber, como eu percebo, o meio de que Manoel de Sousa se serviu para obter o bom éxito dos seus intentos. Notei que a ultima vez, que aqui veio, estava mais alegre e esperançoso. Julgava que o remedio havia sido effcaz.

Tinha-o na conta de cavalheiro.

Enganei-me...

Luiz, que ignorava completamente tudo isto, e que inventára aquella desculpa por ser mui de uso e por se haver lembrado d'ella quasi momentaneamente, respondeu asseverando, que Manuel de Sousa lhe não havia escripto.

Julia retorquiu.

— É provavel que te não escrevesse, mas alguém a seu rogo t'o fez, para te dar conta d'uma calúnia.

— Não sei Julia. A carta não continha o nome d'aquelle, que, segundo se me dizia, tu tam vivamente amavas: e, sobre tudo, ¿que importa o succedido? ¿que importa o passado no nosso caso, quando o presente o desmente? Hoje sei, que tudo o que se me escreveu foi uma falsidade contínua, sei-o de pessoa, cuja opinião deve ser bem recebida.

— Mas acreditaste; e ¿quem sabe se o que acabas de dizer é a expressão real do que pensas a meu respeito?

— É facil proval-o; é facil dar-te testemunho, de que te julgo uma mulher fiel e digna. Perdoa, se em recompensa á tua fidelidade tive apenas para dar-te o resultado triste da minha pouca fe nos juramentos, que me fizeste, e na firmesa do teu caracter. Prometteste perdoar-me.

— Certamente. Era natural que fosses enganado. Quando temos um amigo, julgamol-o como amigo. Rogo-te porém que procures Manuel de Sousa: fala-lhe abertamente, pergunta-lhe como respondi ao seu amor, como me houve para com elle. Estou persuadida, que apesar de não ser tam cavalheiro, como outr'ora o julguei, não ha de ser tam perverso, que te minta hoje...

— Tudo isso é desnecessario, Julia. As tuas duvidas vão cessar. Creio que sabes, que eu não desposaria uma mulher infiel. Pois venho pedir a tua mão; venho hoje, porque hoje dispões de ti.

— ¿Como se não soubesses, que minha alma foi sempre tua! ¿como se esquecesses o reciproco juramento, que fizemos! e pelo qual nos tornámos um do outro! O teu pedido Luiz, para mim, importa mais, importa o cumprimento d'uma obrigação, que me torna feliz.

— Como quizeres Julia; em todo o caso venho mui do coração cumprir com a minha promessa; e visto que teu irmão não está em casa, á noite voltarei para falar-lhe.

— Creio até, que te foi procurar: sabes que sempre foi teu amigo, e não ignoras

as nossas tenções, porque o fiz meu confidente.

— Escolheste o melhor possivel: e folgo de acrescentar aos laços de amizade, que nos prendem, os de parentesco. Á noite, como disse, procural-o-hei: agora sinto ter de me ausentar.

Deixemos os dois por um momento, afim de que se despeçam com liberdade.

¿É notavel como sem procurarmos saber as coisas, as sabemos muitas vezes!

A collisão, em que Julia collocára Luiz com as interpeações fortissimas, que apon-támos, obrigou-o a forjar uma d'estas respostas, que envolvem uma mentira, uma calúnia até, porem mui vulgares entre amantes, e que quasi sempre deixam o espirito d'uma nympha ou d'um adonis mais ou menos indeciso.

Realmente Luiz não sabia, que o seu amigo M. de S. queria habilitar-se a tam bella sorte. Amigo algum lhe havia escripto; nem elle tinha suspeita de pessoa alguma. A mentira descobriu a verdade, e esta envenenou a reputação de M. de S., porque foi traidor a Luiz, que era seu amigo, e que o tinha em tal conta.

Julia foi sempre a mesma; e é verdade que nunca amou M. de S.

Amava o seu Luiz, que lhe parecia o melhor de todos os homens, que ella conhecia. Era um pouco exagerada no seu juizo.

Não obstante é certo, que o amor deslumbra a tal ponto a rasão, que muitas vezes um amante, de hedionda physionomia e curtissima intelligencia, antinómico no vestir com a moda, parece á sua amada um moço bonito e elegante, um talento, um figurino, um complexo de quantas qualidades boas o homem póde possuir; caso que se não dava com Luiz, que não era feio, estúpido, etc.

Julia amava-o sobremaneira; o silencio não apagára as crenças, nem lhe ceifára do seu coração a fe, que depositava em algumas cartas, que de Luiz recebeu antes da partida para a aldêa.

É forçoso confessar, que elle dedicava particular amor a Julia: provocava-o a isso a fidelidade d'esta, o amor que ella lhe tinha, a belleza de que era dotada, e ainda

outra razão, que de certo modo roborava aquellas, e a que hoje muito se attende.

JAYME C. MONIZ

RECORDAÇÃO

É assim que eu te vejo em meus sonhos de noites d'atroz saudade: mas, em sonhos, ou desenhada no crepusculo, tu não és para mim mais do que uma imagem celestial; uma recordação indecifrável; um consolo e ao mesmo tempo um martyrio.

Eurico — A. HERCULANO

Ha impressões, que nunca morrem; a lapida fria da sepultura não as extingue: existem além do tumulo!

! Tam gratas são ao nosso coração, tam querido o objecto, que as despertára!

Sempre vivas e seductoras, taes impressões acompanham o coração em todos os seus movimentos, e a alma em todas as suas cogitações.

Ainda me lembro; era 'num d'esses dias, que a Providencia parece destinar para decidir do nosso destino; vi-te então pela vez primeira..., e o coração estremeceu-me!

! Mal sabia eu, que era o signal precursor, de que tinhas d'avassalal-o...; que era uma intimação precoce, de que a minha sorte ia ser averbada la no tribunal do Eterno!

! Que formosa, que não estavas 'naquelle dia! Nos teus labios de rosa deslisava-se descuidoso o sorriso seductor da innocencia, ! porque a virgem não tem d'esses sorrisos perfidos e hypocritas, que pertencem so á mulher, a quem o mundo obrigára a alienar a puresa de seu coração!

! Os teus olhos lindos fulgurantes, que não eram!

! Dir-se-hia, que offuscavam o esplendor dos carbunculos engastados na morada dos anjos, e que tanto enlevam os que, no silencio da noite, os contemplam e admiram!... os teus olhos... ! oh! um so relançar d'elles fascinára o indifferente, convertêra o sceptico... confundira o impio!

Nem sei se eras mulher: ! parecias-me um anjo suspenso por duas nuvens, que te serviam d'asas, e que vieras a este mundo de

traição e de perfidia para confirmar a existencia da Divindade aos que o infortunio condemnára a descrever... a duvidar!..

E eu vi-te... ! e o coração revolveu-se desde logo 'nesse mysticismo indefinivel e contradictorio d'amor e desespero, de timidez e ousadia, d'orgulho e humildade!

O coração humano é assim: ! ora se eleva e orgulha ao contemplar o ser que o domina, applaude mesmo com altivez as prisões, que o agrilhoam; ora se humilha e amesquinha, victima do seu proprio arrojo!

! Não importa! O que então me fizeste sentir não posso esquecer-o; a historia do coração é uma historia alternada de lagrimas e de prazeres, de soffrimento e d'esperança, d'illusões e desenganos para que se possa esquecer esse dia, que é o primeiro na sua chronologia.

E eu não posso olvidal-o sequer um momento.

A minha ventura, ou desgraça ! quem sabe! data desde então.

O futuro não se advinha; é so de Deus; mas ha presentimentos terriveis, que, mais tarde ou mais cedo, se realisam...: o coração amante tem alguma coisa de prophético.

E eu não sei se foi um sonho, se por ventura

Um presagio de incognita desgraça,
Presentimento vago e mal distincto
De não sabido mal...;

mas affigurou-se-me que voz atterradora me viera segredar aos ouvidos estas terriveis palavras, que vais ouvir:

«! Desditoso que não es! Sonhaste a felicidade, e ! não te lembraste, que ella não é d'este mundo! Correste atraz d'uma esperanza fagueira e acariciadora, ! sem te lembrares que podias encontrar um desengano cruel!

«! Infeliz! Deixaste-te embriagar pelos perfumes da flor, que abria a sua corolla, e ! esqueceste, que ha perfumes, que envenenam e matam!

«Olhaste para a rosa, que desabrochava...: seduziu-te a sua fragrancia, ! e não fizeste caso dos espinhos, que lhe teciam a haste, e que um dia te haviam de ferir fundo, e bem fundo!

«Saudaste com prazer enthusiastico, com credulidade infantil *esse dia*, que dizes louco! o mais feliz da tua vida e data d'ahi precisamente a tua desgraça!

«Viste um sorriso desprender-se negligente dos labios da virgem, e prostraste-te rendido e avassalado!..

«Começaste por te appellar feliz e venturoso, e não sabias ainda que 'neste mundo não ha senão lagrimas e soffrimentos!

«Sim!: ha so lagrimas e soffrimentos 'neste mundo; a vida é toda de contrariedades! Se a esperança de vez em quando nos embala o coração, se o ser phantastico da felicidade nos adeja e negaceia ao longe, já para depois, mais tarde, a mão da desventura nos fazer esgotar até ás féses o calix trasbordando de desdita em todo o amargor do absintho!

«Esta é a verdade: então não a conhecias...; era-te impossivel... Hoje podes aprendel-a na tua desgraça!

«Para ti não ha salvação possivel, bem sei; já ja tarde! Foste condemnado irremissivelmente; mas possas servir d'exemplo aos que, cegos como tu, correm desatinados em procura do que o mundo chama felicidade, esse logro constante dos inexperientes!»

¿Ouviste? — O que essas palavras têm de terrivel e fatidico não saberei dizel-o; entre o que se sente, e o que se exprime, existe a distancia, que medea entre a alma e as vinte e quatro lettras do alphabeto, isto é, o infinito, disse o poeta das *Meditações*.

¿Embora! ditoso, ou desgraçado, *esse dia* ¿sabes qual é?... será sempre para mim memoravel.

¿Deverei amaldiçoal-o? ¿chegarei a descobrir a causa da minha desgraça, onde presentira o motivo da minha suprema ventura?—; Talvez!; mas qualquer que seja a minha sorte futura, as impressões d'*aquelle dia* descerão comigo á sepultura tam vivas e puras, como então as sentira!

O que tiver de ser, será: os decretos do fatalismo nem se illudem, nem se revogam.

O Eterno determina; e nós cumprimos.
¿Esperemos pois!

EDUARDO J. COELHO.

CONTRASTE ENTRE O ORIENTE E O OCCIDENTE

(Continuado do numero 11).

Um estrangeiro maravilha-se de não encontrar na Turquia o que se chama *credito publico*; mas o turco franzirá as sobrance-lhas quando conhecer a nossa divida.

O europeu desprezará o turco, porque não tem meios para facilitar os cambios, e o turco condemnará as nossas leis, que obstem ao desenvolvimento do commercio.

O turco ha de admirar-se do progresso d'um governo, que reconhece opinões diversas, e o europeu não julgará que possa haver independencia na Turquia sem opposição.

Na Turquia póde haver turbulencias sem character politico; mas nunca como na Europa, opposição ao poder sem tumultos.

O europeu ha de entender, que a justiça turca é defeituosa e cruel,—o turco ha de julgar iniquos os principios das nossas leis.

Um ha de considerar os bens na Turquia expostos á violencia,—o outro ha de reputar a propriedade na Europa sujeita aos caprichos dos legisladores.

A Europa estranhará não ver na Turquia repressão contra os excessos da autoridade central,—o turco censurará a quasi nenhuma responsabilidade das administrações locais da Europa.

Nós não admittimos a immutabilidade nos principios politicos,—os turcos não podem acreditar, que se toque impunemente instituições consagradas pelo tempo, e pelo assenso dos nossos maiores.

O europeu lastima o turco, porque elle não tem divertimentos publicos,—e o turco considera miseravel, aquelle que precisa sair de casa para recrear-se.

O estrangeiro reputará o turco falto de gosto, porque não tem quadros e pinturas,—o turco nos julgará insensíveis, porque nos não limitámos á contemplação da natureza.

A prostituição e a bastardia causam horror ao ottomano,—e nós olhámos com indignação para a polygamia.

O turco ha de reprehender o modo activo, com que tratámos os nossos inferiores; e o europeu stigmatizar o barbaro costume de vender os escravos da Georgia e Circassia.

Reciprocamente se chamarão fanaticos na religião, — dissolutos nos costumes, sem decencia no proceder, infelizes nos seus gostos e sympathias, privados da necessaria liberdade, incapazes de constituir uma sociedade perfeita.

O europeu accusará o turco de ser em geral amigo da pompa e taciturno, — o outro nos taxará de grosseiros e inconstantes.

Margens do Vouga — 27 de Março de 1859

UMA RECORDAÇÃO

OFFERECIDA Á EX.^{ma} SR.^a D. M.

Quando as rutilantes ruas d'uma formosa cidade se atroayam com latidos d'um jubilo folgar, este meu ser, que sente e aspira definido, gemia sobranceiro ao prematuro momento d'um perfido adeus... Esta idea arrastou-me a perturbação e eclipsou a ventura até alli havida (Elisa, não sei se este era o seu nome); mas.....

.....
 ; Elisa encerra uma das epochas mais bonanças do meu existir!.. O destino guiou-me a conhecer esta angelical *Virgem*: ; setenta e seis horas de vida gastei no local onde ella respirou!.. Meditei-a com afínco... e com extase a estudei... ; ah!.. que virtude!.. que amabilidade!.. que belleza!.. mas; Elisa não era so virtuosa, amavel e bella: abominava a lisonja... amava a singelesa... odiava a inconstancia... e ; tinha jurado não olvidar a pura inclinação de seu innocente coração a um homem, que ainda a tenha de de fascinar!..

; Indigna, dizia ella, toda a mulher, que vende o seu coração por um *pergaminho*! que troca a sua inclinação por um monte de ouro!: regeito e renuncio toda a alliança de calculo!.. Escutei-a com amor... depois lixei-a... mais tarde interroguei-a... seguiu-se um pequeno silencio... depois a *Virgem* falou-me.....

.....
 Esta ligeira scena foi terminada pela obediencia a Minerva; a Berlina estava ení fuga, o cruel instante soou... ; meia noite!.. ceus!.. ; ah!.. adeus... Elisa não sei se chorou; o que sei é que eu partindo balbuciei: uma mulher assim é o instrumento de Deus no mundo.

Coimbra 18 de Março de 1859.

A. C. G.

Amigo Silveira:— A instrucção, esse facto civilizador da mocidade, está geralmente despresado entre o bello sexo, como menos necessario, que no masculino. É este um erro grave, que o autor immorttal do excellente livro — *A regeneração do genero humano pelas mulheres* — tanto nos faz sentir.

Effectivamente a mulher é o ser, que dirige as nossas acções: é a causa dos nossos vicios e da nossa gloria, é o ser da nossa existencia, a vida da nossa vida, o sol que nos alumia no meio das trevas.

É ella, que faz o bom cidadão, assim como póde tornal-o um ser despresivel; é ella, que lhe enchuga os prantos, que lhe minora os soffrimentos, assim como póde arrastal-o ao tumulto, dar-lhe uma amargura cruciante.

O homem sem a mulher é a primavera sem flores, o ceu sem estrellas, é o universo sem luz.

Ora se assim é, se os nossos destinos se prendem ás ideas, que bebemos de nossas mãis, ainda no berço, de tal fórma, que nunca podem separar-se verdadeiramente; se a mulher é um ser capaz de dirigir e regular as nossas acções, tanto no caminho do vicio, como no da virtude, ; quem negará, que da instrucção e virtude da mulher dependem a instrucção e moralidade do homem?

Foram estas considerações, amigo Silveira, que me levaram a offertar para o vosso jornal — *A classificação da mulher*.

É um pequeno quadro, onde pertendi mostrar, que so a mulher, que tem a intelligencia desenvolvida por meio do estudo e applicação, é ente digno das nossas affeições, do nosso amor.

A differença, que ha entre a mulher instruida e a mulher ignorante, é a mesma, que vai d'um — *amo-te*, pronunciado pela bocca d'um anjo, a um — *gosto de v. m.^{te}*, pela d'uma furia.

A minha voz é fraca, bem o sei; mas junctem-se eloquencias persuasivas á minha boa vontade, e talvez consigamos a instrneção da mulher.

Reclamo o vosso auxilio 'nesta tarefa.

Vosso do coração

C.

CLASSIFICAÇÃO DA MULHER

Eu vi-te, Luiza: gravado na mente
Teu rosto singello não mais m'esqueceu;
Pois foi sympathia, que então m'inspiraste,
Dizer-te o motivo, nem mesmo sei eu.

Formosas ha muitas, que aos olhos agradam,
E n'alma não fazem affectos nascer;
Sem ter d'alma os dotes, que a tornem sublime
Não sei, que se possa chamar-lhe mulher.

As feias são pégas; são bruchas as velhas;
P'ra mim ovelhinhas as meigas serão;
Aráras as lindas, que aos olhos encantam,
Aos olhos somente; no mais pobres são.

Dizei, que são monos as pouco falantes;
Chamai segarrega á que muito falar;
Gentis borboletas chamaí ás voluveis;
Não quero ás teimosas o nome lhes dar.

Das tolas ;palavra! não sei o que diga,
Porque entre animaes as não posso encontrar:
Pois sejam *sui generis* estes bichinhos,
Condemne-se á morte qualquer que os amar.

¿Então das ciosas? Direi, que são feras,
São tigres, leões, panthéras... ¿Que mais?
Carracas terríveis, que vivem oppressas,
Que expulsam do mundo, quem soffre os seus ais.

As intelligentes são fadas, archanjos,
Dos homens a vida, d'herões o valor.....
.....
.....
¿Oh! graças! ja sei, porque, apenas te vira,
Surgiu-me a ventura, te dei meu amor.

Agora anjo peço-te, em troca d'amores,
Amor, a ventura, e a consolação;
¿Em troca d'um beijo eu dera-te beijos,
Em troca d'affagos o meu coração!

C.

NUNC ET SEMPER DILECTAE...

Tu disseste, mulher: — ergue-to Lazaro,
E eu surgi do meu nada.

BANDO

Assim como do altar s'eleva o incenso
Aos pes do Creador,
Assim juncto de ti, anjo formoso,
S'eleva o accento mais harmonioso
De meus hymnos d'amor.

Que eu, votado a eterno esquecimento,
Em fundo lodaçal,
Prostitui — talvez sem consciencia —
Alma, crenças e fé, pela influencia
D'um destino fatal.

Mas tu surgiste na mansão das trevas
D'entre um raio de luz,
E vi... ¡ai! vi quão baixo era descido!..
— Sobre o viver passado, — arrependido,
Da campa o sello puz...

Eu era a fragil planta sem arrimo,
Que para o chão pendeu:
Em teus braços achei um doce abrigo;
¿Tu foste para mim o roble amigo,
Que m'ergueu para o ceu!

Eu era o alaude abandonado,
Que vibrou tua mão:
Das paixões soçobrava na voragem...
¿Fizeste-me ter fe e ter coragem.
E achei a salvação!

Sem ti meus tristes dias correriam,
Como as ondas no mar,
Batidas do tufão pela asa escura;
Mas ¡a praia era a fria sepultura
Ao longe a negrejar!

¿O que era eu sem ti? ¿O que era o dia
Sem os raios do sol?

¿O que era a primavera sem verdores
Sem estrellas o ceu? sem brilho as flores?
Manhã sem arrebol?

¿O que era eu sem ti? ¿O que era a vida,
Se é vida esse viver,
Sem consciencia ter de que se existe?
¿Passar da noite ao dia, inda mais triste,
Sem goso e sem prazer?

E ¿contigo que sou? ¡Élo partido
Que ao grillhão se junctou!
¿Espinho unido á rosa, a que o roubaram!
¿Fragil arbusto, que os tufões vergaram,
E que o cedro abrigou!

¿Contigo o proprio inferno entre seus fogos
Mil delicias contém!
¿Contigo é bella a campa, onde risonha
Sobre marmoreo leito a mente sonha
Sonhos, que fim não tem!..

Comtigo e para ti so viver quero,
 N'alegria ou na dor;
 Que eu sou o prado, tu a flor, qu'ó esmalta;
 Eu, duvida, que prostra;— e a fé, que exalta,
 ¡És tu anjo d'amor!

Se d'entre o veu, que envolve meu futuro,
 Brilhar alguma luz,
 Que orne tua fronte, qual laurel eterno:
 S'em meus cantos houver um som mais terno,
 Em que o genio transluz,

Que seja um hymno teu, porque no mundo
 So vivo para ti;
 ¡Porque eu so comprehendo o qu' é ternura,
 Vida, esp'rança, alegria, amor, ventura,
 So depois que te vi!

Janeiro — de 57

A. S.

A MORTE DE MEU PRIMO

JACYNTHO JOSÉ DA SILVA DIAS

Quoi!.. ce cercueil de cierges
 entouré c'est mon ami?..

BERANGER

¡Foi entre as crenças, que do peito vivido
 Brotam ardentes com gentil vigor,
 Que se aninhava esse terrível aspide
 Que rouba ao peito seu vivaz calor?..

¡Foi entre as crenças!.. 'nessa quadra magica
 De affecto e vida, de prazer e amor,
 Que veiu a morte derrubar com impeto
 Meigas esp'ranças de loução verdor!..

E eu que te amava c'um affecto ingenuo,
 Qual sente o peito de leal valor,
 Eu que te amava— ¡ver-te em meu delirio
 Phantasma triste de lethal pallor!..

É sombra apenas quem d'esta alma ao intimo
 Levou de amigo o divinal penhor;
 ¡Que eu vi um anjo pelos ares tenues
 Voar p'r'o throno do eternal Senhor!..

E qual o cedro, que do vento indomito
 Cede ao impulso de lethal furor,
 ¡Assim tua vida se alquebrava candida,
 Pendida na hastea, emmurchecida flor!..

¡E tu sorriste, nos momentos ultimos,
 Entre os deliquios de uma acerba dor!
 ¡Era o reflexo de uma estrella fulgida
 Mandando á terra seu final splendor!..

¡E tu sorriste ao encarar o tumulo!
 ¡Foi um sorriso de infantil candor,
 Era a tua alma, que, voando ao empyreo,
 Sorria ao mundo 'num adeus de amor!..

¡Era ainda um laço, que tua alma angelica
 Prendia á terra no lethal fulgor;
 E que em saudades, 'nesse extremo pavido,
 Tornava a morte com cruel rigor!..

¡Era inda ás crenças, que no teu exilio
 Deram ao peito divinal frescor,
 O adeus sentido:— da enlevada infancia
 O extremo brilho de terrestre amor!..

¡E tu voaste p'ra mansão beatifica,
 Cantar dos anjos celestial louvor;
 Quando em accentos de saudoso cantico...
 Te off'reço o affecto de immortal fervor!..

La d'essa estancia dos gentis espiritos
 Ouve estas notas do infeliz cantor;
 E ¡manda ao menos em meus sonhos tenues
 A tua imagem a affagar-me a dor!..

1857—15 de Novembro A. M. DA CUNHA BELLEM

N.º 13.º — *Patarata.*

EXPEDIENTE

A necessidade de mettermos mais alguma materia no nosso jornal, para satisfazer a muitos pedidos, que todos os dias se nos dirige, obriga-nos a empregar d'hoje em diante um typo mais miudo na composição d'alguns artigos.

A redacção fará publicar, e muito agradecerá os escriptos, que lhe forem remetidos, particularmente pelos lentes e estudantes da Universidade de Coimbra e das Escolas de Lisboa e Porto.

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em *Coimbra* — loja da imprensa da Universidade; *Lisboa* — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.ª; *Porto* — Sr. Jacintho Antonio Pinto da Silva; *Viseu* — Sr. Francisco Gomes Pinto; *Pezo da Regoa* — Sr. Manuel Mendes Osorio; *Evora* — Sr. V. J. da Gama; *Bragança* — Sr. Antonio Caetano d'Oliveira Furtado; *Lamego* — Sr. José Cardoso; *Santa-Comba-Dão* — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; *Leiria* — Sr. José Pereira Curado; *Aveiro* — Sr. Ernesto Augusto Ferreira; *Faro* — Sr. Feliciano José Alves Braga.

PREÇOS

	SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA	
Anno	1\$240	Anno	1\$460
Trimestre	360	Trimestre	450

Não assignantes: n.º 1.º a 12.º, contendo uma polka para piano e um grupo de estudantes: com estampilha — 1\$120 réis, sem estampilha — 1\$000 réis.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

REVISTA

Somos nós que temos a honra de encetar 'nestas columnas um dos generos mais difficultosos de escripta, que se usam no jornalismo, tanto litterario como politico. E porisso mesmo que é empregado por todos, e por alguns com especial mestria, mais melindrosa se torna a nossa posição. Depois de nós virão todavia melhores penas, que desenvolvam a materia com mais, pericia, e, pelo apuro de linguagem e delicadesa do conceito ministrem aos leitores dos PRELUDIOS uma leitura amena e desenfasiada dos acontecimentos do dia. Bastanos o prazer da iniciativa.

Entre todos os successos, que ultimamente têm tido logar 'nesta cidade, attrahiu todas as atepções a extineção do Conselho Superior de Instrucção Publica; e que, pela intima relação que tem com Coimbra e com a Universidade, merece ser especialmente mencionada. Diremos em poucas palavras a sua historia.

O governo, que hoje dirige a nau do Estado, desejando entrar na senda das reformas, e conhecendo que, para proceder methodicamente, devia principiar pelas suas proprias secretarias, apresentou em côrtes os competentes projectos. No da reforma da secretaria do reino vinha incluída a suppressão do Conselho Superior de Coimbra e creação d'um novo em Lisboa.

Com isto foi grande o sobresalto 'nesta cidade. Representaram logo contra tam inopportuna innovação a Universidade, os habitantes, a camara municipal e algumas do districto, assim como a Academia Polytechnica do Porto. A imprensa das duas cidades de Coimbra e Lisboa crusaram os

ferros em defesa dos interesses das suas localidades, que esta julgava melhorados e aquella offendidos com a proposta do ministro, que, approvada em ambas as casas do parlamento, necessita so da sancção real para ser convertida em lei.

As representações foram todas energicas e fundadas em rasões, que não se destruíram nem attenuaram. Os jornaes de Coimbra, se foram talvez muito ardentes na defesa do Conselho, tiveram a gloria de ver emudecidos os campeões de Lisboa: as melhores pennas da capital não se pejararam de tractar a questão pelo lado do ridiculo; e alguns, á falta do Genuense, agarraram-se ás fardas dos archeiros e ao fossilismo das charamellas! Na camara dos deputados os melhores oradores a favor da extineção não passaram de lindas banalidades; mas a opposição foi muito mal dirigida. Não houve systema, mas anarchia nos ataques, e alguns dos principaes membros da Universidade não assistiram! Um dos seus mais distinctos appareceu no proprio campo dos ministros, onde via seu irmão; e, subindo á tribuna, declarou mesmo que a Universidade na sua representação se achava moralmente coacta, por quanto fôra somente impellida por deferencia para com a cidade, cujos interesses julgava ameaçados! Com estes elementos de desordem perdeu-se uma boa causa.

Na camara alta passou o projecto com um voto de censura, expressamente formulado no relatorio das commissões, que o approvaram apenas por se não opporem ás grandes reformas, que o ministro prometia baseadas sómente na presença d'um Conselho em Lisboa!

Estamos por tanto na *alvorada d'um dia*

mais creador e estivo para a instrução popular. Com a mudança do pessoal e localidade do Conselho está organizada a nova revolução litteraria. As grandes capacidades do paiz, que vão ser elevadas ao consulado das letras, nada podiam fazer pela instrução sem tomarem o seu talher na mesa do orçamento. O Conselho não podia ser progressista sem trajar a libré palaciana, porque os ares da corte são uma esphera mais dilatada para a instrução do povo. Se houve tempo, em que os Pombaes não hesitavam em sair dos seus paços e vir trazer as leis da reforma ao seio das provincias, hoje, que é a epocha do progresso, em que ha vias ferreas e telegraphias electricas, não admira que hajam ministros, que necessitem em torno de si d'um Conselho official, mercenario da instrução, para chancellor as suas medidas rasgadas, fontes de publica prosperidade, que todo o paiz espera ancioso.

A sciencia ja foi declarada *decrepita*; |so o *trabalho util* é que hoje deve ser ensinado nas academias! A educação actual tem sido educação do absolutismo, |é necessario torna-a uma educação constitucional! Até hoje as instituições politicas foram creadas conforme as circumstancias ou as revoluções das sociedades; mas agora |o povo é que deve ser moldado por uma educação depurada, para gosar da fórmula social, com que o quizerem beneficiar! É esta a doutrina dos apóstolos do poder. Novos iconoclastas so esperam a regeneração pelas reformas de machado.

Tem sido tambem profunda a sensação causada pelo roubo feito á sancta casa da Misericórdia pelo seu thesoureiro, no valor de mais de oito contos de reis. O criminoso evadiu-se, mas deixou um germen de pleitos e discordias, que ameaça funestas consequencias para o piedoso estabelecimento, que defraudou. Os fiadores recusam satisfazer o compromisso da fiança, declinando a responsabilidade para a administração da casa, que por nimia boa fe parece não ter cumprido com as suas obrigações fiscaes.

Não interpiremos o nosso juizo em materia tam melindrosa, porque vemos d'am-

bos os lados individuos, que reputámos capacissimos; e, se culpas ha, so procedem da demasiada confiança no empregado infiel, cujos precedentes ja o não abonavam muito. Pena é se este conficto der em resultado recair a gerencia do estabelecimento nas mãos dos governos, o que talvez va ainda comprometter mais seriamente a sua fortuna.

Na Universidade e no Lyceu fecharam-se as aulas, e está-se procedendo aos exames e actos, para se encerrar o presente anno lectivo. Guardámos para outro numero falar detidamente d'este assumpto.

A. A.

UMA NOITE D'ABRIL

AO MEU COLLEGA E AMIGO R. N.

|Commette um crime de lesa-poesia quem 'numa noite d'estas despresa do campo as seducções, para se enterrar—quer no estreito recinto de mesquinha povoação—quer na vastidão d'uma cidade!

'Nesse vulto negro, que lá em baixo se distingue, a luz traça apenas uma faixa de prata desde os beirões dos telhados até, quando muito, á altura dos umbraes das janellas: ve-se apenas uma nesga do ceu, que se matisa de estrellas desmaiadas; sente-se o desaccorde rumorejar d'uma povoação, que se dispõe ao silencioso repousar d'um dia de fadigas e ociosidade, de invejas, despeitos, intrigas tenebrosas ou ridiculas; mas raro esmaltado por uma acção nobre, magnanima, caritativa, e desinteressada; escutam-se as rudes imprecações d'um carreiro contra a martyrisada juncta, que o beneficia tanto, quanto o barbaro a maltracta; ouve-se o estridulo chiar de moroso carro, e o monotono tamanquear nos seixos da calçada—dos ultimos, que se recolhem; e |tudo isto bem tristemente contrasta com o placido e magnifico da natureza, rica das primeiras galas da primavera!

Deixemos alem esse montão informe de sepulturas de vivos, com seus esplendores e miserias; deixemos adormecer seus habitantes, entregues a seus brutaes instinctos, a suas paixões torpes. Emquanto em

penosa ou inquieta vigilia combinam talvez preversos calculos, meditam vergonhosos empenhos, asquerosas devassidões, repugnantes intrigas e desprezíveis ambições, vamos bem longe d'ahi, fugindo a essa atmospha miasmatica, receber desafrentados a luz dos astros e as perfumadas caricias das brisas: vamos embeber os pulmões em seu halito creador, e abstrahindo das impressões, com que nos enfada essa vida de excepção, que diariamente nos cerca, vamos resgatar-lhe das garras algumas horas de mutua, franca e segura correspondencia, para as distribuir entre a contemplação e a amisade.

¡Amisade! sentimento delicioso, que fazes, quando sincera, de duas almas uma unidade perfeita! quero dever-te um d'esses momentos de plena satisfação, de que tens sido para mim tam avara; vem tomar o espaço, que vai entre o meu lado e o do meu caro R. N.: isola-nos de humanas exterioridades, coa-te depois em nossas almas, para ser a nossa unica e mais intima confidente.

Eis-nos a sos. ¡Em frente um panorama esplendido! O ceu tam puro e limpo, que parece convida a prescrutar com os olhos até o mais sumido de seus astros: levemente cerceada — a lua vem rica de luz e magestade assistir ao hymineu da natureza. É a primeira vez que tam bella, tam cheia e tam desembaraçada de nuvens se eleva sobre as montanhas, desde que a natureza convidou as galas da primavera para a festa dos seus amores. Os moles salgueiros começam de entrançar a verde e argentada ramagem com suas fofas plumas: rebenta o castanheiro: offerece á noiva a lorangeira engraçados ramilhetes: a rosa e a violeta exalam para o lilaz e para a acacia seus deliciosos perfumes; e, surprehendidos 'nesta junção pelos zephyros, vão ligeiramente encrespar a espelhada superficie do C., que tam poetico suspira la embaixo, ora como escondendo no seio os mansos beijos da virgem das noites; ora como repellindo-os, quando, mais buliçoso entre as piçarras do leito, desfaz em mil cada raio da lua, para se enfeitar de reverberos de prata.

¿Quantos, comprehendendo-as, resistiriam ás seducções d'esta noite?

Vem, meu caro R. Alem 'naquelle ponto denegrido, sobre que a lua começa a elevar-se, vai quasi dormente a vida dos homens: deixemos á magia d'um Asmodeu o dissecar-lhes a consciencia; e desçamos a encosta: vamos volver novas paginas 'neste livro de contemplação. Esta capella erguida no viso do monte, seus quasi apagados braços no escudo carcomido, são uma voz que nos despede, murmurando: — ¡Paz aos mortos!

¡Paz aos mortos! — que d'uma geração extincta é este um monumento! Essas toscas pyramides, pesada architectura e sombrio aspecto são um *monumento* do passado.

Descendo como em espiral o caminho da encosta chegámos á ponte. Agora dois minutos de reflexão, e talvez que aprendamos alguma licção de sabia philosophia.

— ¿Não sentes aqui, meu bom amigo, um não sei que de grande, magestoso e imponente?! Alem para o sul rebentando o C. da sombria garganta das montanhas ¿não te fala em seus gemidos uma linguagem mistica?

— Sentem-se, interrompeu com vivacidade o meu companheiro, mas não se traduzem as impressões, que tudo isto desperta. O turbilhão de sensações, a que dá nascimento, embaraça a fluencia das ideas. Ou é defficiente a linguagem, ou bem pobre a instrucção, que nos não deixa penetrar no que dentro em nós mesmos sentimos. Disse um escriptor: — se alguém ha, que não goste de musica ou de flores, Deus enganou-se ao creal-o. Immitando, posso dizer: — se alguém ha, que em hora semelhante passe indifferente por aqui, Deus enganou-se ao creal-o. Mas se para reproduzir ideas é necessario reproduzir impressões, dê-m-me os mais occultos segredos da musica para trasladar aquelle murmurar das aguas, para o qual Dumas não achou palavra, dê-m-me o tenebroso pincel de Salvador Rosa para retractar aquellas sombras, a divina inspiração de Raphael para fixar na tella as cambiantes da luz, que lhes succedem, e o inimitavel mimo de Van-Dick para concluir a paisagem. E a idea repro-

duzida havia de ser ainda assim imperfeita; porque a imaginação sempre se compraz em crear seres sem realidade, com que mais se deleita, do que com ella.

O meu amigo tinha razão. ¿Quantas vezes não succede na pintura, e assim em muitas coisas, confrontar-se a copia com o original, achar-se uma absoluta correspondencia de traços, côres, feições e caracteres, e por fim gostar-se mais d'uma ou d'outra? Mais um argumento a favor d'esta verdade: *O homem nem sempre diz o que sente.*

Se por não poder ou não querer — é um segredo de psychologia. Este corolario deduzi eu comigo 'num momento de silencio, depois do qual o meu interlocutor proseguiu.

— Comtudo, continuou elle, as minhas ideas sempre tomaram algum rumo ao contemplar tudo isto. — O rio, desde que o vemos apparecer, ora correndo em leito desigual, por entre nuas ribeiras, ora limpido entre salgueiraes viçosos; esta elegante ponte, os edificios e ruínas, que 'numa e 'noutra margem se assentam, compõem todos uma eloquente alegoria da vida.

O C., ao embocar da escura garganta das serras, imita o infante ao surgir á luz: vem das trevas; começa a vida por um gemido, e é raro o que no berço não teve asperezas. ¿Quantos saem d'elle sem terem sido ameaçados de passar d'alli para a eternidade? Cresce: o mundo o espera: ¡abre-lhe franco seus umbraes, que elle transpõe ufano, como um arco triumphal erguido em sua honra! Lembra esses umbraes esta ponte, ao mesmo tempo que symbolisa os ardis, com que o homem contra o homem combate e vence; o jugo com que o poderoso opprime o fraco. Essa capella, que na margem esquerda ergueu a mão da piedade, representa a fe e a esperanza, que nunca abandona o homem, ou para o salvar, ou para o desviar dos precipicios. Aquelle velho palacio fronteiro, na outra margem, cujas paredes vestidas de hera ameaçam ruína, lembra os encobertos designios d'um peito preverso e traiçoeiro, as consequencias das paixões, a fraquesa da decrepitude mendigando extranho amparo; e ¡é, por fim, como o pomposo *aqui jaz*, que a eter-

nidade escreve sobre tudo o que é humano!

¡É verdade! considere eu comigo. — ¿Que é feito d'esses poderosos condes ou marquezes, que 'naquelles paços deram festas e soláos?

¿O liame d'aquellas pedras foi talvez amassado com sangue e lagrimas d'uma povoação inteira, e por isso existem solidos alguns lanços de parede, para relatar ao futuro crimes do passado? — ¿Quem sabe?!

¿Serão os pregoeiros do nome e virtudes d'um varão honrado? — ¡Bem póde ser!

'Neste instante a lua escuou um jacto de luz pelas janellas, não tapadas, na frontaria do palacio do marquez d'***, e como timida castellã, que receando ser vista, para esconder-se atraz das delgadas columnas, que pelo meio sustentam os enflorados umbraes, fica a descoberto d'ambas as partes, assim ella foi de suslaio debuxar a face no rio.

A noite, como fada, a cujo condão tudo rebenta em maravilhas, creava a cada instante novas seduccões para attrahir-nos. Atravessamos o resto da ponte, e descendo para a margem direita do rio caminhámos ao longo das ruínas.

Consta que morrêra em Africa um Senhor d'aquelle solar. Para os genios contemplativos tudo tem a sua historia e a sua linguagem, mormente umas ruínas. Fitei-as com reflexão e com respeito, que me recordavam uma epocha de lagrimas. ¡Portugal ainda não carpiu bastante a famosa jornada d'Alcacer-kibir, que mesmo assim foi um assombroso documento da nossa grandesa!

¡Quando passou a hora das grandes acções em nossa patria, achou ella que não chegava o seu terreno para a sua sepultura, e foi por isso morrer em Africa! A imitação d'isto resam romances de que os marquezes de Castello-Melhor não morriam na cama: armados, na hora extrema, de ponto em branco, iam expirar sentados na cadeira senhorial, de que tinham feito justiça ou dictado leis a seus vassallos.

¡Paz ao rei Sebastião, que ao menos

deu a Portugal um pensamento illustre, e um nobre estímulo ás lagrimas de Camões!

Ao deixarmos as ruinas atraz de nós, succedeu-se outra série de ideas.— ¡Coimbra! a nossa tam bella Coimbra, patria de ledas e sempre chymericas esperanças, em que, inda hontem descuidados e cheios de emoções, não pensavamos o futuro qual elle é, deliciosamente nos veiu pungir com os espinhos da saudade. Aquelle tam ledo passeio do encanamento nos veiu á lembrança com as doces recordações de mais folgados dias. Entre o nosso passeio d'agora, e os do *encanamento* havia uma tal ou qual similhaça, por causa d'uma assente calçada, á beira d'um rio, cujas margens se decoram de choupos e salgueiros.

Arrobada a idea 'nessas fagueiras recordações de estudantes, longo tempo estivemos ambos, ou absortos na contemplação d'esse ha tam pouco passado, ou repetindo algum de seus episodios, que mais vivamente nos impressionaram.

Acordados d'este doce meditar tivemos ainda outra occasião de mirar novas graças, de que ia tam prodiga a noite. Bem sabia ella, que assim como não teve antecedente proxima tam formosa, tambem não havia de ter seguinte.

Lisa, como um espelho, na superficie do rio se debuchavam as arvores, casas e montes sobranceiros, com uma perfeitissima correccão de traços, exactidão de côres, que se podiam conhecer á claridade da lua. ¡Um pincel inspirado para traçar o quadro misterioso, e um extase para contemplal-o!

Não era a monotonia de meia dusia de casas irregulares e sombrias, estiradas ao longo da margem, mirando-se no rio, como esperando que as aguas, ao passar, lhes lavem a fronte do musgo e da poeira: não eram soberbos edificios abrindo ufanos sumptuosos umbraes de marmore, jorrando a luz de esplendidos saráos; mas a simplicidade da aldêa, a piedade e a natureza compunham ainda não reproduzido painel de poesia sublime. Avultava no fundo, coberta de oliveiras, encostada montanha, terminada por uma capella, de que somente se via um angulo por entre as arvores; algumas casas igualmente semi-escondidas ao

meio da encosta, e no primeiro plano uma alva ermida em pentagono, deixando ver duas faces e algumas das graciosas piramides, em que terminam os cunhaes: margem abaixo, algumas caladas, humildes ou elegantes vivendas, que se perdiam atraz d'uma extensa alla de arvores; e para cima dos arcos da ponte se completava o mesmo panorama, em que uma phantastica daguerreotypia retractava os objectos com as harmonias da luz, que lhes davam um tom, que se não descreve.

O meu amigo R. tinha rasão, quando me dizia que nem para tudo chegam as palavras.

¿Que val dizer, como então diziamos:— lindo! bello! magnifico! delicioso! feiticeiro! incantador, se tudo se resumia 'num *indizivel!*? Ha de aqui ficar sempre uma lacuna, que em vão tentaria preencher.

¿Que ficou deprehendendo de tudo isto o leitor? Talvez nem mesmo, que, o que tanto nos impressionava, era a paizagem que se desenhava no rio.

Depois de longo contemplar, nossas mãos se apertaram mutuamente e soltámos um suspiro. Era elle como nuvem, que nos empanava o céu: producto de recordações intimas—o coração nol-o arrancou d'alma.

Começava a hora das confidencias.—

¿Onde chegou esse suspiro?, perguntei eu.

—A um cemiterio, murmurou tristemente o meu amigo, e ¡como vaga, que no oceano quebra contra uma rocha da praia; assim elle quebrou contra a pedra d'um sepulchro! É uma historia muito simples: como a de bastantes infelizes—cifra-se em duas palavras.— ¡Foi uma mulher, d'essas, que sempre deixam recordações, e a quem sorveu a campa no florir da vida!.. ¡Morreu por ter amado muito!

Calou-se depois d'estas palavras. Era triste o seu recordar.— Agora tu, disse elle, depois de bem tempo: um suspiro é uma ruina, deve ter a sua historia, e de mágoas que seja sei tambem sentil-as.

— ¡De mágoas e de saudades é ella bem repassada!.. ¿Ves ahi no fundo do rio essa estrella, mais brilhante que todas, que vai quasi sumida?; é aquella que alem se esconde para detraz do occidente. Não sei

que tempo la vai, desde que 'numa noite eu contemplava, á luz d'aquella mesma estrella, idolatrada virgem, que de pallida seus raios tornavam mais pallida. A luz de seus olhos, ora semi-morta, ora penetrante e expressiva, matava-me. Em frente o jasmineiro desfazia-se em estrellas, o cinamomo em rouxas plumas e ambos em perfumes: a noite sem luar, e nós sosinhos no vão de meio escurecida janella... ¡E tudo aquillo para um adeus, que ja me presagiava o coração, que havia de ser o extremo! Extremo foi elle, que nunca mais a vi, senão como nas aparições dos contos de Walter-Scott. 'Nesse instante pedia um milagre a Deus para me não apartar d'ella; e como inspirado por essa estrella, tomando-a como polar, disse para a virgem dos meus amores, como vencendo a sorte, que me opprimia:

... se quizeres dar um doce alivio
 Á minha magoa e tua, Helena bella,
 O norte encara, amiga, e nossas vidas
 Ver-se-hão alguns instantes confundidas
 Nas mysticas soidões d'essa alva estrella.

Como se essa mulher tam querida pudesse realizar tam louca ambição, esperei encontral-a agora 'nessa estrella, e ¡achei-me so! ¡Aquelles melancolicos raios não me entornaram na aridez do peito uma lagrima de saudade, que ella lhe tivesse confiado para mim!

Falando d'est'arte insensivelmente nos approximámos da villa. A lua, pairando pelo ceu, desafogada inundava tudo de luz, ornava as ruas, e o silencio era completo.

Felizmente cessára por algumas horas em torno de nós esse estúpido positivismo d'uma vida anormal, que de continuo aqui nos materialisa...

Abril,— de 185...

M.

MATHILDE OU A JOVEN CITHARÉDA

(Continuado do numero 13)

II

O ruido da marcha dos soldados, que se tinha tornado distincto inteiramente, mos-

trava, que ja se tinham aproximado aos muros do castello. Theodora, assustada o mais possivel, chegou a uma das janellas, e empallideceu de medo, quando viu, á claridade da lua, que brilhava como uma foice de ouro, por entre intervalos das nuvens, uma multidão de guerreiros, armados de couraças e de brilhantes capacetes, montando vigorosos corseis, multidão que cobria todas as avenidas do castello. A sua gritaria confusa não fazia duvidar dos seus designios hostis. Theodora estremeceu de espanto, e exclamou: «¡Meu Deus! que vejo!» A joven Adelina, notando o susto de sua mãe, começou a chorar e dar gritos lamentaveis. A pobre mãe procurou consolal-a o melhor possivel, depois ajoelhou, e derramando bastantes lagrimas, pediu a Deus, que a não desamparasse 'neste momento terrivel. Um pouco fortificada com a sua ardente oração, tractou de ajuntar as suas joias mais preciosas, em quanto que as cadêas da ponte levadiça, que se tirava, faziam ouvir um som surdo e sinistro.

Era impossivel que a fraca guarnição de Haute-Roche, oppozesse uma forte resistencia a um tam grande numero de assaltantes. Ja uma grande parte dos inimigos dirigia as escadas para os fossos do jardim, e se preparava d'este lado á escalada. O lugubre som do sino da terra de Haute-Roche, echoando nos valles proximos, chamava ás armas a população visinha; mas este ultimo recurso d'uma fortaleza nas ultimas extremidades, não serviu de coisa alguma. Transpuzeram sem a menor resistencia as muralhas do jardim, porque a pequena guarnição, que defendia o castello, estava toda collocada atraz da ponte levadiça, e ahi se defendia desesperadamente.

O forte foi obrigado a entregar-se ao inimigo, que 'nelle penetrou pela retaguarda. Theodora estremeceu toda quando ouviu o estrondo que fez a ponte levadiça, abaixada bruscamente, e o som que faziam os passos precipitados e pesados dos guerreiros que, subindo as grandes escadas, se approximavam dos aposentos da infeliz Theodora. Ja de prevenção ella tinha corrido todos os ferrolhos, mas ¡que fraca barreira! Em um abrir e fechar d'olhos a porta foi arramba-

da, e uma brutal soldadesca invadiu o seu quarto. Ella se refugiou para um outro, tendo tambem o cuidado de fechar a porta, e ainda melhor do que a primeira, porque este quarto não tinha outra saída para onde a desgraçada castellã podesse fugir; mas aconteceu-lhe o mesmo que ha pouco lhe tinha acontecido: a porta foi arrombada, e a infeliz Theodora via-se a sos com os guerreiros, sem outra esperança, do que a fe e a plena confiança em Deus, que nunca desampara os desgraçados.

Entrando, os soldados desenfreados precipitaram-se sobre a tremula Theodora, que tinha sua filha em seus braços, e dava gritos, que despedaçavam o coração.—Anda, anda, dá-nos as tuas chaves, lhe gritavam estes furiosos; leva-nos á cava e á copa. Depois da victoria, so resta a pilhagem; vámos, vámos, avia-te e despacha-nos.

(Continúa)

J. DE CASTRO JUNIOR

O DIA 23 DE JUNHO

TRADUZIDO DO ESPANHOL

E

OFFERECIDO A MEU MANG

O DR. MANUEL CARRILHO GARCIA

Descrever a formosura da natureza
debaixo de suas diferentes phases é o
que mais trabalho me tem custado.

D'ARLINCOURT

No anno passado de 18... achava-me, no tempo dos banhos, na bellissima povoação d'Andaluzia, provincia de Granada, que se chama Lanjaron: as pessoas, que uma vez a viram, conservam d'ella uma recordação tam agradável, que so póde comparar-se com a grande pintura dos bosques da Escossia, feita pelo immortal Walter Scott. Situada em uma encosta plantada por todos os lados de bosquesinhos, de laranjeiras e limoeiros, intermeados de vinhas e souts, apresenta uma perspectiva surpreendente e ideal.

Sempre 'naquelle sitio se encontra nova vegetação, que admirar, e em todos os tem-

pos do anno prevalece o fructo do deus Baccho.

Tanto por sua vantajosa posição ao meio dia, formosura e fertilidade, como por suas aguas ferreas mui recommendadas ás pessoas, que não gosam boa saude, é no tempo dos banhos um dos pontos mais concorridos, e onde as inimitaveis granadinas vão dar expansão a seu animo abandonando por algum tempo a cidade mourisca.

Tudo 'naquella epocha é animação, principalmente na hora, em que o sol, escondendo-se em seu occaso, vai projectando essas meias côres, que tanto embellecem a natureza.

Áquella hora d'oração para os moços, e descanso para o pobre, caminhavamos meu amigo Alfredo, joven medico de grandes esperanças, e eu, em direcção a *Fuente-agria*, que se encontra ao meio dia da dicta povoação. Arrebatadora e surpreendente se apresentava á nossa vista aquella paizagem, aquelle panorama natural; centenaes de jovens elegantes se viam aqui e alli com seus trajés de banho, qual mais lindo e gracioso. O sol ia chegar a seu termo, e apenas os vertices dos pinheiros e as cuspidés das altas nogueiras se viam ainda dourados pelo astro benefico, que refractando-se em as innumeradas casas de campo e ferindo o polido de seus vidros de varias côres, arrojava infinitos raios, que semelhavam outros tantos soes... Tudo era vida e animação áquella hora, e até os passaros, cantando alegremente sobre a copa das arvores, pareciam dizer adeus áquella dia, que se retirava tam vagaroso para uns como rapido para os outros.

É 'naquelles momentos, e contemplando aquella grande criação, que o homem pensador não póde deixar de conhecer e render homenagem á existencia d'um grande ser, que organisou a natureza com tamanho grau de formosura, para que o homem a disfructe!..

'Naquelle ponto, e áquella hora, não é possivel que haja um individuo, que negue a existencia de Deus, porque involuntariamente se apossa do coração um deleite, que o dá a conhecer.

Havia algum tempo que caminhavamos,

eu embebido 'nestes pensamentos, e meu amigo cabisbaixo e pensativo mais do que de costume; finalmente e como distraído:

—¿Pódes dizer-me que horas são?

—Seis e meia no meu relógio, respondi-lhe... ¿mas porque me fazes essa pergunta? Esta tarde estás muito pensativo e um pouco triste... algum pesar secreto ha em teu coração, e muito sentido ficarei se m'o não communicares.

—Nenhum... mas hoje é um dia terrível para mim, e que jamais se riscará da minha imaginação, por mais que tente fazel-o... faz hoje trez annos que meu pai se suicidou por uma vã suspeita.

—¿Por uma suspeita! e ¿que merece o homem, que abandonando de tal modo as ideas religiosas póde por mera suspeita attentar contra a sua vida?... ¿Miseraveis!.. os que tal praticam são covardes... porque, ¿quando ha sufficiente motivo para um homem se suicidar? ¿nunca! Uma palidez mortal se espalhou no rosto do meu amigo ouvindo estas palavras.

—¿É verdade! replicou elle — todavia o fatalismo, as exaltações da imaginação... e os demaziados soffrimentos são causas sufficientes, segundo alguns, para o suicidio.

—¿Segundo alguns!.. ¿e quem são esses alguns?... homens, que com o intuito de causar novidade com seus escriptos espalham esses falsos principios. Crê-me, porém, nunca ha rasão bastante para o fazer.

— Isso dizes tu agora, replicou, que não tendo nenhum pesar amargo, d'esses que pungem o coração, que destroem e tornam escuro e sombrio nosso futuro, deixando indeleveis vestígios da sua passagem, em fim d'esses a cujo golpe o homem se aniquilla e contra os quaes nada póde fazer, que tudo é inutil. Se tal coisa te houvera succedido talvez mudasses de modo de pensar: meu pai sustentava os mesmos principios e todavia suicidou-se.

Uma lagrima resvalou involuntariamente pelas faces do meu amigo.

— Triste, mui triste é fazer-te recordar esses factos; e comtudo, se não temesse incomodar-te, supplicar-te-hia, que me narrasses essa historia, que deve ser importante.

— Bem, disse o meu amigo, vamos sentar-nos 'naquellas pedras, que estão á direita do caminho; d'este modo ficaremos livres d'importunos, que nos interrompam.

Assim o fizemos effectivamente, principiando elle a sua narração da seguinte maneira.

II

As recordações das desgraças são como as feridas mal curadas, que pelo minimo motivo, com a minima alteração atmospherica tornam a abrir-se.

FRUÍO.

Meu pai pertencia a uma das primeiras casas de Baeza, e tanto pela posição, que na sociedade occupava, como por seu caracter amavel era muito bem quisto em Jerezanos, cidade onde residia. Na sua mocidade seguiu a carreira militar; tendo, porém, recebido uma balla em uma perna, retirou-se do serviço, não tendo ainda mais do que 25 annos.

Emquanto serviu, teve umas relações, que tiveram um desenlace fatal, protestando meu pai, todas as vezes, que de tal falava, que não fóra por culpa sua.

Quando voltou, conheceu em Jaen, cidade a seis legoas da sua terra natal, uma linda joven, á qual uniu sua sorte. Aos tres annos, e quando ja vivia em Jerez, nasci eu; meu nascimento apertou mais, se possível era, aquellas duas candidas almas, nascidas uma para a outra.

Assim passaram alguns annos depois do meu nascimento, sem terem outro filho, apesar dos rogos de minha mãe, que desejava ter uma menina.

Um dia recebeu meu pai um anonymo, em que lhe diziam, que sua mulher lhe era infiel; não deu ouvidos a tal aviso, pois conhecia bastante a virtude de minha mãe, para desconfiar d'ella na mais pequena coisa.

Poucos dias depois, foi nomeado pelo governo para uma missão secreta, juncto da côrte de Lisboa.

Mui triste lhe foi separar-se de sua querida Maria, assim se chamava minha mãe, a quem ternamente amava, assim como de mim, que ainda não contava nove annos; comtudo um dever sagrado lh'o mandava,

e não pôde, como cavalheiro castelhano, faltar ao que seu rei lhe ordenára.

Partiu emfim deixando-nos em sumido pranto. Quando se despediu mostrou o anonymo a minha mãe: então ella indignada quiz a todo o custo segui-lo; meu pai não consentiu, dizendo-lhe que sabia, que ella era incapaz de semelhante falta.

Finalmente, meu pai partiu no dia 23 de Junho de 183...

Passára-se cerca d'um anno, depois de sua partida, quando, pelos dados, que depois achámos em seus papeis, recebeu meu pai outro anonymo, em que lhe diziam:

«Não acreditaste, quando te avisámos, que tua mulher te era infiel; todavia, para te provar que é certo, se tens perspicacia, podes convencer-te por teus proprios olhos: tua mulher está em *estado interessante*: se fores homem d'honra e não tardares muito, verás tirar de tua casa o fructo de tua deshonra. É essa a mulher, que tu julgás-te um anjo.»

Quando meu pai recebeu este infame anonymo, podes imaginar como ficaria furioso; em sua exaltação de ideas chegou a acreditar-o, e em consequencia poz-se em marcha para Jerez no dia 17 de Junho de 183...

No dia 23 do mesmo mez chegou a Jerez, hospedando-se em uma casa de pasto, que estava por de traz da casa, onde residiamos.

Parecia que um ente invisivel, vingativo, o seguia e conhecia até os seus mais intimos pensamentos; pouco depois de chegar, um homem, perguntando pelo seu nome, lhe entregou outro anonymo; quando meu pai tractou de apoderar-se do mensageiro ja este tinha desaparecido. O anonymo era concebido 'nestes ou semelhantes termos:

«Hontem saíu tua fidelissima mulher do seu apuro, e esta noite á uma hora tirarão pela porta do jardim o recém-nascido para ser exposto. ¿Que te parece tua mulher, pobre homem?»

Uma nuvem de sangue offuscou a frente de meu desgraçado pai, passando por sua vista turbada; no mesmo momento procurou suas pistolas e dispoz-se para se achar á hora dita no ponto aonde o citavam.

¡Quantas angustias passaria até áquella hora! ¡Infeliz!

Os olhos do meu amigo arrasaram-se de agua.

— Não se demorou, continuou elle, em chegar ao logar designado; meia hora antes ja estava em observação; por sua cabeça e seu coração crusavam mil extranhas ideas. 'Naquelles momentos, uma voz, que pronunciou as palavras: «¡Justiça de Deus! hoje é o dia 23 de Junho! Faz hoje annos que Constancia de... morreu por tua culpa, por teu infame proceder!» o fez estremecer e complicou mais e mais sua critica posição.

Debalde procurou a pessoa, que pronunciára aquellas fataes palavras; foi inutil, não a encontrou.

Poucos instantes depõis abriu-se a porta do jardim, e um homem saíu por ella embuçado em ampla capa. Debaixo d'ella chorava uma creatura.

Meu pai caminhou apressadamente atraz do que a conduzia; porém, quanto mais ligeiro era o seu passo, mais rápido era o do embuçado.

Pouco depois a creatura ficou depositada na roda; e quando meu pai ia apoderar-se d'ella, a roda girou velozmente sobre seu eixo, e aos pés de meu pai caíu um bilhete. 'Nelle estavam escriptas estas palavras:

«¡Estás deshonrado, e ámanhã se saberá por toda a cidade que a illustre Senhora de... commetteu uma falta, e todos te apontarão com o dedo e se rirão de ti... pobre homem! Por mim so um caminho honroso creio que te resta, para salvar tua honra.»

Com todos estes dados não duvidou meu pai de sua deshonra, mas 'naquelles momentos prevaleceu 'nelle mais o amor de sua mulher, do que o interesse de sua existencia.

(Continúa)

M. J. CARRILHO GARCIA

INVOCÇÃO Á ESPERANÇA

(VERSÃO D'UMA POESIA DE D. JOSÉ ZORRILLA)

Doce illusão da vida, meiga esp'rança,
Triste e ultima luz do coração,
Ao teu frouxo esplendor um passo avante
Dá o mortal no escuro pantheão.

So tu nos dás alento nos caminhos,
Em que entrámos no instante de nascer,
Nosso amargo destino, é teu destino,
So dos teus mimos nos sorri prazer.

Se nos doiras a infancia socegada,
Accendes nossa ardente juventude,
Amparas a velhice vacillante,
E ardes inda no concavo atahude.

És sol na vida, lampada na morte,
Gozámos sempre dos influxos teus,
Fiel, nos deixas, so quando te perdes,
Aos pes do throno do supremo Deus.

(F.)

NA PRIMEIRA PAGINA D'UM LIVRO

Do livro da minha vida
Se as folhas quizerdes ler;
Guardai segredo d'aquella
Que fala do meu soffrer...

É singella; as tristes letras
D'esta folha soletrai;
Mas jo que ella vos revela
No vosso peito guardai!

Vedes manchas do meu pranto...
Mas não digais que chorei,
Que o mundo não me perdoa
O pranto que derramei.

Tive dores tam pungentes...
Um martyrio tam cruel...
Da vida a taça me encheram
De tam acre, amargo fel...

Que verguei... e me correram
Pelas faces a escaldar
Lagrimas quentes... de sangue...
Sangue d'alma a trasbordar.

Lede esta folha tam triste;
Mas o que leste calai;
E se esta dor vos commove,
Não tenhais pejo... ¡chorai!

1853

A. A.

HYMNO

PARA UMA PHILARMONICA D'ARTISTAS

AO MEU AMIGO E CAMARADA DE 6 ANNOS J. A. M.

Era o homem no berço inda rude:
A harmonia fallou-lhe branduras,
Dos ceus filha, desceu das alturas,
Para as almas no berço affagar.

Seus vestigios seguia a virtude,
Inspirando sublimes ideas:
Novo sangue correu pelas veias,
Novos astros se viram raiar.

Desdobrou-se aurea luz do futuro
No infinito do vasto horisonte,
O prazer traduziu-se na fronte
Dos que leram no ignoto porvir.

Das montanhas desceu menos duro
O brutal caçador d'essa idade:
Tribu errante fixou a cidade;
Da cidade eis o imperio a surgir.

Era um anjo a chamar-nos á vida,
Qual ha de outro chamar a juizo,
Ou do Eterno foi meigo sorriso
Espargido 'na terra e 'no ceu.

Na feroz crueldade involvida
Raça d'homens, que então existia,
Seus costumes abranda, amacia
Enleada nos cantos d'Orpheu.

A harmonia ao trabalho nos chama,
A harmonia conduz á virtude:
Se ha linguagem, que mente, e que illude,
¡Esta nunca! não póde mentir.

Altos vôos dos genios inflamma,
Alimenta suaves amores;
Junca a vida de mimos e flores,
Gera esp'ranças, promette o porvir.

Junto ás aras eleva-se em hymnos,
Em romances percorre as campinas:
As estrellas no ceu pequeninas
'Nesta lingua s'exprimem tambem.